

JAMES JAMES

SILVIO MANCUSI

SILVIO MANCUSI

50 pès

40 pès

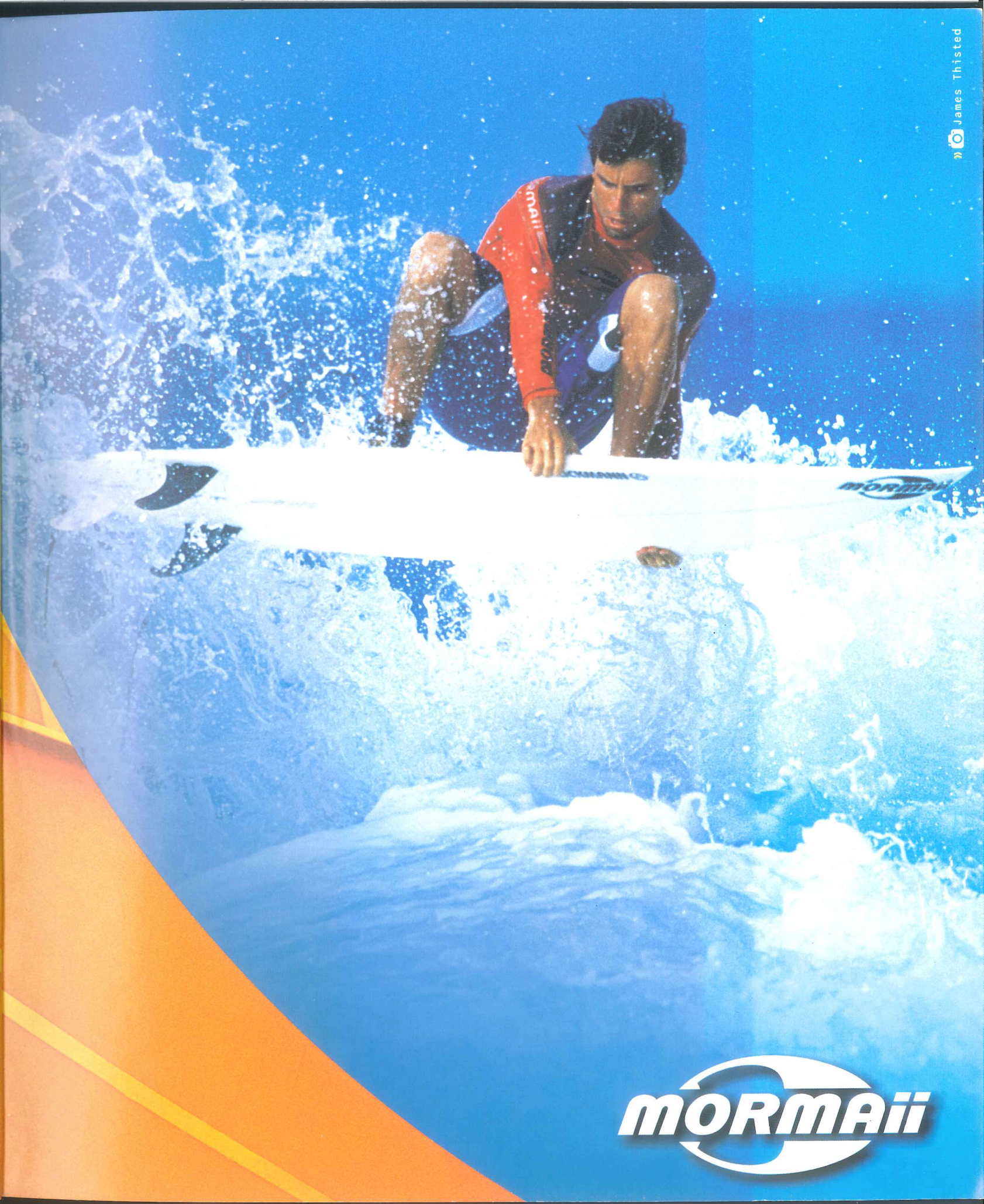
30 pès

SILVIO MANCUSI





**Parabéns  
Renato Galvão  
Campeão  
Brasileiro  
de Surf  
Profissional  
2004**



© James Thisted

**MORMAII**





# ...nem teme quem te adora a própria morte...

*Ouviram às margens plácidas, de um povo heróico o brado retumbante, e o sol da liberdade, em raios filgidos, brilhou no céu da pátria nesse instante. S dessa igualdade, conseguimos conquistar com braço forte, em teu seio, ó liberdade, desafia o nosso peito a própria morte! Ó pátria amada, idólte! Salve! Brasil, um sonho intenso, um raio vívido, de amor e de esperança à terra desce, se em teu formoso céu, risonho e límpido, a imagem resplandece. Gigante pela própria natureza, és belo, és forte, impávido colosso, e o teu futuro espelha essa grandeza. Terra adorada, entre outras, Brasil, ó pátria amada! Dos filhos deste solo és mãe gentil, pátria amada, Brasil!*

*Deitado em berço esplêndido, ao som do mar e à luz do céu profundo, fulguras, ó Brasil, florão da América, iluminado ao sol do novo mundo! De que te arrida, teus risonhos, lindos campos têm mais flores; "nossos bosques tem mais vida", "nossa vida" no teu seio "mais amores". Ó pátria amada, salve! Salve!*

*Brasil, de o seja símbolo, o tábaro que ostentas estrelado, e diga o verde-louro dessa flâmula, paz no futuro e glória no passado.*

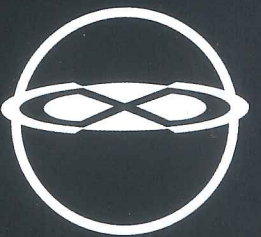
*Mas, se exija a clava forte, oerás que um filho teu não foge à luta, nem teme, quem te adora, a própria morte. Terra adorada. Entre outras mil, és tu, brasumada! Dos filhos deste solo és mãe gentil, pátria amada, Brasil!*

A le m ã o d e M a r e s i a

Indústria brasileira. Levante esta bandeira.



**south to south**





CONGRATULATIONS

*Andy Irons*

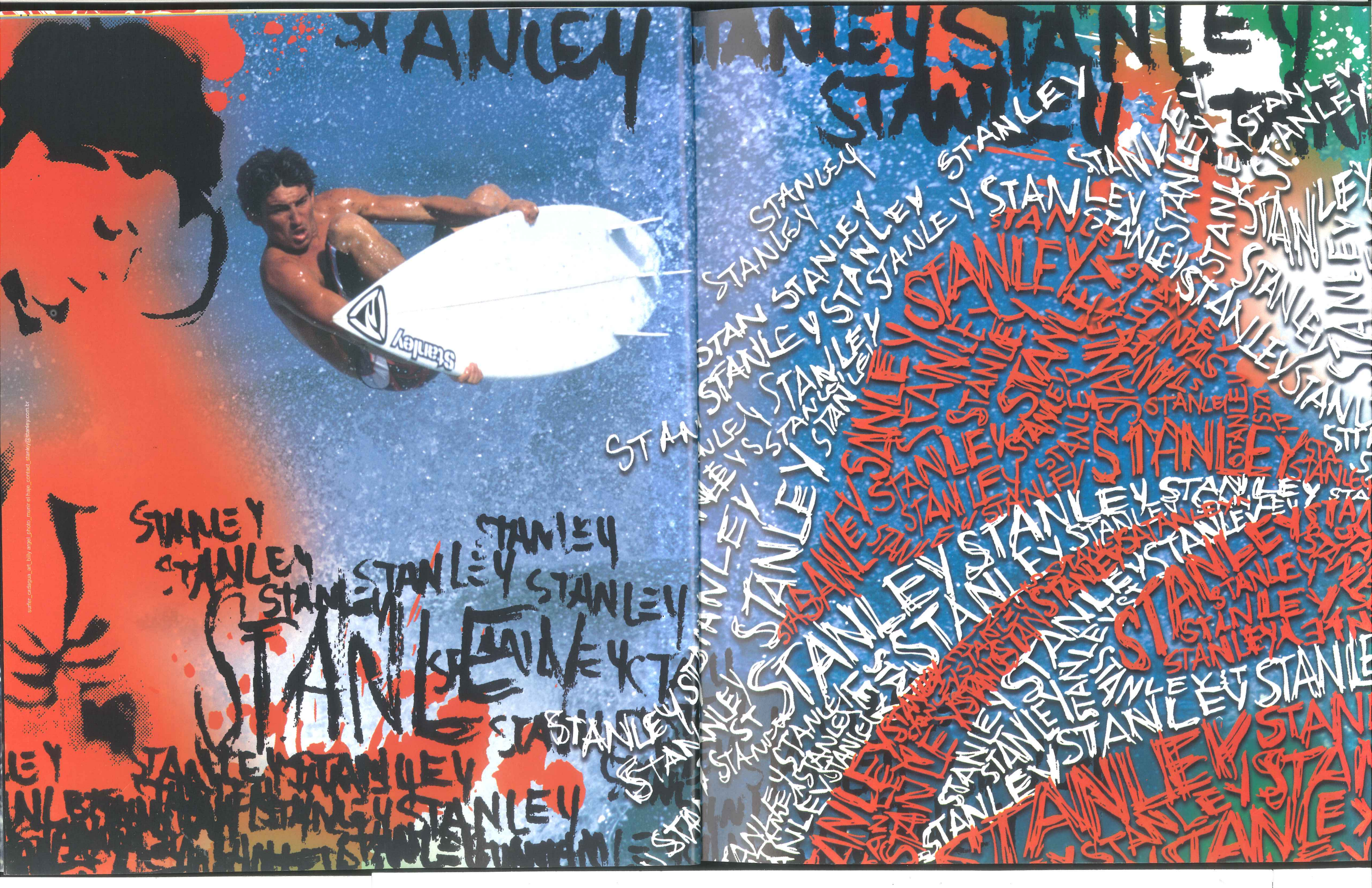
3X

*World Champ*  
2002 2003 2004



**Billabong**  
BILLABONG.COM





surfer\_cordagua\_art\_billy\_angel\_photo\_mirror\_of\_hole\_contact\_stanley@stanley.com.br





www.havaianas.com.br

Pelo menos ondas de dois pés  
você já pode pegar.

**havaianas**  
Slick





Este é o mundo Red Nose Sem Limites

**Red Nose**  
Red Nose XTREME Sports Ltda.  
All rights reserved.  
[www.rednose.com.br](http://www.rednose.com.br)



www.cavaleira.com.br  
direção de arte: Ricardo González / Ricardo Natalo  
foto: André Passos



# Cavaleira

## Jeans Douro



São Paulo: Al. Lorena - Shop. Ibirapuera. Em breve: Shop. Higienópolis - Shop. Villa Lobos - Shop Morumbi. Rio de Janeiro: Shop. Rio Sul. Em breve: Belo Horizonte: Shop. Diamond Mall. Em breve: Goiânia - Shop. Flamboyant.







**Comemorações, aniversário, vida de praia**

Comemorar é a pauta do momento aqui na Cosmmos.

Comemorarmos a vida na praia, cada vez mais e melhor. Só falta viver nela, o que me parece estar bem perto...

Comemorar as conquistas de vida e trabalho, nossa série de lançamentos deste ano, contando com esta maravilhosa edição de aniversário de quatro anos da Alma Surf.

Comemorar o tempo que passa, e passa para todos. As filas andam, os movimentos se deslocam, refazem-se territórios, reconfiguram-se situações e realidades. Viva o tempo, viva a Alma.

Comemorar nossa equipe. Vivemos hoje uma rave de produção editorial com muita realização de equipe, time, grupo. Nossa turma tem aferido, além de prêmios, muitos novos leitores e consumidores, o que, cá entre nós, é o maior reconhecimento de um bom trabalho, a aceitação no ambiente/mercado em que atua. Vivemos hoje um aumento expressivo em nossas vendas: a Alma Surf tem sido lida e comprada cada vez mais. Obrigado/ thanks/ mahalo !!!!

Comemorar nossos colaboradores: brasileiros, americanos, australianos, italianos, franceses, argentinos, uruguaios, peruanos, chilenos, ingleses, portugueses, espanhóis, balineses, taitianos, africanos, mexicanos, irlandeses, havaianos... e agora Neco Padaratz, o maior e mais verdadeiro símbolo do surf moderno, que escreve em TODA edição da Alma Surf. Obrigado/ thanks/ mahalo.

Comemorar Fábio Fabuloso.

Comemorar Nova Schin/ Tropical Brasil WCT.

Comemorar Renato Galvão, Adriano Mineirinho, Picuruta, Phil Rajzman, Rico, Kid, a chegada de Makua Árias. Aloha.

Comemorar as revistas de surf, tema central desta edição de aniversário, um tributo à mídia mais influente e poderosa do surf: REVISTAS DE SURF!

Mais: pire com o surf na Coréia, e ondas mágicas no Farol de Santa Marta; descobrimos novos picos de snowboard no Chile; confira as Luiluzinhas arrasando em estilo no Sul; veja e sinte... Muito bom!

Comemorar O Brasil do Surf, livro que lançamos (Cosmmos) e retrata a exuberância do nosso país pela ótica surfística. A maior obra que já realizei como editor e que me orgulha muito. É uma homenagem do surf para o Brasil. É a aceitação do mercado americano, onde o livro foi lançado em primeira mão, representando um marco na história da relação entre os países no campo cultural. YES! Leiam, comprem e divulguem. O Brasil do Surf é uma obra de todos nós.

O surf é cada vez mais mágico. Conheci um mar sem vento, e me deu a sensação de ser o paraíso. Viver na praia, meditar, surfar, transar, estudar, celebrar, comemorar, comemorar, comemorar, comemorar...

Surf, meditação ativa.

Aloha,

Romeu

COSMMOS DO BRASIL PRODUÇÃO EDITORIAL  
 Maria Dias Carvalho

ALMA SURF

**Publisher**  
 Romeu Andreatta Filho

**Projeto Gráfico**  
 Mike Salisbury

**Editor de Arte**  
 Gustavo Torres Moraes

**Editora Assistente**  
 Viviane Palladino

**Revisão**  
 Francisco José M. Couto

Colaboraram nesta edição:

**Texto**  
 Al Hunt, Aleko Stergiou, Andres Pinilla, Juliana Moraes, Levy Paiva, Marcela Carrocino, Márcio Bacana, Neco Padaratz, Peter Townend, Reinaldo Andraus (Dragão), Rico de Souza, Sam Bleakley, Taiu Bueno

**Fotos**  
 Ado Henrichs, Al Hunt, Aleko Stergiou, Beto Paes Leme, Dan Merkel, John Callahan, Juliana Moraes, Levy Paiva, Mike Salisbury, Nilton Santos, Nilton Barbosa, Oxbow, Rick Werneck, Sean Davey, Ricardo Rojas, Tim Mc Kenna

**Publicidade**  
 Patrícia Barros  
 pattbarros@almasurf.com.br

**Departamento Financeiro**  
 Fabio Augusto Pilch  
 fabio@almasurf.com.br

**Distribuição**  
 Dinap S.A. – Distribuidora Nacional de Publicações

**Pré-impressão e Fitolito**  
 ArtSim Projetos Gráficos

**Impressão**  
 SuperGráfica

**Jornalista Responsável**  
 Alberto J. R. Woodward  
 MTB 1822

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da Cosmmos do Brasil Produção Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

**Alma Cultural**  
 Flavio Morbio  
 flavio@almasurf.com.br

**Correspondências**  
 Rua Dr. Fonseca Brasil, 295  
 Morumbi – São Paulo – SP – 05716-060  
 Telefone: (11) 3744-3711  
 e-mail: almasurf@almasurf.com.br

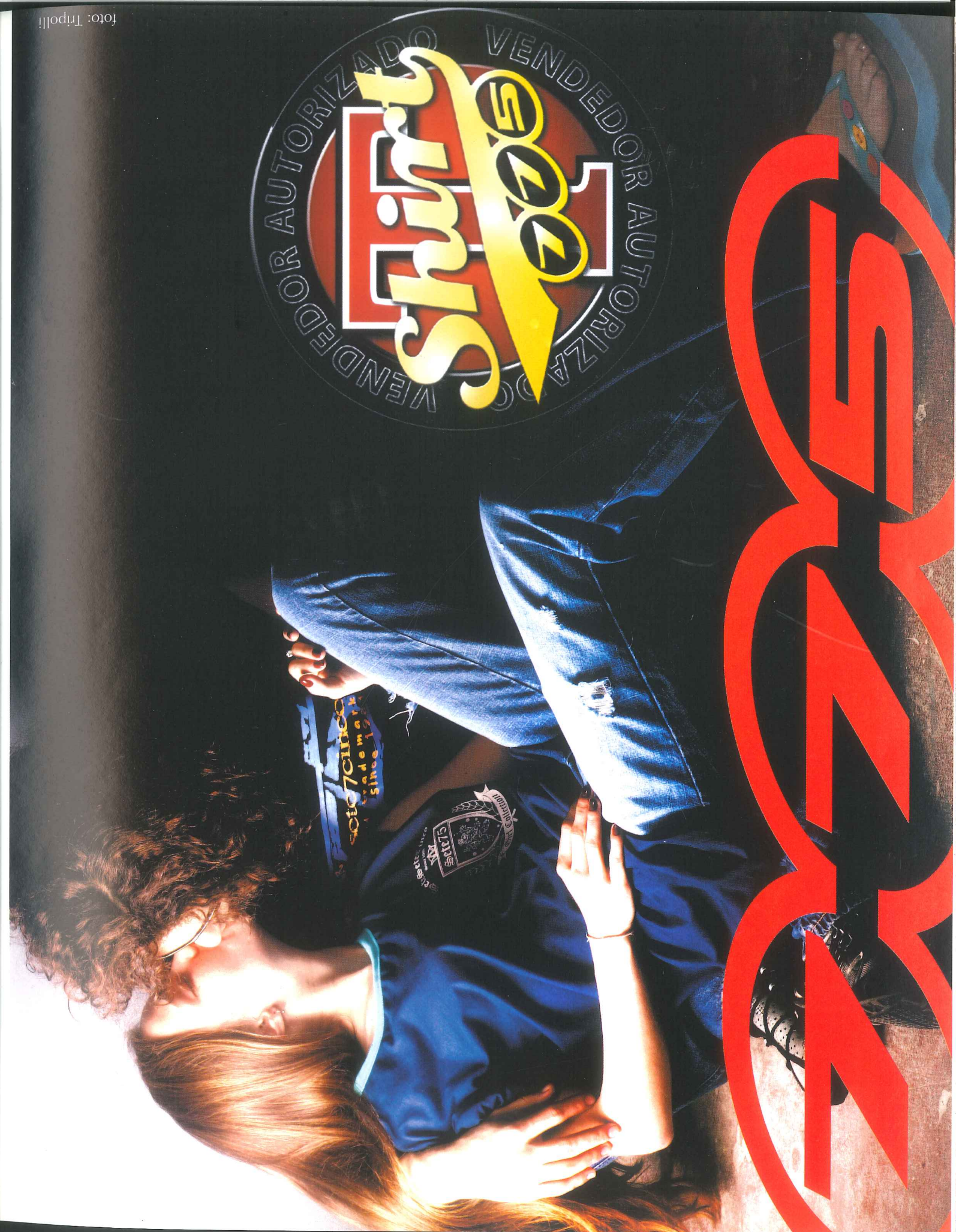
www.almasurf.com.br

Para assinar:  
 (11) 3744-1668  
 assinatura@almasurf.com.br

Tiragem desta edição: 20.000 exemplares



foto: Tripoll

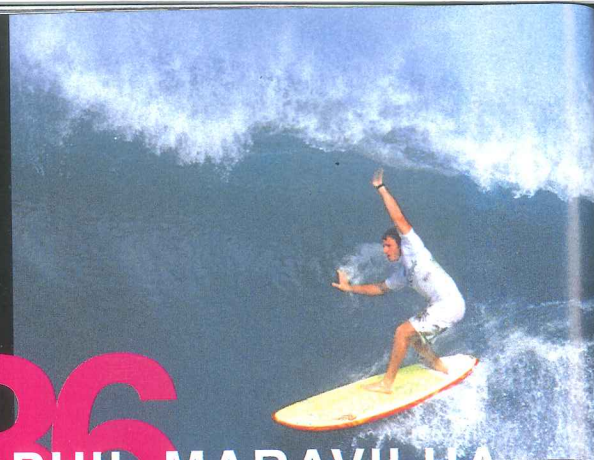






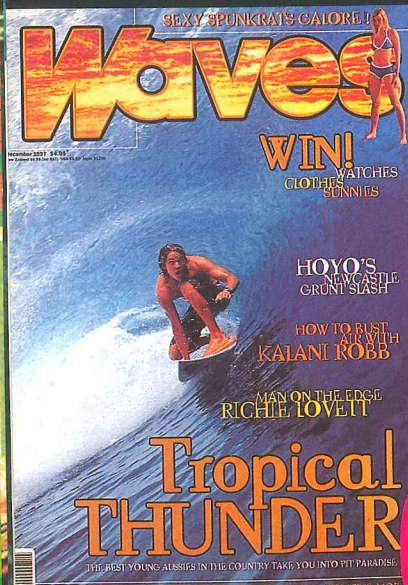
48

O SURF NA CORÉIA DO SUL



36

PHIL MARAVILHA



66

REVISTAS DE SURF PEDRA FUNDAMENTAL



100

REDESCOBRINDO FARO



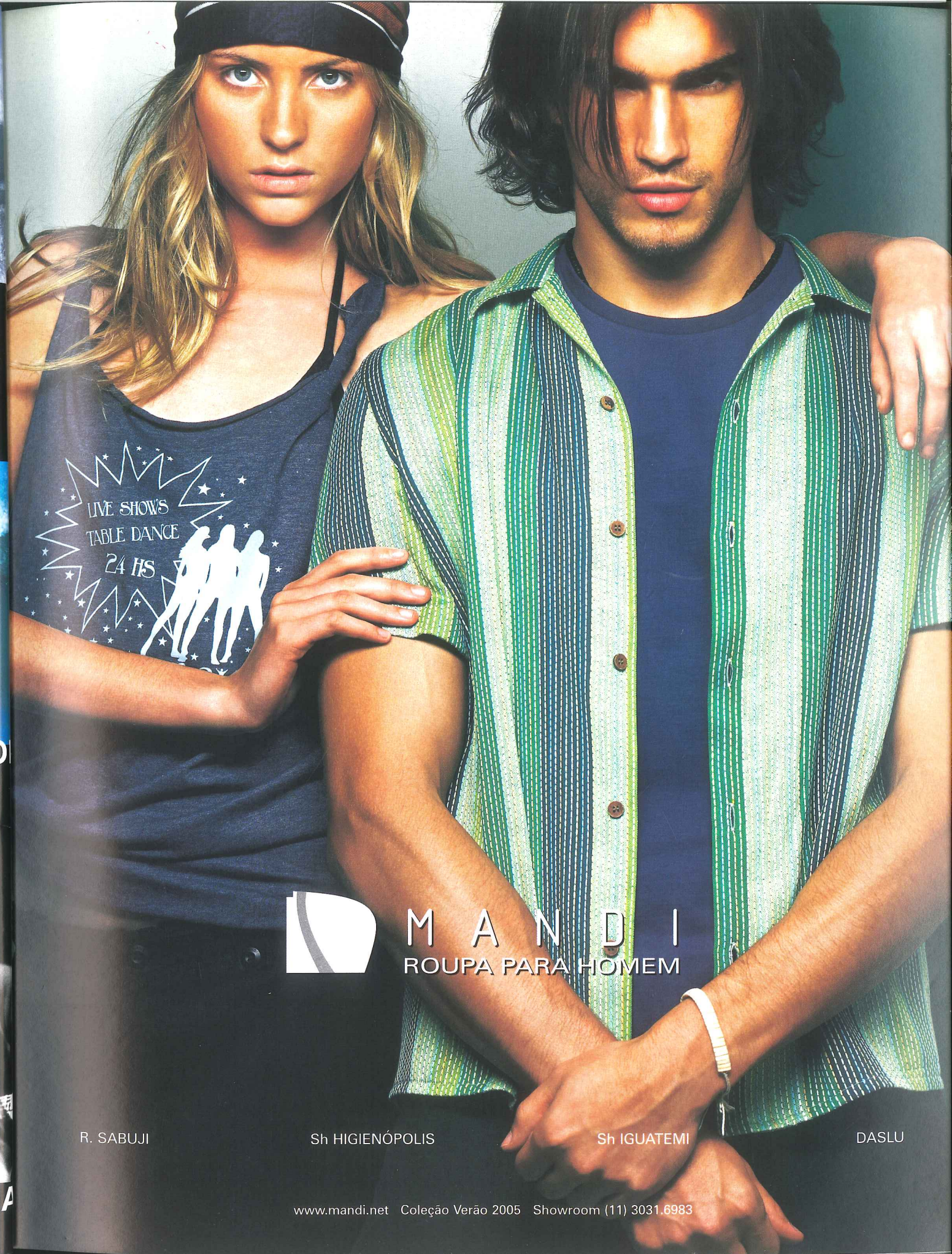
124

UM SECRET DE SNOW



114

MOONSHINEFESTIVAL



MANDI ROUPA PARA HOMEM

R. SABUJI

Sh HIGIENÓPOLIS

Sh IGUATEMI

DASLU



**NA**

PROMOÇÃO  
"NATURAL+ART+SURF"  
ACESSE NOSSO SITE  
E CONCORRA A UMA  
PRANCHA DE SURF



**Natural  
Art**  
THE NATURAL ART  
OF SURFING  
BOARDWEAR EDITION INC.  
[WWW.NATURALART.COM.BR](http://WWW.NATURALART.COM.BR)



# SURFSUOR

POR NECO PADARATZ

BEM,

galera, antes de tudo eu queria agradecer à *Alma Surf* pelo convite de escrever uma coluna para a revista. Sempre quis poder mostrar a todos o que é o surf no meu jeito de ver as coisas. O tema é livre e, desta vez, escolhi um assunto que está levando muita gente, inclusive de fora do país, a falar algumas besteiras, e tem tudo a ver com o nome desta coluna "Surf Suor".

Realmente o surf em nosso país é praticado com muito suor, desde os moleques que começam a surfar no inverno aqui no sul, sem prancha e sem roupa de borracha, até os empresários que fazem alguns milagres para o esporte. Faz pouco tempo um jornalista gringo andou escrevendo que o que faltava, entre outras coisas, era profissionalismo no surf brasileiro, mas disse isso sem conhecer a nossa realidade.

Ele passou alguns meses no Brasil e outros períodos conosco no Hawaii, mas não pôde ver nem um pouco do que passamos. Em uma reportagem, criticou o Raoni (Monteiro) por ter ido embora de um evento na África do Sul. Pergunto para qualquer um: o que você faria se sua mulher estivesse no oitavo mês de gravidez do seu primeiro filho no Brasil e você tivesse perdido as etapas? Ficaria curtindo com os seus amigos enquanto sua esposa estivesse tensa e preocupada no Brasil? Ficaria fazendo a social com seus patrocinadores, correndo risco de seu filho nascer e você não estar presente? Bem, se você faria isso, problema seu. Pois eu não faria. Aliás, não fiz, pois meu filho nasceu em dezembro e eu nem cogitei a possibilidade de ir para o Hawaii naquele ano.

Na mesma matéria, fui criticado por trocar de patrocínio muitas vezes, deixando a entender que foi por má conduta da minha parte; pura falta de conhecimento. Trabalhei quase seis anos com o Alfio (proprietário da Hang Loose), com duas marcas. Antes disso, havia sido patrocinado por uma marca de fora, mas decidi sair por opção própria, e fui acolhido pela Hang Loose. Depois desse período, o Alfio mudou a sua estratégia, e eu me desliguei do patrocínio. Mas alguém leu ou ouviu da boca dele que o motivo da minha saída era má conduta ou falta de profissionalismo? Acho que não. Perguntem a ele.

Em seguida, demorei para encontrar outro patrocinador, pois a situação no Brasil não era nada boa: dólar no céu, economia parada... quem iria desembolsar uma grana pesada para bancar alguém no Circuito Mundial? Foi aí que apareceu o Mauro, da Onbongo, que, na minha opinião, foi um herói ao bancar mais um atleta no Circuito Mundial, pois ele já patrocinava o Vitinho (Victor Ribas) e o (Paulo) Moura no WCT, e mais uma galera no WQS. A decisão dele em me contratar foi logo após eu ter desistido do campeonato do Taiti (etapa de Teahupoo no WCT) pelos motivos que todos já sabem.

Salvo pelo gongo. Eu estava de volta, e com um pouco mais de tranquilidade, pois fechei contrato para três anos, que muito possivelmente se estenderia por mais tempo. Ou seja, oito anos de circuito com três empresas ou quatro marcas. E nesse período todo estava com a Oakley e a Reef. Será que o Sarge tinha razão? Bem, ele ganhou seu espaço na mídia brasileira, pois a mídia vive melhor de notícia ruim, mas isso é tema para outra coluna. Eu nem vou perder meu tempo dizendo o que os queridos do Sarge fazem mundo afora, pois o Teco, na mesma matéria, teve a oportunidade de citar alguns exemplos. Mas então o que falta para termos um campeão mundial? Existe uma série de fatores que temos que superar. Experiência em ondas fortes (Taiti, Fidji, Hawaii, etc.) é uma das principais, mas para isso é preciso mais tempo treinando nesses lugares, e aí esbarramos em dois pontos críticos: tempo disponível para viajar; afinal, viajamos oito meses do ano nos campeonatos para poder obedecer a um circuito ainda com datas confusas (apesar de a ASP junto com alguns atletas estarem buscando soluções para esse problema... e esperamos melhorar). Outro fator extremamente importante é a grana. Vejam, não estou reclamando, mas a realidade brasileira é completamente diferente da realidade americana e da australiana. Existem atletas nos EUA hoje que ganham US\$ 25.000 por mês, não estão entre os participantes do WCT, e há anos estão tentando entrar no circuito. Imagine qualquer um de nós, atletas brasileiros, com

esse valor no bolso. Dava para você e a sua família passarem 4 meses no Hawaii antes de começar o tour todos os anos. Entre as etapas da Austrália e do Taiti, poderíamos ficar treinando em Bali, Fidji ou na própria Austrália, por exemplo. Mas muitas vezes temos que voltar, por causa do alto custo das viagens.

As empresas brasileiras do ramo têm que investir com dinheiro que ganham aqui, mas por que as empresas estrangeiras não bancam um brasileiro da mesma forma que os gringos? Porque eles teriam que pagar uma fortuna de royalties por ano para as matrizes lá de fora e não sobriaria muito para pôr no Brasil. Então, não é falta de profissionalismo, má vontade ou falta de surf, pois senão não teríamos seis de 12 títulos do WQS aqui no Brasil. Isso significa que surfamos de igual para igual nesse tipo onda, e nos falta experiência em ondas maiores. Essa é a realidade.

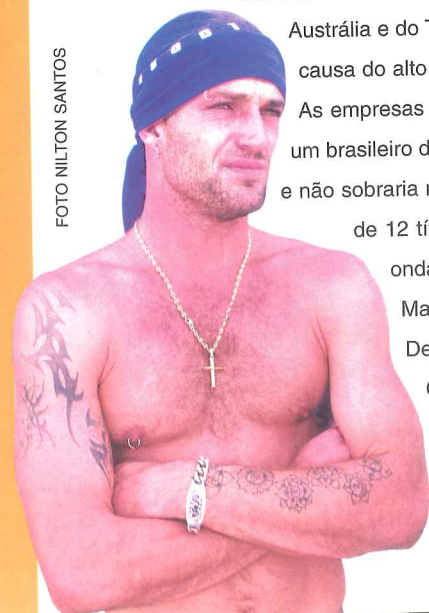
Mas garanto para vocês: os tops brasileiros representam muito bem o seu país e com muito SURF e SUOR!

Desculpem usar a coluna para defender a galera, eu precisava falar isso para alguém.

Grande abraço,

Neco

FOTO NILTON SANTOS



# Waikiki

DEWB KOFF SOUT



**Se você entende este espírito,  
você faz parte do nosso time.**

Tel. (41) 2881516 [www.waikiki.com](http://www.waikiki.com)



# HISTÓRIAS do MAR

POR RICO DE SOUZA

## SURF PROIBIDO

Comecei a surfar em 1964 com pranchas de madeira, as famosas madeirites. À época só existiam duas marcenarias que as fabricavam, a do Arpoador e outra na ilha do Governador. A minha primeira prancha de fibra de vidro foi uma São Conrado feita pelo Coronel Parreiras em 1966; para mim era uma jóia rara, motivo de admiração, podia passar horas dentro d'água e depois colocava ela em cima da minha cama e continuava a admirá-la.

Tudo era festa e alegria, não existiam roupas de borracha, cordinhas nem parafina. Usávamos velas para não escorregar na prancha. Eram poucas as informações sobre o surf, e a nossa única referência era a revista *Surfer*, que aparecia de vez em quando e era considerada a bíblia do esporte. O Arpoador era o berço do surf brasileiro. Existiam cerca de 150 a 200 surfistas no máximo, mas ali se reunia toda a rapaziada, todos se conheciam, éramos uma tribo. Nos finais de semana, havia sempre uma boa festa na casa de algum amigo, muita música, diversão e nada de violência. A cuba-libre e a vodca eram a doideira do momento.

No Rio de Janeiro, já no final dos anos 60, as praias prediletas eram o Arpoador e o Posto 5 em Copacabana. O vento sudoeste entrava como terral. Nos finais de semana podíamos surfar na praia da Macumba, onda perfeita para o pranchão, ou mesmo no Canto do Recreio. O surf crescia rapidamente no início dos anos 1970, principalmente no eixo Rio-São Paulo. Em 1972, foi realizado o Festival de Ubatuba, considerado o primeiro campeonato brasileiro de surf. O esporte estava na moda, era praticado em diversas praias, com muitos iniciantes, e, como na época não existia a cordinha, quando chegava o verão, com as praias cheias, era inevitável que vários acidentes acontecessem, envolvendo surfistas e banhistas.

Os surfistas na época não tinham uma boa imagem, os jornais nos criticavam e isso tudo culminou em uma portaria que proibia o surf – limitando as praias e os horários onde ele poderia ser praticado. Só se podia surfar nas praias que tivessem cantos de pedra, como Arpoador e Pontão do Leblon. Além disso, estávamos limitados a uma faixa de 200 metros de extensão em relação às pedras, nos horários antes das 8h e depois das 14h. Resultado: revolta total da galera do surf.

Todos fissurados para surfar, ondas perfeitas e poucos policiais para controlar. No verão, com as praias superlotadas, a portaria até poderia fazer algum sentido, mas no inverno havia dias em que a praia estava vazia, sem nenhum banhista, e com ondas quebrando perfeitas. Mesmo assim, a proibição continuava. Várias confusões entre policiais e surfistas começaram a surgir todos os dias. Mas, de todas as histórias, a que mais marcou foi quando entrou uma ressaca de leste e o mar ficou realmente enorme. As ondas chegavam fácil aos 2,5 - 3 metros, perfeitas! O único lugar no Rio em que dava para surfar nessas condições era o Arpoador. Estávamos em setembro, e as praias, totalmente desertas. Quando cheguei na praia já passava das 8h00, e os guarda-vidas já haviam tirado os surfistas do mar. Mas todos queriam dropar aquelas ondas, éramos um crowd considerável e revoltado com a situação. Foi aí que resolvi reunir toda a galera e dei aquela pilha para irmos surfar. Todos toparam imediatamente, mas antes decidi dialogar com os policiais na tentativa de mostrar a eles que não fazia sentido a proibição, se tínhamos condições perfeitas e a praia estava vazia. Mas nenhum argumento fazia sentido para eles.

Era a época da ditadura militar. Ordens são ordens e devem ser cumpridas. "Vamos chamar o pelotão de choque", diziam os militares. Falei em nome da turma que íamos surfar de qualquer maneira, não porque queríamos desrespeitá-los, mas porque o mar estava maravilhoso. Então fomos: éramos cerca de 60 a 70 surfistas e começamos a pegar as ondas e a nos divertir muito. Era só alegria, uma onda atrás da outra; perfeitas.

Estávamos surfando aquelas morras iradas e, de repente, comecei a ver todos os surfistas correndo, cada um para um lado, doideira total, e eu não estava entendendo nada daquela correria toda. Quando olhei para areia, avistei aquele caminhão apinhado de policiais do pelotão de choque, todos querendo nos capturar e colocar em cana. Todos saíram correndo. Quando dei por mim, estávamos apenas eu e o Relson Gracie "Campeão" na água. Percebi que, além dos policiais militares, havia policiais da praia muito fortes colaborando em nos pegar.

Decidimos remar em direção ao Leblon com a esperança de que os policiais desistissem e nós saíssemos pelas pedras do Pontão. Mas os caras vieram atrás da gente, então resolvi voltar remando para o Arpoador. Foi quando avistei o Otávio Pacheco e o Paulo Proença, que na época tinha uma Kombi, e pedi que ele nos resgatasse no Sheraton da Av. Niemeyer. Nesse meio tempo, o Flávio da Brasil Surf e o Pelé, um amigo meu gente boa, tentaram intervir a nosso favor junto aos policiais, e foram presos. Quando percebi, aquela mera caída tinha se transformado em uma verdadeira roubada.

Eu não tinha mais idéia de como sair daquela sem ser preso, e a única coisa que pensei foi esperar até às 14h00, quando o surf seria liberado, pra me misturar aos surfistas e sair da água. Mas não consegui ficar esperando, e novamente decidimos remar em direção ao Leblon, sendo que agora a idéia era passar do

Leblon para a laje do Sheraton e escalar as pedras. Foi o que fizemos. A remada era longa, o mar estava mexido e as pranchas da época eram pequenas. Já estávamos remando há mais de três horas, exaustos e, apesar da adrenalina que rolava, não sabíamos como ia terminar tudo aquilo.

Quando chegamos na laje para subir nas pedras, os policiais estavam muito próximo de nós, e o jeito era correr o mais rápido possível. O mar estava muito grande, o que dificultava a subida. Consegui aproveitar a força de uma ondulação e subi pelas pedras, escalando um paredão íngreme com a prancha na mão, mas, para a minha surpresa, os policiais estavam à minha espreita. Continuei correndo pelas pedras, sem tirar a cordinha, com os caras atrás de mim. A essa altura, o Relson já tinha ficado para trás. Aterrorizado, pulei para dentro da casa do arquiteto e lá encontrei meus amigos com a Kombi me esperando. Entrei no carro e fiquei aguardando o Relson, que teve dificuldade para subir nas pedras e acabou se cortando.

Quando ele chegou, ficamos felizes, achando que tinha dado tudo certo. Comemoramos e nos dirigimos pra saída da casa do arquiteto. Quando abrimos o portão, sujou total! Vários camburões da polícia nos aguardando e um monte de policiais. Não deu outra, fomos todos levados presos para o Batalhão da PM de Copacabana. No caminho para o Batalhão em Copa, pedi ao policial que parasse rapidamente na loja Aquacenter, na Francisco Otaviano, para comunicar ao meu amigo Bruno Hermany o que tinha acontecido. Ele era bicampeão mundial de pesca submarina e poderia me ajudar a sair da roubada. Bruno pegou o carro e foi rapidamente ao Batalhão. Lá, ele conversou com o comandante e disse que nós queríamos apenas nos divertir fazendo um esporte. No final, tudo ficou resolvido e voltamos para a praia, mas só o susto e a cansaça ficaram na minha memória.

Boas ondas.

Aloha,

Rico de Souza

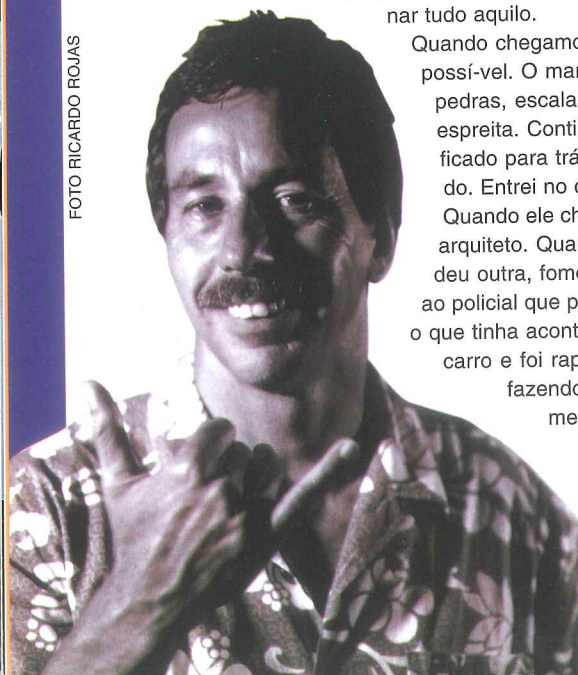


FOTO RICARDO ROUJAS

www.santamaria.com.br

(11) 3735 2999



SANTA  
MARIÁ



# ALMA FEMININA

POR MARCELA CARROCINO

## NÓS, OS HERDEIROS

*“Os problemas fundamentais estão presentes ao espírito. Numa viagem de trem, quando observamos a paisagem mais próxima, esta parece voar, enquanto nos espaços longínquos e altos cumes a paisagem só lentamente se modifica.” Fritjof Capra*

Apesar de todo o descrédito sofrido pelos incrédulos descobridores, que julgavam seus métodos arcaicos e rudimentares, os polinésios, nossos ancestrais do surfe, foram os primeiros e mais hábeis navegadores de que se tem notícia.

Os polinésios eram um povo do mar, intimamente conectados com ele e com os fenômenos da natureza. Mesmo sem bússolas, sem compassos e sem grandes naus, orientavam-se em grandes jornadas marítimas. Como referências de rotas utilizavam o Sol e outras estrelas, a Lua, a direção das ondulações e a migração das aves marinhas.

Observemos a relação entre o espírito desbravador dos viajantes polinésios e esse mesmo espírito que move um grande número de surfistas a se aventurarem na eterna busca de um novo pico, secret points, ondas perfeitas, longas ou gigantes e, a cada descoberta, surge uma nova sensação que impulsionará a continuidade da busca e a permanência desse ciclo. A harmonia, o respeito pela natureza e a forma como esses povos utilizavam seus fenômenos para benefício próprio, sem destruir o meio ambiente, é uma herança, que para nós constitui uma grande oportunidade de aprendizado. A descoberta da bomba atômica não constitui perigo maior para a humanidade que a descoberta do fósforo... tudo depende da forma como é usado. Como pensar em meios de salvação quando nós próprios criamos as condições da nossa morte?

A humanidade tem a capacidade de usufruir as maravilhas que a natureza lhe oferece, de maneira sustentável, ou seja, sem comprometer o aproveitamento das futuras gerações. Essa pode ser uma afirmativa muito atual, embora já fosse aplicada há tanto tempo pelos ancestrais polinésios, que nos presentearam com sua cultura viva e não com um saber fossilizado sobre história e filosofia. Essa cultura deveria, portanto, ser recolhida como um dom inestimável e extasiar-se perante a harmonia das leis da natureza, revelando uma inteligência simples, porém, superior, que conhece o valor de todas as coisas e encara o homem como apenas um dos filamentos da teia da vida. Precisamos superar o antropocentrismo que é tão visceral em nossa cultura.

Estamos todos inseridos nos processos cíclicos da natureza, dos quais somos dependentes para viver. Isso torna-se claro quando entendemos o conceito de espírito humano e passamos a ter consciência da conexão do indivíduo com o cosmo como um todo, por que a consciência ecológica é espiritual na sua essência, sendo compatível com a filosofia budista ou filosofias presentes numa gama de religiões pagãs, como as tradições xamânicas dos índios americanos. Mas a espiritualidade não é monopólio das religiões e sim a representação do profundo no ser humano e, por isso, emerge nas pessoas, mesmo quando elas não tenham nenhuma religião. O espírito está em nós porque anteriormente está no universo; logo, temos interdependência com toda a vida, ou seja, com o superorganismo da natureza ao qual devemos reverência, humildade e gratidão. E a consciência ecológica pertence ao código genético do surfista que, ao informar-se sobre o passado, passa a identificar-se com ele e a conhecer melhor o seu presente. Transmitir esse saber ecológico, que também corresponde à sabedoria dos antigos, é um dos fatores mais importantes do legado cultural polinésio.

Parece radical, mas à medida que avançamos no tempo, a sobrevivência da humanidade depende cada vez mais de nossa capacidade de resgatar e compreender princípios básicos de ecologia, para que possamos viver de acordo com eles. E alguns princípios são fundamentais para a vida, como o fato de que

nenhum ecossistema produz resíduos, uma vez que os resíduos de uma espécie são o alimento de outra. No entanto, sabemos que cada vez mais aumenta a quantidade de lixo produzido pela espécie humana e dejetos atirados ao mar, destruindo um número crescente de lugares dos quais guardamos boas recordações e, quando retornamos, ficamos decepcionados pela degradação produzida por nós seres humanos.

Falta espiritualidade para perceber esse problema tão fundamental que envolve a consciência ecológica e a compreensão da conexão de tudo o que existe. A preservação de lugares já conhecidos e outros desconhecidos colabora para a preservação da nossa Casa Terra como um todo, nem que seja com o agradecimento por tantos momentos inesquecíveis por ela proporcionados.

Devemos ampliar nosso campo de visão através da janela do trem, para que, dessa forma, o surfe em lugares paradisíacos não seja apenas parte da história e sim uma realidade para gerações futuras.



ANDY IRONS  PROJEKTOR

FULLY AUTOMATIC PERSPECTIVES VONZIPPER.COM

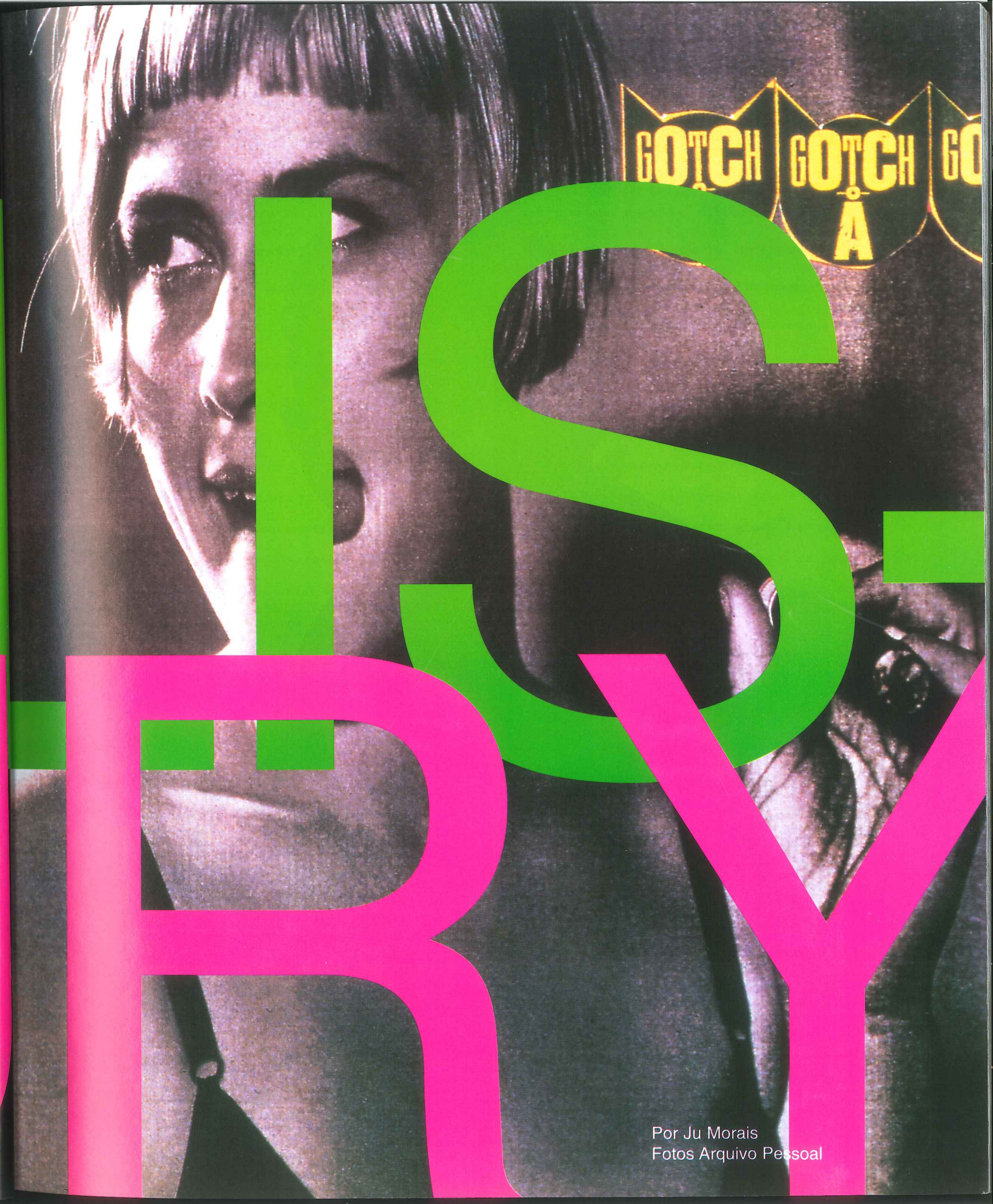
PROJEKTOR



m i k e

S A I

B U R

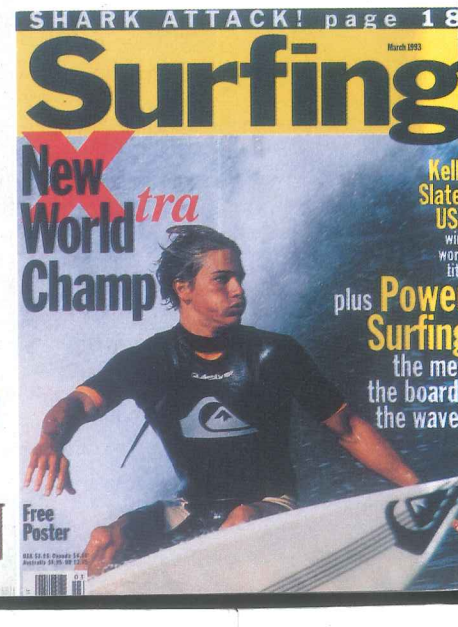
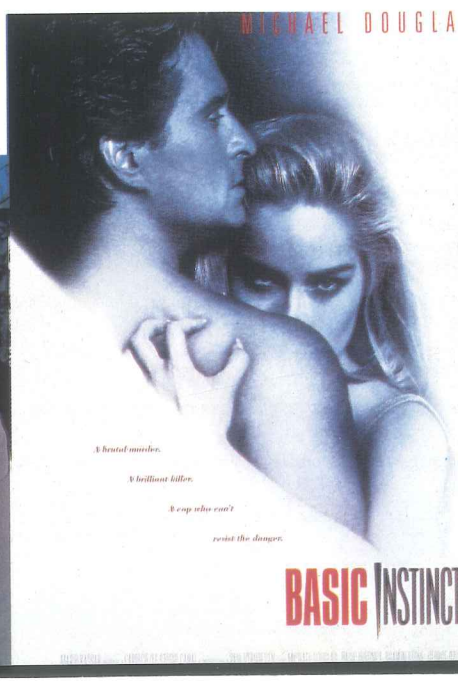
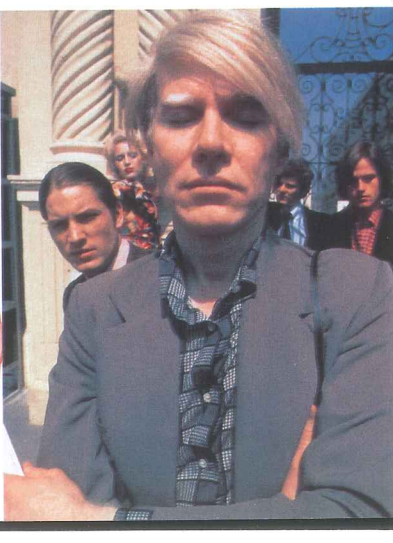
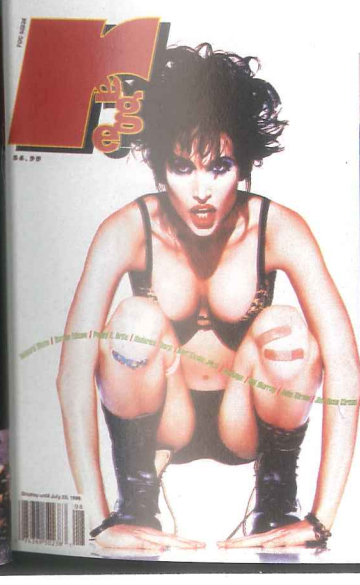
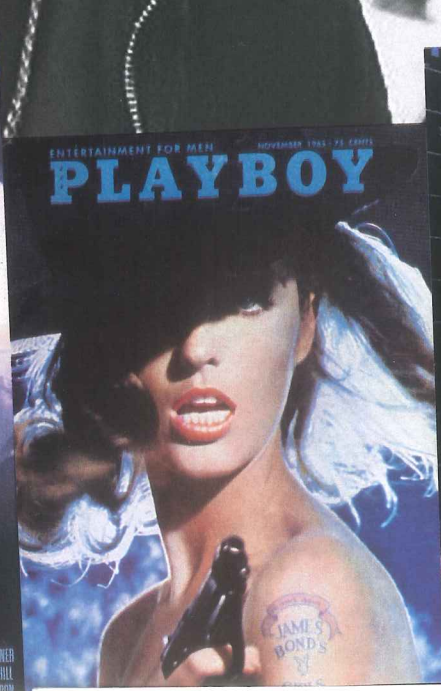
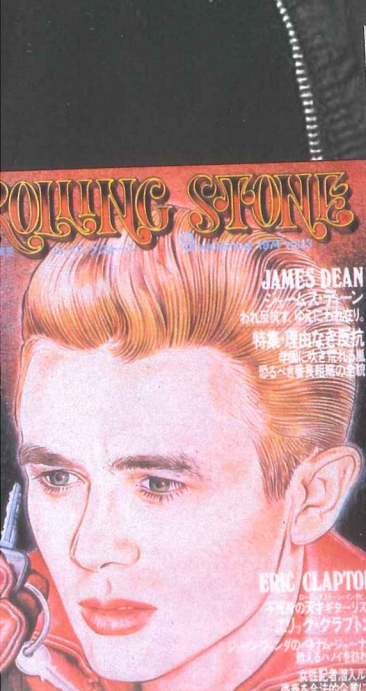
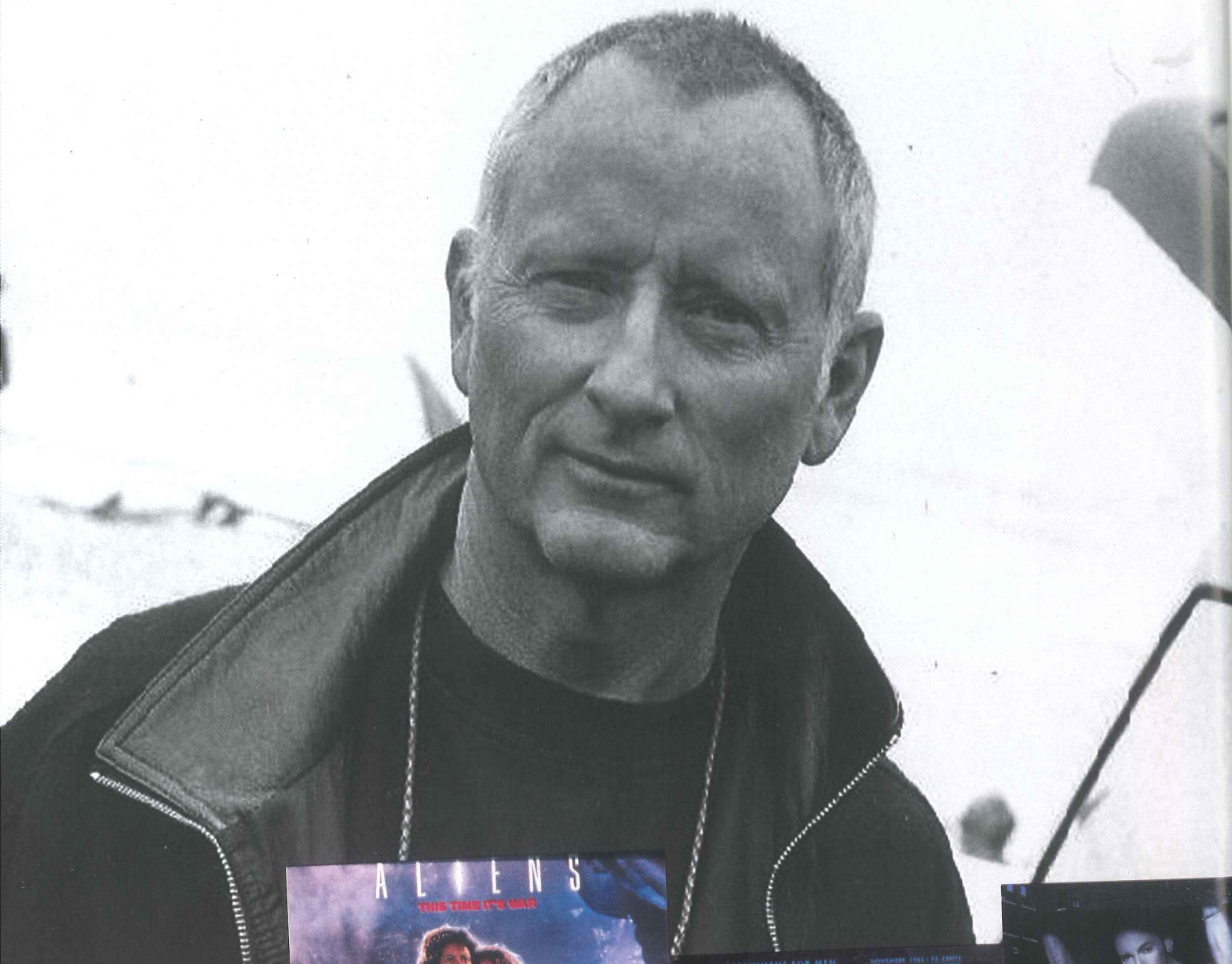


S

B R Y

Por Ju Morais  
Fotos Arquivo Pessoal





Ele foi o cara que transformou a revista *Rolling Stone* em case editorial, que desenhou grandes publicações (*Surfer*, *Surfing*, *Playboy*, *The Los Angeles Times*, etc.), que criou logotipos históricos como os da Levi's 501, Gordon & Smith, Gotcha, e que entrou pela porta da frente nos grandes estúdios de Hollywood. Sua criatividade já rendeu milhões de dólares a seus clientes, prêmios internacionais e as mais exóticas viagens ao redor do mundo. Conhecido como um dos gurus da pop art americana, Mike Salisbry não só veio ao Brasil para a I Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf, como fez questão de assinar o novo projeto gráfico da *Alma Surf*.

À primeira vista, Mike é um artista sisudo, de raros comentários e sorrisos. No entanto, aos poucos, ao se conhecerem as suas criações, suas curiosas histórias e seus métodos de trabalho, fica fácil (talvez um exagero de minha parte) compará-lo a Picasso, Hemingway ou Frank Lloyd Wright. Não somente por seu talento ou por seu charme, mas pela mesma obsessão desses grandes nomes pelo trabalho e pelo conhecimento. Mike não julga, simplesmente absorve movimentos, cores, comentários, experimenta, ousa e materializa. Mas suas idéias não surgem do vácuo, vêm acompanhadas de bons motivos, explicações, e sempre contam uma história, têm um roteiro. Tudo parece cinematográfico!

### Surf como usina de criação

Mike morou em vários lugares dos Estados Unidos com a sua família, inclusive no Havaí. Depois de passar por cerca de 20 escolas na infância, resolveu abandonar os estudos, ler por inteiro a enciclopédia que seu pai havia lhe dado, devorar os mais diversos títulos literários, transformando-se num precoce autodidata. Já na Califórnia, ele até tentou cursar a faculdade de arquitetura, mas logo foi expulso, o que não chegou a ser um problema, pois sua criatividade nunca dependeu de mestres, mas simplesmente de ferramentas.

Pode-se dizer que sua usina de criação tenha sido ativada pelo surf, sua grande paixão desde os 18 anos de idade. Nos anos 60, Mike começou a desenhar logos para pranchas, inseriu a Gordon Smith em seu portfólio e logo depois revolucionou a Gotcha, transformando a marca em um estilo de vida que se expandiu pelo mundo. Fotografou e criou posters, campanhas, roupas e filmes, enfim tudo o que tivesse a ver com a marca tinha relação com o seu criador. Transformou a marca em um conceito que só veio a acrescentar para o mercado do surf como cultura, comportamento e estilo de vida. Daí para as grandes agências foi um pulo. Entretanto, ele sempre quis provar que poderia fazer mais e melhor. Não bastava fazer o que o cliente pedisse, ele queria fazer mais. "Eu tento todas as possibilidades e faço com responsabilidade, criatividade e estratégia. Faço o que o cliente quer, e faço o que eu gosto, o que eu idealizo para aquela marca ou objeto chegar ao topo", admite o artista marqueteiro, que está sempre em busca de uma próxima idéia, e nunca apenas alcançando a última.

Salisbury fala que o surf mudou sua vida. "Você pode aprender qualquer coisa na vida depois que aprende a surfar. O surf só me trouxe saúde e coisas boas, e não posso me imaginar vivendo longe do mar", admite o artista, que atualmente mora de frente para o mar em Venice Beach, CA. Embora Mike tenha seguido seu rumo profissional para as grandes agências de publicidade de NY e para os estúdios de Hollywood, o surfista nunca perdeu contato com a cultura surf e continua expondo seus trabalhos em museus e exposições da cultura surf ao redor do mundo.



## A versatilidade em Hollywood

Em todas as suas experiências profissionais, inclusive nas grandes agências, Mike soube tirar proveito. Aprendeu a dirigir, editar, escrever, e a absorver todo e qualquer tipo de informação para alimentar sua fábrica intelectual. Extremamente inteligente e curioso sobre o mundo, Mike não pára de estudar e chama a atenção por sua educação. "Por favor" e "obrigado" são palavras mágicas e constantes em seu vocabulário. Outra forte característica do diretor de arte é a versatilidade de misturar a fotografia, as artes e o cinema em um mesmo trabalho. Ele tem necessidade de dar movimento, de comunicar-se por meio de sua arte. Um de seus recentes trabalhos é o livro *Art Director Confesses: "I Sold Sex! Drugs & Rock'n'Roll"*, que ilustra a maioria de suas campanhas e expõe sua vida pessoal e profissional de maneira divertida e moderna, em um projeto gráfico singular que mostra exatamente essa versatilidade do guru que viveu intensamente a fase sexo, drogas e rock'n'roll. Freqüentador das melhores festas de Hollywood, Mike conta em seu livro algumas bizarrices da noite californiana, expõe a ego trip das estrelas e admite sua paixão pelo sexo feminino.

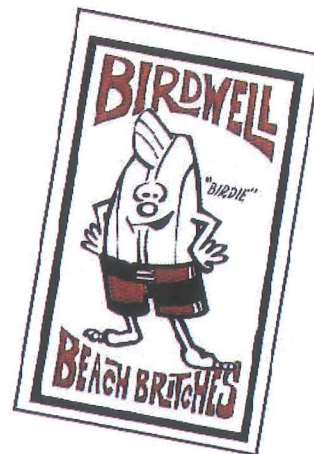
No portfólio de Mike e de sua empresa não constam apenas marcas, mas campanhas que revolucionaram gerações, como o logotipo da Levi's 501 e dos cigarros Camel, entre outros. Mas Mike foi além, e partiu para o milionário show business americano, sendo um dos responsáveis por levar milhares de pessoas para as salas de cinema. Criando posters, logos e trailers para filmes como *Jurassic Park*, *Moulin Rouge*, *Alien*, *Instinto selvagem* e outros 300 filmes, o artista virou sinônimo de sucesso e bilheteria garantida em Hollywood. Ousado e criativo, transformou-se num dos maiores diretores de arte, sendo procurado pelos maiores estúdios e diretores da história da telona. E junto com a fama vieram as festas, as viagens, os convites e um network que inclui os maiores profissionais do entretenimento, entre eles Larry Flynt, George Lucas, Michael Jackson (foi ele quem inventou as luvinhas brancas, lembram?) e Francis Ford Coppola, que ficou tão impressionado com a personalidade de Mike nos sets de *Apocalypse Now*, que acabou criando um personagem em sua homenagem (aquele fotógrafo louco que registra tudo em meio ao caos).

Mike esteve presente nas grandes publicações e revistas das últimas décadas, principalmente nas revistas de surf. No entanto, seu grande mérito editorial ficou para a revista *Rolling Stone*, que a partir de sua reformulação tomou um rumo acelerado, indo para o topo das publicações. Atualmente o artista não tem trabalhado com freqüência para o mercado editorial, já que a publicidade e o cinema tomaram conta de sua agenda. Workaholic que é, Mike acredita que essa seja a sua droga. "A razão de eu nunca ter gostado muito de drogas é a mesma pela qual nunca tive armas. Acho que já sou louco o suficiente e gosto de trabalhar assim", finaliza Mike.

Mike Salisbury não revela a idade e transparece a vitalidade de um garoto. Trabalhando visceralmente e com uma criatividade que vai muito além do outside, Mike é um visionário! ... Seu surf está nas artes, nas cores, no cinema, em suas histórias, nas idéias e na vida.



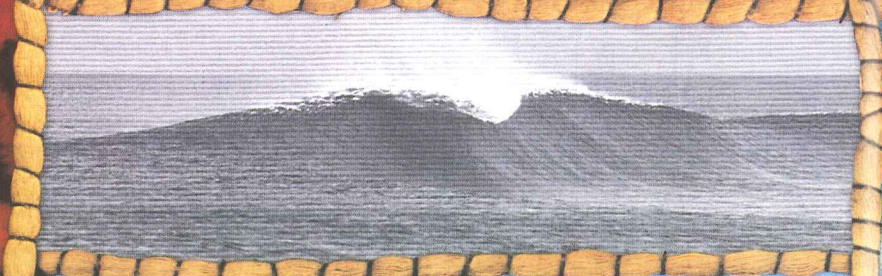
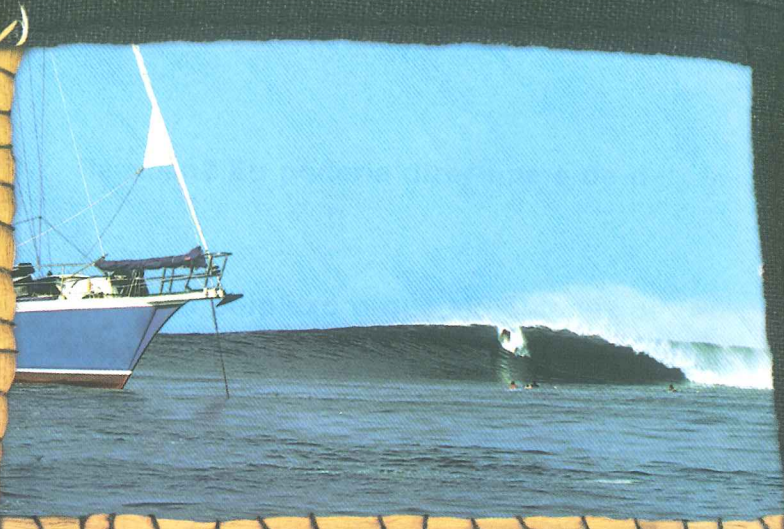
RAMSEYOJAY



M  
SUNNY  
D








11 6096 2230 [www.wgsurf.com.br](http://www.wgsurf.com.br)

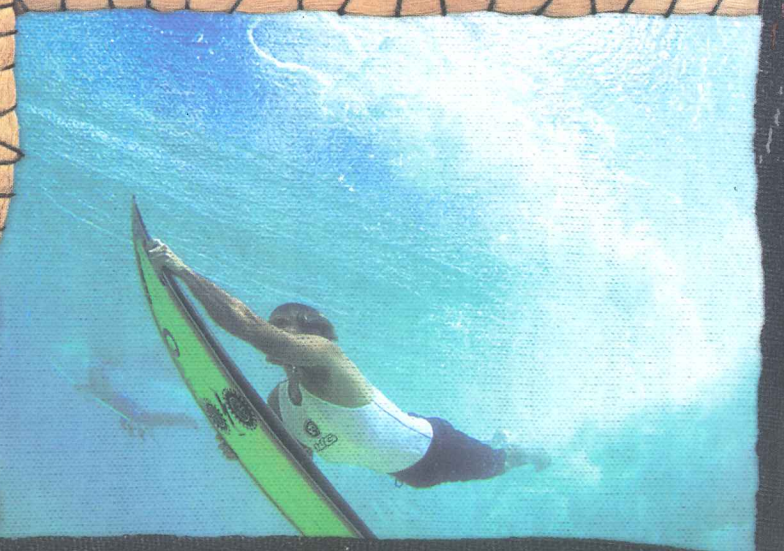
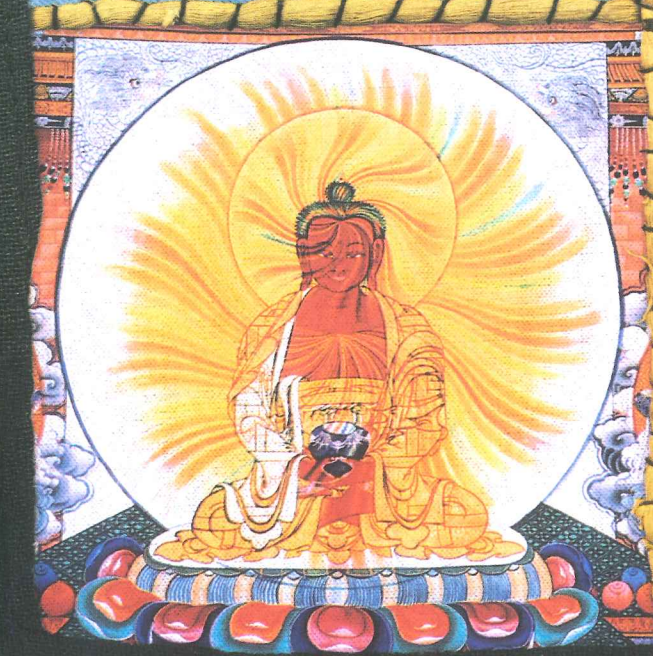
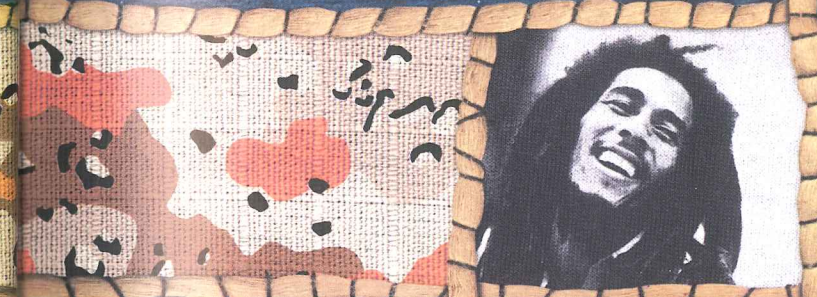




Foto: Paulo Passalunghi



Qual a especialidade do carioca Philip Wollens

Rajzman? Eu poderia dizer que é de deixar qual-

quer um perplexo o que ele é capaz de fazer em

cima de um longboard, realizando manobras

incríveis, difíceis até de explicar.

Em agosto, o Oxbow Soul & Style, evento exclusi-

vo para convidados que rolou no México, reuniu

feras do longboard do mundo todo. Dentre elas,

estava o brasileiro, que venceu o evento e arreben-

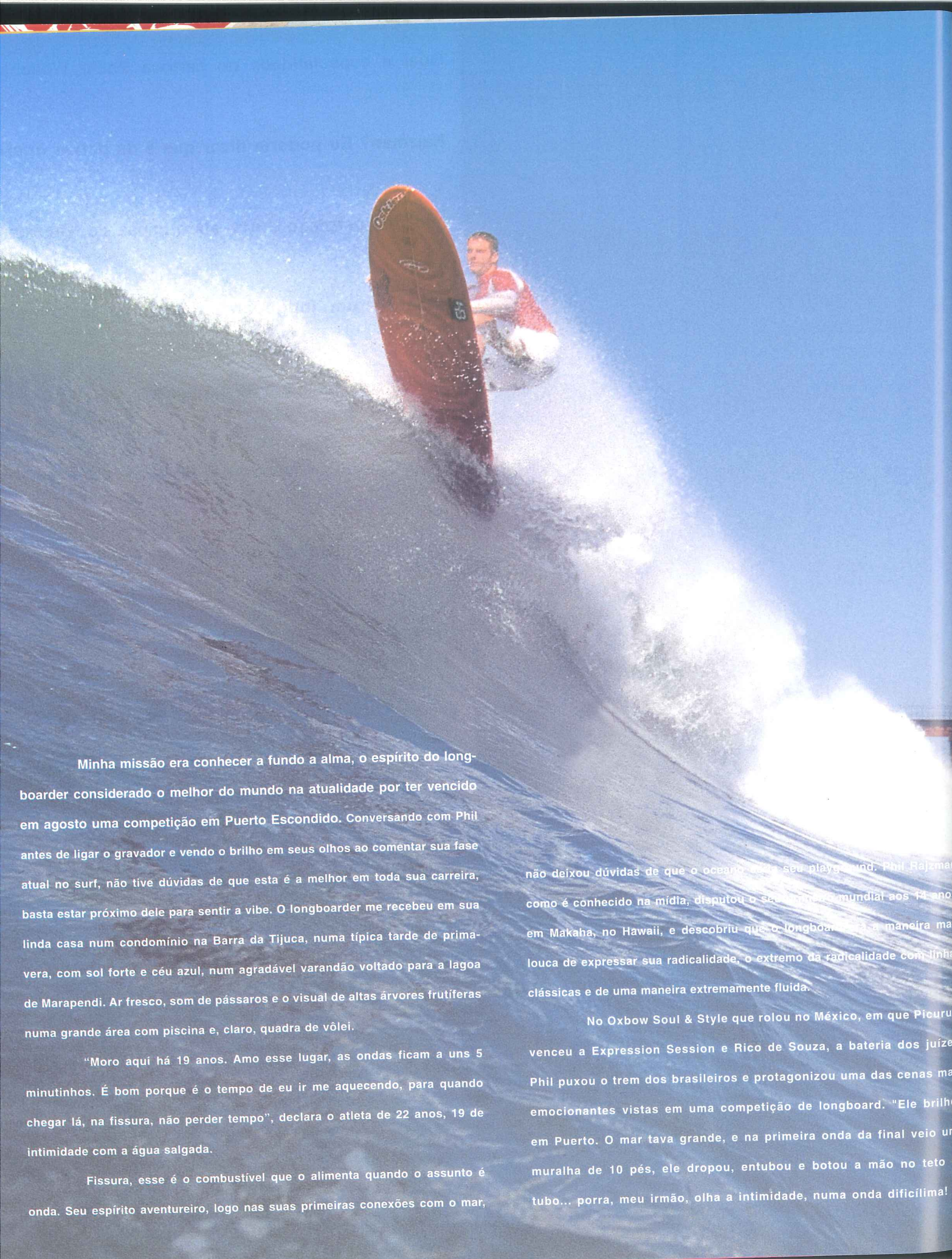
tou, dando um show de estilo e transformando

suas atuações em verdadeiros espetáculos.

# Philip MARAVILHA

por márcio bacana





Minha missão era conhecer a fundo a alma, o espírito do longboarder considerado o melhor do mundo na atualidade por ter vencido em agosto uma competição em Puerto Escondido. Conversando com Phil antes de ligar o gravador e vendo o brilho em seus olhos ao comentar sua fase atual no surf, não tive dúvidas de que esta é a melhor em toda sua carreira, basta estar próximo dele para sentir a vibe. O longboarder me recebeu em sua linda casa num condomínio na Barra da Tijuca, numa típica tarde de primavera, com sol forte e céu azul, num agradável varandão voltado para a lagoa de Marapendi. Ar fresco, som de pássaros e o visual de altas árvores frutíferas numa grande área com piscina e, claro, quadra de vôlei.

"Moro aqui há 19 anos. Amo esse lugar, as ondas ficam a uns 5 minutinhos. É bom porque é o tempo de eu ir me aquecendo, para quando chegar lá, na fissura, não perder tempo", declara o atleta de 22 anos, 19 de intimidade com a água salgada.

Fissura, esse é o combustível que o alimenta quando o assunto é onda. Seu espírito aventureiro, logo nas suas primeiras conexões com o mar,

não deixou dúvidas de que o oceano era seu playground. Phil Rajzman, como é conhecido na mídia, disputou o seu primeiro mundial aos 14 anos, em Makaha, no Hawaii, e descobriu que o longboard era a maneira mais louca de expressar sua radicalidade, o extremo da radicalidade com linhas clássicas e de uma maneira extremamente fluida.

No Oxbow Soul & Style que rolou no México, em que Picuruta venceu a Expression Session e Rico de Souza, a bateria dos juízes, Phil puxou o trem dos brasileiros e protagonizou uma das cenas mais emocionantes vistas em uma competição de longboard. "Ele brilhou em Puerto. O mar tava grande, e na primeira onda da final veio uma muralha de 10 pés, ele dropou, entubou e botou a mão no teto do tubo... porra, meu irmão, olha a intimidade, numa onda difícilíssima! Já

no final da bateria, veio uma onda gigante, tipo Pipeline, e todo mundo pensou que ele fosse pra direita. O cara chegou lá na base e resolveu ir para a esquerda. As quilhas todas saíram d'água, ele fez a curva derrapando e colocou para dentro daquela enorme caverna... Os caras não acreditaram, nem eu. Naquela hora, Gary Linden disse pra mim e para o Nat o seguinte: "Julgo campeonatos desde 1964, há 40 anos, e nunca vi numa final nada tão emocionante e surpreendente; eu não sabia que ele surfava assim", finalizou Rico de Souza, um verdadeiro mestre nessa arte e que conhece Phil desde a sua primeira remada.

Nascido em 27 de junho de 1982, Phil é filho de um dos maiores nomes do esporte nacional, Bernard Rajzman, ex-jogador de vôlei, medalha de prata em Los Angeles e criador do saque "jornada nas estrelas". É também filho de mãe patinadora e neto de professora de educação física. Talvez por isso o menino tenha passado por esportes como vôlei, jiu-jitsu, natação, equitação, basquete, patinação, futebol, pólo aquático, handebol e, pasmem, automobilismo (influência dos amigos que correm na Fórmula 3000); ele mesmo atribui a esse histórico a sua performance de hoje. "Tenho, como maior inspiração e influência, meu pai, que sempre batalhou por seus objetivos e sempre esteve preocupado

com a evolução, não só pessoal, mas também do esporte".

Além dos pais, Phil tem como principais ídolos, no surf, Rico de Souza e Picuruta Salazar, por terem sido as pessoas em quem ele se inspirou e que até hoje vê como modelos de atletas. O primeiro contato com a prancha veio na escola de surf do Rico, há 15 anos. Phil estava presente na inauguração, deu as primeiras remadas, aprendeu, se desenvolveu, ganhou patrocínio, viajou o mundo e, o melhor, recebeu de Rico o respeito, a amizade, o carinho e a admiração característicos de um pai.

E, por falar em pai, eis que surge Bernard com deliciosas pitangas colhidas no pé. Orgulhoso do pomar, ele sugere que provemos e se retira. No Brasil, Phil mora com os irmãos Gui, 9 anos, e Bernardo, de 2 anos. Sua mãe, Michele Wollens, mora na Austrália com sua irmã Bianca, 20 anos, e o irmão por parte de mãe, Nicholas, de 10 anos. "Meus pais são separados há muitos anos, eu era bem pequeno na ocasião. Mas tenho uma cabeça ótima, fiz terapia bastante tempo, e isso me deu muita maturidade, o que inclusive é determinante na minha carreira, onde o lado psicológico é decisivo em competições", conta o atleta.

Quando não está viajando (em média são umas quatro viagens para o

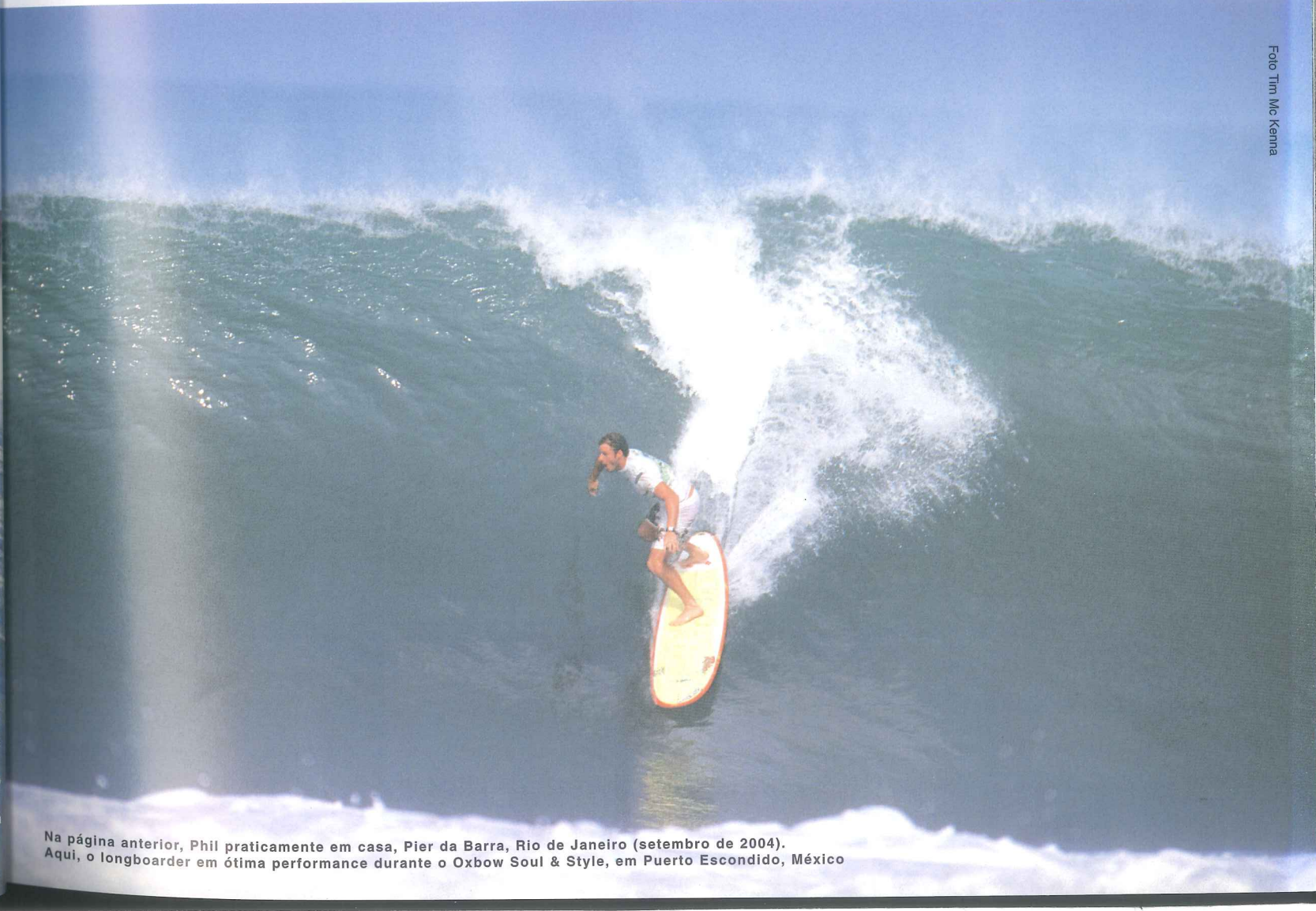


Foto: Tim Mc Kenna

Na página anterior, Phil praticamente em casa, Pier da Barra, Rio de Janeiro (setembro de 2004). Aqui, o longboarder em ótima performance durante o Oxbow Soul & Style, em Puerto Escondido, México





Etapa brasileira do mundial de longboard, em São Sebastião, 2003

exterior e umas cinco pelo Brasil), Phil aproveita para adiantar a faculdade de educação física e se dedica a atividades em casa. "Gosto muito de cozinhar, minha especialidade é comida italiana. Adoro quando tem jantares aqui em casa, em que o mestre cuca é meu pai; ele faz o melhor macarrão do mundo!", afirma Phil.

Já sabendo da sua paixão por ondas grandes, perguntei a ele qual seria a sua idéia de um dia épico. Phil me confidenciou que adora acordar em dias de altas ondas e poder sair de casa com a certeza de que estará não só treinando, mas também se divertindo com os amigos. "A cada onda, a cada tubo, a cada manobra, posso ver um pequeno filme da minha vida, e fico com o estado de espírito perfeito para deitar à noite e esperar o próximo dia com a esperança de que será ainda melhor".

Insisti na idéia dos extremos. Não tem como deixar de saber sobre o momento em que a natureza o intimidou de forma mais assustadora. "Foi um dia no Hawaí, em que eu acordei um pouco mais tarde, e descobri que o mar estava bem difícil de surfar em Sunset. A ondulação estava vindo de oeste, jogando pra cima da bancada, e o Trekinho e o Bruninho Santos tinham levado uma série de caldos e passado o maior sufoco pra sair. Fiquei fissurado quando eles disseram que o Fan (Stefan Figueiredo) estava achando as melhores ondas. Então peguei minha prancha voando. No caminho da praia encontrei com o Fan. Ele estava pálido, também tinha

acabado de levar uma série enorme na cabeça. Quando cheguei, olhei para o outside, e só tinha três surfistas (Carlos Burle, Evaristo Ferreira e um outro brasileiro, que não lembro). Resolvi entrar. O mar estava realmente macabro, o vento tinha acabado de aparecer, e as ondas e a corrente estavam jogando a gente para a bancada rasa. Subiu a série, e o terceiro cara, que estava já bem pra dentro da bancada, tentou dropar a onda, mas acabou tomando um caldo e perdendo a prancha. Entrando em desespero, ele começou a gritar por socorro, e Burle, que estava mais perto, foi salvá-lo, dando sua prancha para o cara e saindo no sufoco nadando. Eu e Evaristo ficamos sozinhos, esperando a próxima série para sair. Quando ela veio, eu já estava atrás do pico, e dropei muito atrasado. Quando consegui passar o espumeiro, dei de cara com o Evaristo, que não havia me visto, dropando em cima de mim. Aí foi aquele sufoco, fiquei duas ondas debaixo da água, e quando jurava que já não tinha mais chances, consegui respirar, me agarrei na prancha e fui expulso pelo forte espumeiro de Sunset. Quando cheguei na areia, sem forças, o pessoal do resgate já estava botando o jet-ski na água, e me perguntaram brincando se eu era o cara que havia acabado de ressuscitar. Eles não acreditavam que eu tinha ficado tanto tempo em baixo d'água e continuava vivo. Fiquei uns dois dias de cama, acabado, tentando me recuperar para o próximo caldo", lembra, rindo.

Xande Moraes  
Pic: Ivan Storti  
Kamah & PBallo Designs

Marco Figueiredo - Artista Plástico

vikingsurfboards.com

vikingsurfboards.com.br



**VIKING**  
SURFBOARDS

Apresenta

**The Collection**  
Viking surfboards

PRANCHAS DE SURF OU OBRAS DE ARTE?  
SIMPLEMENTE... AMBAS !!!

EXPOSIÇÃO  
"THE COLLECTION"  
16 DE NOV. A 05 DE DEZ. 2004  
**PIOLA**  
FAMOSI PER LA PIZZA  
Higienópolis - São Paulo - SP  
www.piola.com.br



Phil é um cara extremamente dedicado a tudo que faz, apaixonado pelo surf e pelo longboard. A maneira de ele surfar com o long criou estilos, revolucionou e ainda impressiona, levando muitas outras pessoas mais jovens a fazerem o mesmo, inclusive os amigos. "Phil Rajzman pra mim é o melhor longboarder brasileiro; ele pode fazer o que quiser com a prancha e tem um puta estilo poderoso", afirma Jonathan Larcher, campeão europeu de 2003.

Realmente, parece que só ele é capaz de realizar tantas façanhas como se estivesse com uma pranchinha no pé. "Phil? Ele está fazendo provavelmente as manobras mais radicais e loucas que eu já vi no longboard. Ouço as pessoas falando do que ele faz... apenas quem surfa de pranchinha consegue, e ele faz numa prancha de 9 pés! Isso é bem louco...", declara Collin McPhillips, longboarder americano, campeão mundial de 1999, 2001 e 2002. As manobras mais difíceis realizadas por ele com o pranchão são o ollie-up, em que o surfista dá um salto com a prancha sem utilizar o lip, e reverses irados, fazendo a prancha deslizar 180° e andando de marcha a ré, com as quilhas para a frente. (O reverse pode vir na seqüência de um tail-slide, onde o surfista derrapa a rabeta da prancha numa rasgada, ou pode também acabar numa volta completa, de 360°.)

Além de ter essa garra toda, Phil não se intimida pelos maiores. "Conheci Laird Hamilton no México agora e batemos altos papos. Eu disse brincando para ele

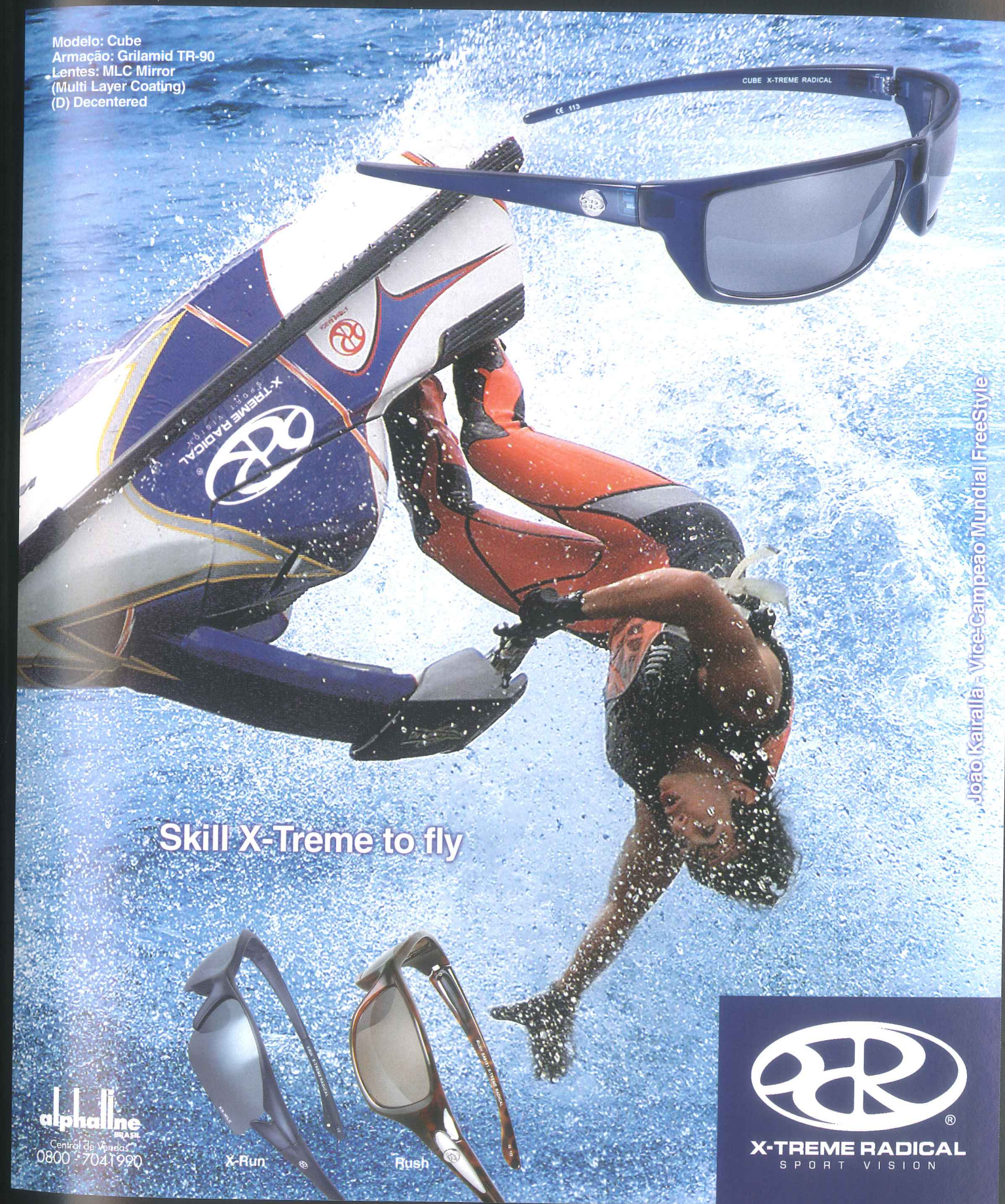
aguardar, que ainda tenho que aprender muita coisa, mas que no futuro eu seria a dupla dele. Ficamos rindo juntos e, na noite de comemoração do título, após o jantar Oxbow havia feito para os competidores, fomos pegar umas ondas de peito em... Detalhe: tinha uns 10 pés e era meia-noite, não dava para enxergar um palmo na frente... dava para ver as ondas quando elas já estavam em cima de nós! A galera na areia amarradona, botando os faróis dos carros em direção ao mar para ver os loucos surfar ou melhor, voando", lembra.

Tendo o Hawaii como sua segunda casa, Phil confessa que lá se sente à vontade e inspirado para treinar, sem falar no fato de estar próximo dos maiores nomes do surf mundial. Segundo ele, esse intercâmbio é importantíssimo para a troca de informações e aprendizado. "Rezo sempre, agradeço a Deus pelo talento que ele me deu, por ter colocado coisas especiais no meu caminho, por me dar paz e segurança; o resto é lucro, confiança".

#### QUEBRANDO BARREIRAS E PRANCHAS

Provavelmente a primeira experiência radical foi aos 3 anos, na ocasião em que seu pai fazia a transição das quadras para a areia. Phil costumava acompanhar os mergulhos em São Conrado, quando uma vez, surfando de jacaré agarrado às costas de Bernard, uma onda da série os atingiu, jogando um para cada lado e, depois de alguns segundos, pra debaixo d'água. Após ser resgatado pelo pai, o pequeno Phil, ainda assustado, deixa de lado o trauma e pede: "Mais, mais...". Hoje, ao perguntar sobre os

Modelo: Cube  
Armação: Grilamid TR-90  
Lentes: MLC Mirror  
(Multi Layer Coating)  
(D) Decentered



Skill X-Treme to fly

alphaline  
BRASIL  
Central de Vendas  
0800 7041990

X-Run

Rush



X-TREME RADICAL  
SPORT VISION

João Kairalla - Vice-Campeão Mundial FreeStyle



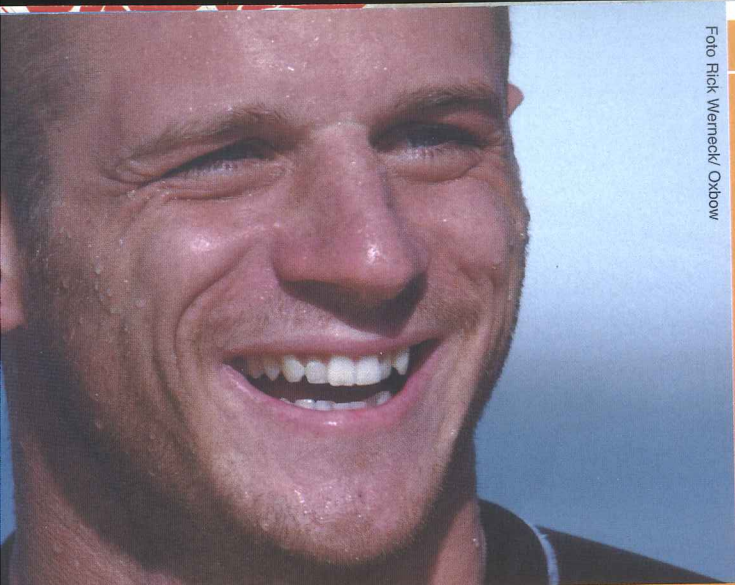


Foto Rick Wernick/Oxbow

**Seus patrocinadores?**

Osklen, Rico Computerdesign, HB Sunglasses, Loterj

**Qual a sua maior meta dentro do long?**

Continuar tentando quebrar barreiras, procurar desafios "impossíveis" só para quebrar a cabeça tentando fazê-los tornar-se realidade e principalmente manter bons resultados no circuito mundial.

**Você ganha o suficiente para realizar seus projetos no esporte?**

Tenho muitos sonhos e projetos, mas ainda não tenho possibilidade financeira de realizar todos, mas a entrada cada vez maior de grandes empresas e do governo no surf está sendo muito boa. É importante também investir no esporte, não só pegando carona no life-style do surf, somente vendendo surfwear. As empresas que decidem investir têm um retorno, e ganham um respeito muito maior dos surfistas do que aquelas que não fazem isso.

**Conselho para iniciantes no longboard?**

Procurar uma escolinha de surf para aprender com segurança e da maneira correta, e, segundo, buscar um objetivo e manter o foco nele, sem deixar que más influências mudem o rumo dos seus sonhos.

**Como você se prepara para a competição, alguma rotina?**

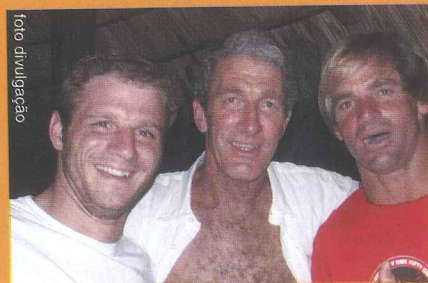
Quando estou em fase de competição, treino 4 horas por dia, vou até as ilhas remando, malho 1 hora e corro mais 1 hora... foi o que me fez sentir preparado para aturar os caldos de Puerto Escondido.

**Melhor programa para uma noite punk de verão no RJ?**

Adoro estar namorando, ir ao cinema, jantar à luz de velas, mas como estou solteiro, adoro curtir a boate São Thomé, aqui no Rio, onde vão pessoas bonitas e as músicas são as melhores, com muito hip-hop.

**Melhor programa para uma noite fria e chuvosa de inverno?**

Estar com a pessoa que você ama, de preferência vendo um filminho debaixo do edredom.



Phil, ao lado de Nat Young e Laird Hamilton, no México

**Surfista com estilo parecido com o seu?**

Matthew Mour, da África do Sul. Ele tem um estilo bem progressivo.

**Motivação:**

Cumprir os objetivos diários que eu me imponho para a evolução e o aprendizado.

**Para fugir do estresse:**

Quando estou preocupado ou triste com alguma coisa, curto ficar sozinho. Muitas vezes costumo dar uma remada até as ilhas bem na frente da minha casa, pra ficar em contato total com a natureza.

**Hobbies:** Desde moleque, sou apaixonado por carro e música. Fiz um curso de produção fonográfica e faço as minhas próprias caixas de som. Isso fez com que eu montasse uma "boate" no meu quarto. Sou vizinho de dois grandes pilotos de corrida, o Leonardo Rocha e o Guilherme Rocha, e sempre que posso dou umas voltinhas no autódromo, pois adoro curvas em alta velocidade.

**Som:**

1) Reajja, 2) Emmerson Nogueira, 3) 50 Cent.

**Filme:**

Surf Adventures

**Melhor e pior parte de ser pro?**

A melhor parte é o conhecimento e as diferentes culturas com que você acaba entrando em contato, conhecendo novas pessoas e diferentes hábitos. A parte ruim é o tempo que às vezes temos que passar longe da família e dos amigos. Mas isso faz parte, consigo superar numa boa. Fui acostumado desde cedo a ver meus pais viajarem e ter que ficar um bom tempo longe deles.

ele me diz que é diversão: "Tomo vários; minha profissão é o perigo. Eu me lembro desse caldo como se fosse hoje, meu pai me conta que curti a emoção..."

Hoje, a maior emoção para Phil é a possibilidade de inovar. "Tem muita coisa a ser explorada no longboard. É um esporte antigo, mas com uma evolução recente, tanto no aspecto da radicalidade como no aspecto da tecnologia das pranchas, que estão cada vez mais leves e, com isso, mais fáceis de serem manobradas. Quando comecei, meus amigos me sacaneavam porque longboard era para fim de carreira, esporte de velho... Parece que eles estavam adivinhando que eu queria essa pilha para ir ao limite...", fala o longboarder, que hoje já tem visão de empresário do long. "Estou desenvolvendo junto com o Rico um modelo de pranchas Phil Rajzman, com computadores que facilitam a produção e a qualidade. Também tenho uma linha de pranchas que o Rico faz com a minha assinatura", afirma.

Reza a lenda de que nos tempos de amador Phil só competia com pranchas emprestadas e não ligava para o outline e as medidas... se boiasse, ele surfava. Achei que seu pai não queria incentivá-lo no surf, talvez preferisse as quadras... Mas a história é outra: ele quebrava e continua quebrando tudo. E atualmente ainda passa sufoco. Ele me disse, às gargalhadas, que antes de nos encon-

trarmos havia ido dar um mergulho no Pepê e tinha umas ondinhas. Fissurado que é, não resistiu ao velho e educado pedido de um brother: "Fala, irmão, tudo bem? Será que você deixa eu dar uma remada rapidinho com a sua prancha?", conta ele, que já quebrou pelo menos umas 300 pranchas. "Teve uma temporada, no Hawaii, que quebrei 23 em menos de 2 meses!" (Coitado do Rico).

É, do jeito que as coisas estão indo, com tantos atletas fortes reconhecendo o seu trabalho e o empenho de Phil, é só esperar e apostar que ele ainda pode trazer enormes glórias para o as prateleiras brasileiras.



Rico de Souza, Bagê, Phil e Picuruta; um time pra ninguém botar defeito

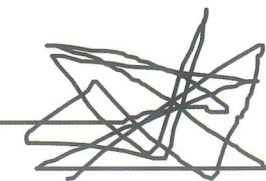
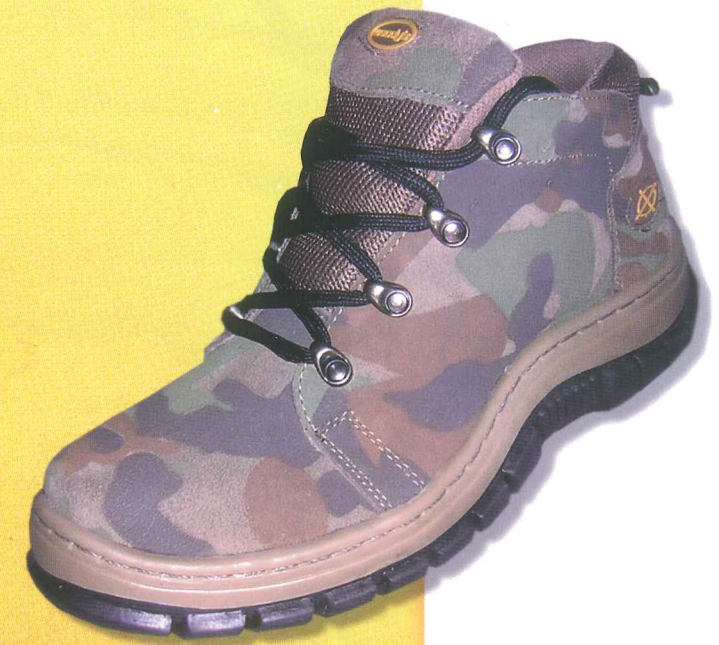
Foto Rick Wernick/Oxbow



Mundial de Longboard - etapa brasileira em São Sebastião (2003)




we can help you find the waves



  
**cannon**  
the real shoes  
fone: 11-6128-6868







# A EXÓTICA E BOMBÁSTICA CORÉIA DO SUL

Por Sam Bleakley  
Tradução de Fabio Cristo  
Fotos John Callahan

**O** kimchi coreano deixa um gosto curioso na boca: couve em conserva, fermentada. Essa preparação é feita para preservar os vegetais nutritivos nos invernos severos da vizinha Manchúria (norte da China), mas agora é parte essencial de toda refeição coreana. O gosto daquele condimento azedo estava queimando a minha garganta. Dei uma olhada no mar pra checar o line-up. Coração bombando. Remei para o canal profundo do atracadouro para evitar que uma série arrebentasse sobre a minha cabeça. O supertufão Chaba estava dando sinais. Randy Rarick, a lenda de Sunset, acabara de virar a sua gun vermelha 9'2" em direção a uma "bomba" atrasada, e gritando desceu a face do que mais parecia Makaha do que o mar da China Oriental. A cavada sem esforços de Rarick o levou a uma estilosa encaixada embaixo do lip e, logo, a uma atrasada venenosa antes do tubo, que parecia bem cruel! Eu ainda estava agonizando de tanto remar, quando uma morra de 8 pés ameaçou fechar o canal. Quem diria: surfando na Coréia e rezando pra que o swell baixasse...

## A cidade de Seul

A Coréia do Sul é um ótimo exemplo das excepcionais conquistas econômicas do lado asiático do Pacífico. Um lugar mais associado a Samsung, Hyundai e taekwon do do que às ondas e às bancadas de corais. O norte da península parece estar congelado no tempo da guerra fria de 1980, como se o misterioso ditador Kim Jong Il ainda controlasse o clima, e o seu pai, morto há uma década, permanece como chefe de Estado. É o único país na face da terra onde um visitante deve ser escoltado durante toda a sua visita. Mesmo que você aprenda a lidar com essa situação e se vire bem, não há chance de comunicação, já que os celulares e a Internet são ilegais.

Uma nova onda cultural no sul capitalista seria uma apresentação mais segura do país. Doze meses atrás, John Callahan começou a notar anúncios espalhados pelos ônibus de Cingapura, descrevendo a "Encantadora Jeju" como "A ilha da lua-de-mel". Localizada na altura do paralelo 33º do hemisfério norte, a 80 quilômetros do continente, a costa sul da ilha tem águas quentes no verão, com temperaturas que chegam a 27º, e está exposta a 20 tipos de tufão que têm como caminho o noroeste do Pacífico, entre os meses de agosto e outubro. Callahan ficou intrigado com isso.

A poltrona me deu vista exclusiva para os canyons de concreto da moderna cidade de Seul, e eu morria de sede por causa da altitude e do ar-condicionado. Chegando ao Aeroporto Internacional de Incheon, minha primeira percepção da cultura coreana foi ver o carrinho de limpeza automática andando pra lá e pra cá polindo o chão. Fiquei na fila do bebedouro. Procurando a torneira, descobri que era eletrônica, então passei a mão na frente do que me pareceu ser um sensor e finalmente fiz a máquina esguichar um fiozinho fraco de água que começava a matar a minha sede. Ao bater o pé, acidentalmente, acionei outra função da máquina, e o bebedouro começou a jorrar um forte jato d'água contra a minha testa. Levei apenas 30 segundos para entender a paixão dos coreanos pela tecnologia.

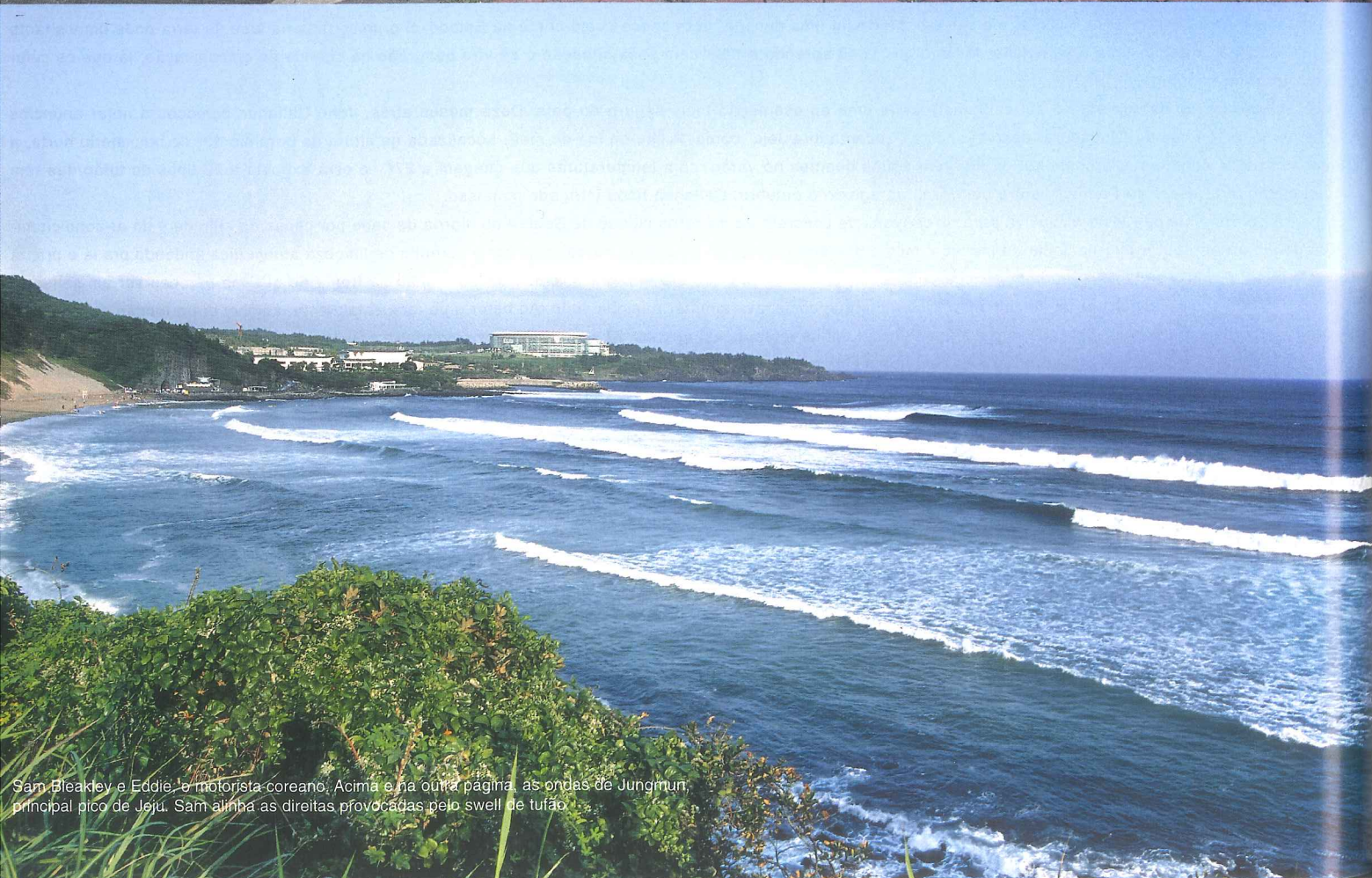
Callahan e o italiano Emilliano Cataldi, uns dos melhores surfistas do Mediterrâneo, lutaram muito contra a chuva que não parava e a barreira do idioma para arrumar um lugar para a gente ficar antes do encontro marcado no aeroporto de Jeju. Randy Rarick e George Fujisawa chegaram cheios de energia de Tóquio.

Randy emana uma aura de calma e confiança que só alguém que tenha surfado em Angola, Namíbia e Líbano pode ter. George conheceu Rarick no colegial, no Hawaii, e se inspirou tanto no invejável estilo de vida dele que levou o sonho ao Japão. Hoje, aos 53 anos, George ainda aparenta 30, graças a uma dieta à base de peixe cru e ondas. A amizade deles não só colocou George para dentro de algumas morras em Haleiwa, mas também ajudou Randy a capitalizar durante o boom do surf no Japão, no final dos anos 70 e início dos 80. Rarick viajava pela terra do sol nascente para shapear algumas pranchas, o que lhe rendia (e ainda rende) 500 dólares por dia.

Carregar nossas pranchas no ônibus que seguia para a região turística da costa sul nos custou muitos sorrisos persuasivos e diversos gestos. Conseguimos chegar à antiga cidade de Sinsuseong e nos viramos no estilo coreano do minbak (quarto alugado em casa de família), desenrolando um ya (tipo de colchão) no chão, para dormir por uma semana. Demos umas voltas pelas redondezas para achar comida local, mas só de pensar na chuvinha com vento ficamos deprimidos. No entanto, logo o tanque de peixes de onde viriam as nossas refeições nos atraiu a atenção.

Tirei os sapatos para me sentar à mesa baixa e vi um buraco no meio, que rapidamente foi preenchido com uma pedra quente e uma grelha. A comida chegou: heukdwaeji bulgogi (porco preto), haemuljeongol (cozido de frutos do mar), hoe (peixe cru) e vários kimchis diferentes, para Emilliano e eu nos entretermos com nossos hashis metálicos. Randy coleciona rótulos de cerveja de todo o globo; assim que foi servida a cerveja local, em cuja embalagem estava escrito "feita com a mais pura água de primavera", sabíamos que estávamos prestes a saborear a cerveja mais fraca da Ásia. Por sorte tínhamos sujeongwa, um chá frio de canela e gengibre, para adoçar um pouco as coisas.





Sam Bleakley e Eddie, o motorista coreano. Acima e na outra página, as ondas de Jungmun, principal pico de Jeju. Sam alinha as direitas provocadas pelo swell de tufão



## Perdidos na tradução

Encurralada entre Rússia, China e Japão, é incrível que a Coréia tenha mantido uma única herança e um idioma. A cultura do país é hoje uma fusão de antiguidade chinesa e futurismo japonês. Nem mesmo a grande dinastia da história coreana, o reino de Silla (de 17 a.C. a 935 d.C.), deixou uma marca na ilha de Jeju, nome que literalmente se traduz como "insignificante e distante província". A terra subtropical, de forma oval, sempre proporcionou boa pesca de lulas, cultivo de frutas e exílio para intelectuais. No entanto, recentemente uma onda de turismo trouxe o trio de hotéis Hyatt, Lotte e Shilla, o International Convention Centre, e o asfalto mais macio e largo que o rei da velocidade poderia sonhar.

A romanização dos sinais de tráfego mostrava que seria fácil dirigir pela região, mas nenhum de nós havia levado a carteira de motorista internacional. O "I" circulado, de Itália, na carteira do Emilliano, quase resolveu o problema até a locadora de carros notar – se o funcionário da locadora fosse mulher, certamente se derreteria com a presença do italiano, e nós teríamos saído de lá no mais novo Hyundai Santa Fe (o melhor que a Coréia pode oferecer). Conversamos com o dono do minbak e conseguimos que seu primo fazendeiro nos levasse para um tour na sua picape KIA 1984 por alguns dias. Até o templo budista de Yacheonsa era mais novo do que aquele carro! O fazendeiro era a imagem cuspida e escarrada da pedra histórica Harubang de Jeju, uma estátua de lava solidificada com uma cara feliz e um chapéu, e os braços cruzados na frente da barriga. O guardião xamanístico era a única peça de cultura histórica da ilha.

Certamente nos sentimos seguros com o filho do Harubang, porém o caminho para a costa foi outra história. O capitão Callahan sentou na frente e, de vez em quando, mas com convicção, fazia gestos para a esquerda, para a direita e pra frente. Como o filho do Harubang falava muito pouco inglês e nós no conjunto não falávamos nada de coreano, havia sempre uns 30 segun-

dos entre a nossa direção e qualquer resposta do filho do Harubang. Ai, tarde demais. Perdemos mais uma bifurcação! Perdidos na tradução...

Nunca é fácil educar um marinheiro de primeira surf trip. Procuramos cada penhasco, cada praia e baía, falésia e porto, mas inevitavelmente acabamos voltando para o primeiro point que havíamos visto para uma sessão rápida.

Acho que os surfistas podem ser vistos como um produto de culturas afluentes, que possuem tempo de sobra. Em contraste, a Coréia do Sul é uma sociedade moderna, formada por pessoas trabalhadoras, bem qualificadas e motivadas. É só você ver a pobre dieta a que este povo se submetia nos tempos antigos e duros do país, para ter idéia da garra dessas pessoas. A Coréia gosta de ser vista como "um dragão que brotou da cova". Tudo é levado muito a sério, num povo otimizado por obsessivos jogadores de videogame e sanguinolentos ninjas que jogam no programa *Fama e Fortuna* da TV. A educação é colocada acima de tudo e muito valorizada, assim como os estudantes. Eles dizem: "É melhor ensinar um livro a seu filho do que lhe deixar uma fortuna". Com essa mentalidade, fica pouco espaço para o surf nessa sociedade. Mas assim que o filho do Harubang nos viu surfando, ficou curioso com a plasticidade e a beleza do nosso esporte. Certamente estava mais entusiasmado do que o pescador que gritava do píer: "P-E-R-I-G-O-S-O! P-E-R-I-G-O!", para nos salvar de um possível afogamento e para não danificarmos suas preciosas camas de mariscos!

## Jungmun beachy

Os coreanos adicionam um som de "i" a todas as palavras inglesas que terminam com "ch". Na verdade, eles têm o costume de pronunciar as palavras inglesas sempre terminando em "i". Por exemplo, "lunch" fica "lunchy" e "beach", "beachy". Esta última era a favorita do filho do Harubang; ele adorava usar essa palavra a toda hora que a gente estava dirigindo por uma rua estreita.

Jungmun beachy, a praia de Jungmun, no sul de Jeju, é o lugar que todo coreano quer visitar nas férias. A paisagem natural é linda, com falésias de pedras basálticas, baías, cascatas e campos de tangerina. No meio disso tudo, os investi-



Uma profissão em que você  
passa o dia com os pés  
sobre a mesa de trabalho.



A Petrobras leva o surfe a sério. Por isso, investe no esporte realizando o Circuito Petrobras de Surfe Feminino, o Petrobras Longboard Classic, a Seletiva Petrobras de Surfe Masculino e o Festival Petrobras de Surfe. E não é para menos. Afinal, nós temos os mesmos valores dos surfistas: respeito ao meio ambiente, amor pelo surfe e vontade de superar desafios.



Ministério de Minas e Energia







Aqui, Randy ao chegar em Boilers Point. Acima, ele curte as boas ondas do lugar, que só quebram quando um swell enorme como este atinge a baía

dores imobiliários construíram um mix de hotéis de ar ocidental com moinhos, pontes e uma arquitetura asiática obscura, que ignora a vista para o mar.

Na nossa primeira sessão de surf, no point de esquerda a leste de Jungmun, pudemos perceber que o pico tem altas ondas, pelo menos em agosto, quando um swell de tufão entra com tudo. Os oito locais da recente comunidade de surf de Jeju se interessam mais pela parte segura, onde quebram as direitas de beach break, mas isso parece estar mudando. O pioneiro Kim Tae Oh, local do pico, queria apavorar Callahan, que fotografava a partir do pico de lava. "Ele está me pilhando numa vibe boa", explicou John. "Não se importa com a galera dos Estados Unidos e da Europa, mas sim com os japoneses." Com estimados 750 mil surfistas hoje, é claro que os japoneses poderiam descobrir altos picos em Jeju e crowdear da noite pro dia.

As relações entre Coreia e Japão sempre foram difíceis e controversas. O norte ainda está amarrado a um comunismo ortodoxo, imposto depois que o comando do Japão colonial caiu em 1945. Balançados pela vitória socialista na China, os EUA intervieram em 1950 para impedir que o regime vermelho se espalhasse pelo sul. A Guerra da Coreia (entre o sul e o norte), que durou três anos, de 1950 a 1953, colocou os dois lados em uma situação de impotência. Ambos não podiam evoluir. O sul cortou as fontes de energia do norte, e este bloqueou o capitalismo do sul. Os comunistas cometeram um erro ao desperdiçar recursos na esperança de criar um país auto-suficiente pelas mãos da forte industrialização. Em apenas duas décadas, de uma sociedade tradicional agrícola o sul se transformou em um competitivo exportador de carros, computadores e aparelhos eletrônicos.

A "Sunshine Policy" ("Política da Luz do Sol"), que configurava um relacionamento mais leniente com relação ao norte, mostrava que a guerra havia sido suspensa, mas não estava oficialmente terminada. Quem sabe o que a Coreia do Norte tem na manga? Os 250 quilômetros de zona desmilitarizada lembram de forma grotesca os últimos vestígios da guerra fria.

No entanto, a prioridade do Japão mudou, e hoje em dia a hospitalidade dos japoneses é incomparável no mundo da surf trip. Quando George descobriu que o filho de Kim falava um pouco de japonês, instantaneamente o reconheceu como amigo. Levou Kim a um dos melhores restaurantes de sushi da cidade, e em pouco tempo parecia que os dois eram conhecidos desde os anos 60. Emilliano, Randy, John e eu, por outro lado, estávamos trocando histórias com um viajante australiano, Don Rutherford, que atualmente trabalha como marinheiro-chefe da divisão de Yatch Club do clube de golfe Black Stone. Era um time perfeito: George conhecendo os locais de verdade e nós aprendendo sobre os povos da Tasmânia e da Nova Zelândia, que, diz a lenda, têm surfado alguns recifes de coral irados em Jeju, de quatro anos para cá.

### No surfing!

A praia de Jungmun estava bombando com altos tubos. O único risco era uma corda amarrada a uma bóia que divide a área para banhistas da área para surf. Tínhamos que dar um *ollie* por cima da corda toda vez que estávamos no inside, para evitar cortes e ferimentos. Toda essa organização no estilo balneário é única na Coreia. Casais em lua-de-mel alugam bóias amarelas para flutuar na água e deixam-se levar pela corrente, até que uma onda os arraste de volta pra bater de frente no parceiro, risonho e com os óculos cheios de areia. A linha da bóia é uma área preciosa para os salva-vidas fumarem seus cigarrinhos, o único lugar em toda a baía onde eles têm que manter a segurança dos ba-nhistas. Então, toda vez que você entra na área de segurança, fica assustado com suas ultrafortes sirenes de 1 milhão de decibéis, da Segunda Guerra Mundial.

Ruddy se deparou com Kim remando com seu melhor amigo, Kuh Kyung Ji, que parecia um cientista louco fazendo experiências com a água salgada. Os tubos acima de nossas cabeças eram desafiadores para eles, fazendo com que ficassem próximos um do outro. Mas numa clássica demonstração de honra japonesa e respeito aos locais, George sacrificou alguns tubos vazios para dar apoio moral a Kim e Kuh, responsáveis pelo Waves Club da

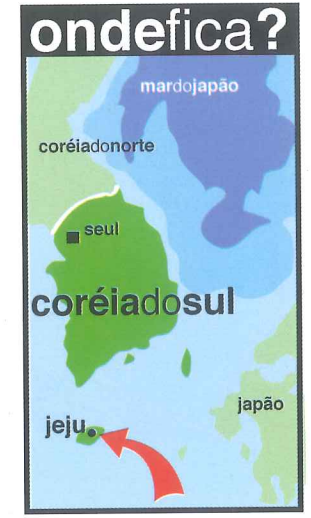
Coreia (criado em junho de 2003, depois que pegaram o vício dos surfistas japoneses). Enquanto Jungmun é o principal pico de surf, a farmácia local é a cidade de Sinsuseong, onde Kuh trabalha. Lá a molecada se reúne para falar de suas dropadas radicais, checa a ondulação nas tabelas e consome grandes quantidades de suplementos alimentares em garrafinhas cheias de fibras e açúcar. Minha teoria é que o cientista maluco Kuh afana uns remedinhos e mistura com os suplementos para melhorar sua performance no surf.

Meus sentidos estavam superalertas na manhã seguinte ao dia em que tomei a poção mágica de Kuh e um gole de Pocari doce, um líquido transparente que pensei que fosse água mineral, mas na verdade era um substituto isotônico do ferro. Agora sei qual é o gosto do suor de um mexicano obeso chamado Pocari. Argh!!! Com mais glicose nas veias que cana-de-açúcar caribenha, fiquei furioso quando o salva-vidas de Jungmun gritou, determinado, "N-O S-U-R-F-I-N-G T-O-D-A-Y" no microfone, recusando-se a nos deixar remar para o outside por causa do swell gigante. Como o pico estava fechado para os banhistas, não queríamos ofendê-los. Nem mesmo o nativo Kim pôde encorajá-los a nos liberar. Eles claramente não percebiam que nos últimos dias uma mescla eclética de talentos da elite mundial do surf estava naquela praia. Obviamente eles não têm tomado Pocari doce o suficiente.

Por um atalho num caminho pelas pedras, ficamos fora do alcance dos salva-vidas e da fechadeira que estava bombando por causa do tufão. Agora o Chaba começava a falar sério. Em pouco tempo o swell ia socar a ilha sul do Japão com ventos de 210 km/h e as marés mais altas do ano. Estava bem perigoso, então havia uma boa chance de rolar uma tragédia. Com toda aquela chuva, a água estava turva, e grande parte dos detritos da ilha pareciam estar sendo levados pela correnteza pra perto do line-up.

Randy teve que furar uma morra gelada e logo viu outra, prestes a quebrar sobre sua cabeça. Graças ao bom Deus, o lip não pegou nele, mas tirou um belo naco da rabeta de sua 6'8. Gastei meus joelhos me desviando dos lips pesados daquelas ondas. Mais tarde, para a nossa surpresa, Kim Pyo Ju remou para o outside. Inspirado por nós, ele estava oficialmente pegando as maiores ondas de sua vida. Kim Pyo era o piadista local, sempre empinando sua motoquinha, rindo e tirando onda. Coração na boca, ele começou a remar para o outside na sua BIC. Acho que aqueles visitantes japoneses, muito originais por sinal, surfavam de boné, porque Kim Pyo remava com sua bombeta virada pra traz, como se fosse um surfista irado de Okinawa rasgando uma valinha em plena *summer session*. Inevitavelmente, a primeira onda que pegou levou seu boné. "AHH, MINHA BOMBETAAA", ele veio gritando, em bom inglês, consideradas as circunstâncias, e remou na direção oposta, procurando seu querido bonezinho.

Estávamos mais concentrados na série seguinte, que poderia arreventá-lo nas pedras. Por sorte, o boné dele boiava e, meia hora depois, com a ajuda moral de Randy, Kim Pyo pegou algumas ondas e, gloriosamente, nunca mais perdeu seu cap azul e vermelho de caminhoneiro. Para remar de volta à praia, não havia opção a não ser usar a saída proibida pelos salva-vidas. Randy pegou uma direita de inside e levou um apito de alerta, mas eu consegui desviar para o oeste bem em frente a uma área restrita (acho que fiz isso só pra ver no que dava). Dropei uma direitinha bem cavada e rápida que me levou até a área onde ouvi a sirene de emergência. Me senti um pouco culpado quando passei pelos salva-vidas. Mas depois rachamos o bico com um belo copo de cerveja gelada e fraquinha, lembrando do som da sirene que furava o ouvido.







O minbak coreano, onde a equipe ficou alojada. Acima, Randy Rarick marca Jungmun com estilo e acrescenta mais um país na sua lista de surf trips pelo mundo. Na outra página, Sam em Hanchi Point e, abaixo, dropando a enorme direita do porto de Jeju



## Educando Eddie

Os campos de tangerina do filho de Harubang não podiam ficar sem cuidados por muito tempo, então arrumamos outro motorista e outro carro. Jung Kyuung San, que nós batizamos de "Eddie", não era um homem muito prático. A Coreia é provavelmente a parte mais confusa da Ásia. A etiqueta convencional tem uma hierarquia severa para que todos saibam se portar e falar respeitosamente com os outros. Status e dignidade são muito importantes. O chinês Kong Zi, conhecido no Ocidente pelo nome latinizado de Confúcio, simplesmente viu que a sociedade poderia ser melhorada se os indivíduos se comportassem de maneira correta. Assim, cinco relações circundam uma restrita relação entre tarefa e obediência: chefe e empregado, filho e pai, velho e jovem, mulher e marido, e igualmente entre amigo e amigo. Jogue alguns turistas no meio desse código confuciano, e Eddie estará completamente desconcertado.

O que aconteceu foi que, no primeiro dia com Eddie, o mar estava mexido e com muito vento em Jungmun, então tivemos que explorar. Eddie não estava vestido para a aventura, com suas roupas amassadas, sapatos de couro de crocodilo e camisa engomada branca. Ele estava mais acostumado a levar executivas aos campos de golfe do que a ser encorajado a atravessar os sinais de "WI HEAM GIL EUPSEUM – PERIGO, NÃO ENTRE", como bom cidadão respeitoso da lei que era. Mas valeu a pena. Passamos com perspicácia pelas camufladas trincheiras japonesas da Segunda Guerra Mundial, e chegamos à conclusão de que o sul não está mais tão preocupado com uma possível invasão do norte. Os postos do exército de Jeju parecem mais clubes de cadetes do que uma força armada com que se possa contar. Ou talvez as prioridades tenham mudado, e Jeju ficou muito periférica. Em Songakon, escalamos um penhasco de 100 metros de altura, onde vimos uma aranha do tamanho de um punho e uma teia do tamanho de um carro. Depois fomos devorados vivos por mosquitos em uma região de pântanos e nosso Hyundai branco novinho ainda atolou na lama negra. Quando tentei girar a roda da van, o jato foi direto na galera e todo mundo ficou preto de lama. Eddie pensava mesmo que éramos alienígenas, de outro planeta, daqueles que ele costumava matar nos videogames que jogava quando era criança. Destinados a assombrá-lo por toda a eternidade.

Finalmente chegamos a Chagwido, uma vila de pescadores com um porto sempre cheio de lulas espalhadas pelo deque. Foi um alívio ver uma vila de pescadores na ativa depois de tantos atracadouros fantasmas, como o da praia de Hama. Eddie ficou aterrorizado vendo a gente surfar. George dropou uma morra e cavou mais um monte de ondas, antes de experimentar os melhores frutos do mar da vila. O resultado foram alguns sushis de peixe-espada e seagge guk – sopa de frutos do mar. Sem um guia culinário, quem poderia saber quanta carne de cachorro e de cavalo estaríamos comendo? Os coreanos pronunciam "duck" (pato) com um som de "aw", dawk, e como não há diferença entre sua pronúncia de "g" e "k", dog (cachorro) soa como duck (pato), e a palavra galinha em coreano também soa como "dak". Fique esperto.

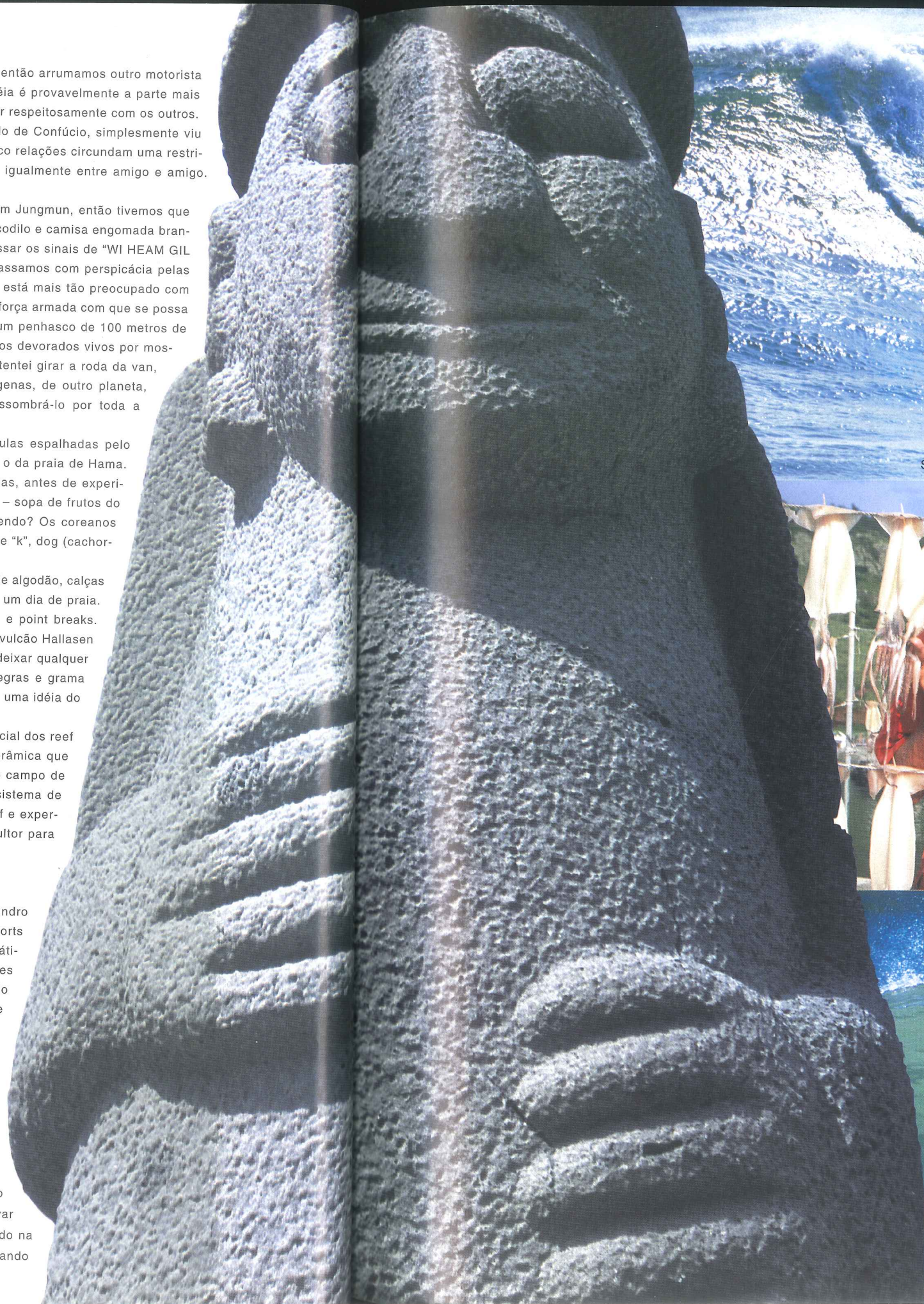
Na manhã seguinte, Eddie levantou às 6h30 transformado: chapéu australiano de cricket, gravata de algodão, calças largas e umas sandálias estilosas. O traje perfeito para combinar com seu bronzeado vermelho-brilhante de um dia de praia. Começamos então a navegar em torno dos 200 quilômetros da ilha, checando cada praia, recife de coral e point breaks. Geologicamente Jeju é fascinante. O basalto poroso dos 2.000 metros centrais onde um dia esteve o extinto vulcão Hallasen esconde uma das mais longas cavernas de lava do mundo. Os costões são assustadores o suficiente para deixar qualquer pirata bem longe dali. "Parece muito Big Island", comenta Randy ao se referir à combinação de rochas negras e grama verde. Misture a vulcanografia de Lanzarote à ilha de Lewis e tempere com um toque de Maui, e você vai ter uma idéia do lugar.

Kim-san nos mostrou os beach breaks, que não eram lá essas coisas, e nós examinamos o potencial dos reef breaks, expandindo os horizontes dele em relação ao surf. O único pico que nos iludiu foi uma vista panorâmica que só se podia alcançar passando por um campo de golfe grã-fino. Não preciso dizer que fomos expulsos do campo de golfe antes de vermos a vista. O senso de direção de Randy é impressionante. Ele parece que tem um sistema de GPS embutido. Ligue isso ao cérebro e inicie a IPS (precursora da ASP) em 1976, some habilidade no surf e experiência com ondas de mais de 60 países, e você saberá por que Bruce Brown contratou Randy como consultor para as explorações surfísticas do filme *The Endless Summer II*.

## Outras ondas

Durante toda a semana, triatletas estiveram pedalando pelo monte Seongsan e correndo pelo cilindro de vidro do Centro de Convenções, que dá vista para o mar, vestindo roupas de cores combinadas e shorts agarrados. Conheci dois britânicos no avião, vindo de Heathrow, conversando sobre barras energéticas e táticas para trocar pneus, e eles estavam ansiosos para se juntar a mais de mil outros competidores, amadores e profissionais, para o anual Jeju Triathlon. É uma etapa da classificação para o prestigioso Ironman do Hawaii, e a tensão crescia diariamente, especialmente porque havia medo de nadar nos mares temidos e agitados pelo tufão. No meio de tudo isso, havia surfistas profissionais, ironicamente a negócios também, mas sempre indo na direção oposta, remando na direção das ondas que os triatletas esperavam que se dissipassem até domingo. Dizer que estávamos em ondas diferentes seria redundante.

Uma manhã de ventos fortes em Jungmun. Antes que os salva-vidas começassem a trabalhar, um competidor estupidamente mergulhou para cruzar a baía. Sem chance. Ele podia ser o campeão australiano, com um condicionamento físico exemplar, mas, sem conhecimento do oceano, Maximus Von Ironman estava perdido. Randy viu o resultado um quilômetro e pouco antes da tragédia. Maximus foi sugado direto pra dentro da arrebentação, tentou dar meia-volta, entrou em pânico e remou desesperadamente contra as séries. De cabeça pra baixo, dando o gás extra que obteve com as barrinhas que comeu no café da manhã, nadava por baixo de todas as ondas (as mesmas que ele poderia ter pegado para se salvar num jacaré). Certamente ele não prestaria atenção em nossos gestos dizendo para que ele nadasse de lado na zona de impacto, mas mesmo assim conseguimos guiá-lo para a zona de segurança sobre as pedras. Quando



Sam encara as direitas do porto. Abaixo, as lulas (hanchi) penduradas para secar





BOB BURNQUIST  
BACKYARD LOOP



OGIO.COM

MODEL  
BURNQUIST



# OGIO®

BAG SPECIALIST

Revendedores Autorizados:

**São Paulo - Alphaville:** Alphabikers. **Campinas:** Centauro, Oxtó, Star Point, Tent Beach. **Limeira:** Waimanalo. **Ribeirão Preto:** Centauro, Drill, Waimanalo. **São José dos Campos:** Star Point. **São Paulo:** Bells Beach, Centauro, Center Sport, G Zero, Golf Pro Shop, Hawaiian Soul, No Limits, Oxtó, Red Beach, Reef Eyewear, Scatt, SP Surf, Star Point, Surf City, Tahai, Tent Beach, Todas Ondas, Torquay. **Sorocaba:** Drill. **Taubaté:** Ducks. **Rio de Janeiro - Búzios:** Hot Buttered. **Niterói:** Centauro, Hot Buttered, Star Point. **Rio de Janeiro:** Aton, Hot Buttered, Mormaii, Star Point. **Minas Gerais - Belo Horizonte:** Alowa, Black Boots, Centauro, Jaws, Krog, Ollie, Oxtó, Sweet Dream, Tuna Fish. **Uberaba:** Pajjo Point. **Distrito Federal - Brasília:** Bad Boy, Mabuya, Point. **Goias - Goiania:** Ambiente, Calango, Centauro. **Ceará - Fortaleza:** Centauro. **Pernambuco - Recife:** Star Point. **Paraná - Curitiba:** Centauro, Point, Sumatra. **Londrina:** Mea Huna. **Santa Catarina - Balneário Camboriú:** Parafina. **Blumenau:** General Lyy, Spirit Walker. **Brusque:** New Point. **Florianópolis:** Jeffrey's Bay, Sul Nativo. **Itapema:** Surf Roots. **Rio Grande do Sul - Porto Alegre:** Trópico, Oxtó.





Randy demonstra estilo em Hanchi point. Abaixo, seu amigo, George Fujisawa, também aproveita as ondas deste lugar que é conhecido como o pico das lulas, na vila de Chagwido. Na outra página, um almoço tipicamente coreano



estava de costas para o mar, escalando no seco, ele se cortou e foi esmagado pelas três ondas seguintes.

Chegou o dia da prova. A natação foi cancelada, um alívio para nós, porque provavelmente seríamos os únicos capazes de socorrer os competidores em afogamento. Sentamos para assistir ao enorme swell de oeste de Jungmun, tentando descobrir quanto tempo levaria para os mil triatletas esvaziarem o estacionamento da praia. Era muito tempo de espera pra surfar. Então, parafina passada, apenas atravessamos o caos da competição e estávamos prontos para uma sessão.

## Os melhores momentos

Sem dúvida o kimchi mais apimentado que comemos nos desafiou no almoço, mas tivemos nossa parcela de adrenalina com as ondas, enfrentando as quase indecifráveis bancadas de rochas e longas esquerdas. Mas o kimchi, meticulosamente preparado, levou a melhor.

Para acalmar os ânimos, fomos assistir ao mergulho de Haenyeo, uma mulher de 60 anos que mergulha a 20 metros de profundidade, sem equipamento, à procura de algas, mexilhões e ouriços. De repente, Eddie recebeu uma ligação no celular, de Kim-San e Kuh. Fez alguns gestos e sons como se concordasse com o que ouvia, emitiu sons em coreano e me passou o telefone, minha língua ainda em chamas. "Ahhh... alô, Sam-san... Estamos praia Jungmun... ahhh... condição onda terral... grandyyyyyyy onda ahhh... 50 metros" (50 metros? Sem chance, de repente 15 pés de face, 8 pés de onda). O inglês macarrônico de Kuh saiu direto do [www.wavewatch.com](http://www.wavewatch.com), e estava claro que a galera do Wave Club estava desesperada pra nos ver em ação. Estava grande e liso, então naturalmente eles esperavam que fôssemos lá fora e déssemos um show para eles. Câmeras prontas. De fato, estava tão grande que quebrava direitinho, bem fora do recife da esquerda,

arrebatando no canal do atracadouro de onde estávamos observando o mar.

As duas horas seguintes foram as melhores da trip. Estava enorme, mas sólido e cabeludo. Acho que o kimchi nos deu energia extra. Não preciso dizer que surfar com uma lenda de Sunset e um herói foi inspiração o suficiente, e o fato de tudo estar acontecendo num país obscuro como a Coreia era ainda melhor. Para a galera do Wave Club foi uma sessão que fez todos arregalar os olhos e, no final, aplaudir empolgados. "Handy Harick (o "r" é de pronúncia difícil para eles) deu um drop de 5 segundos... 15 metros, no estilo Hawaii", mesmo depois que lhes asseguramos que eram apenas 8 pés. "Não... supertufão enorme e forte... Hawaii styleeeeeee!!!" Eles não se agüentavam só de saber que estavam na presença de um herói havaiano, um surfista de verdade. Graças à energia de George, realmente ganhamos a confiança, o respeito e a amizade deles.

Na última tarde, fomos surfar "Old Ladies", um pico que batizamos com esse nome depois de vermos perto de Jeju inúmeras velhinhas com as pernas raquíticas tão curvadas que dava para pedalar uma BMX. Emilliano, desesperado, tentava endurecer no ar-condicionado uma barra de chocolate derretida pelo sol, para ter mais energia na nossa última sessão. A galera local apareceu com salgadinhos e bebidas energéticas. Kuh nos apresentou a um magrelinho chamado Kim Hee Cheol, membro do "Wave Club-y", que estava muito orgulhoso. Dividimos a última sessão e o apelidamos Kim Hee "Bull", porque ele sempre ia nas mais pesadas da série. Estávamos todos amarradões, especialmente por que eles tinham agora mais cinco novos picos no mapa, de longe mais desafiadores do que os beach breaks que antes eles consideravam os melhores de Jeju. Eddie estava embasbacado com tudo aquilo, com a gíria que aprendeu, o estilo de vida que vivenciou e o fato de agora conhecer todas as pequeninas estradas da costa da ilha. Mas permanecia folheando o seu dicionário, nunca seguro o suficiente para tentar as frases que podíamos ver que ele procurava memorizar desesperadamente até o último dia. "Sam-san!", ele disse, "surf ar é cheio de beleza", no verdadeiro estilo confuciano.



# Que onda você vai pegar no futuro?

Quem já surfou a onda dos transgênicos descobriu como a biotecnologia pode contribuir para uma vida melhor e saudável, preservando o meio ambiente, o ecossistema e é claro o seu pico. Pra saber mais sobre essa praia, acesse o site [www.monsanto.com.br](http://www.monsanto.com.br) e fique por dentro de tudo que está rolando. Afinal, não dá pra ter opinião sem um mar de informação. Aliás, informação é um compromisso da Monsanto.

Prepare-se: a **Onda do Futuro** está só começando.

**MONSANTO**  
imagine™









ENGLISH EDITION • APRIL 1960  
 AUSTRALIAN LONGBOARDING MAGAZINE  
 EDITION 08 2000  
 EPISODE 22 - TAHITI - HAWAII - CANARIES - MIKY PICON - PRESTIGE  
 TRAMSWORLD SURF  
 session n° 186  
 VOLUME TWELVE NUMBER TWO  
 SINCE 1960  
 SURFER > OCTOBER 2004  
 MAMMOUTH : les plus grosses vagues jamais surfées en France - INTERVIEW MICK FANNING - ÎLES CANARIES : GUIDE PRATIQUE DE L'ARCHEPEL  
 www.bigmagazine.com

Muito se falou que as publicações impressas estariam com seus dias contados em função do advento da internet. Mas isso não aconteceu, e a cada dia um novo título nasce nas bancas do mundo todo. Seja sobre ciência, entretenimento, política, cotidiano, as revistas tomaram conta do mercado, informando e colorindo o dia-a-dia de seus leitores. Oferecendo informação, ficção ou serviços, por breves ou longos momentos, elas estão ali, à la carte, como o cliente desejar consumir. Escolha a dose, mergulhe de capa a capa ou dê apenas uma zapeada. Leia só os títulos e as legendas, bata o olho nas propagandas ou desça a fundo nas matérias, deixe sua mente voar após cada parágrafo, descubra atalhos para novas idéias, permita que seu cérebro flutue pelos mais diversos caminhos do conhecimento.

**Um pilar fortíssimo**

As revistas, magazines ou periódicos, sempre foram pilares importantes de suas atividades. Disparadas em vendas, as semanais noticiam o que acontece no mundo de uma forma mais agradável aos olhos e num formato mais prático do que um jornal. Existem também as publicações quinzenais, as mensais e até as de periodicidade ainda maior, que em sua maioria se destacam pela qualidade editorial e gráfica.

Uma das tendências que se solidificou nas últimas décadas no mercado editorial foi a da segmentação. Revistas que no início tratavam de generalidades foram direcionando seus assuntos para públicos cada vez mais específicos e estreitos, focalizando pautas, linguagem e qualidade, de acordo com o perfil do seu consumidor. Com o tempo, algumas dessas publicações se transformaram em instituições dentro de uma determinada esfera da sociedade. Revistas de moda, automóveis, decoração, esportes e tecnologia, entre outros segmentos, se transformaram em verdadeiros termômetros da ebulição desses mercados. O surf, nosso adorado esporte, é um exemplo marcante disso.

A seguir analisamos e dissecamos o fenômeno, o impacto e a influência que as revistas de surf representam em nosso meio.

WWW.REVISTATRIP.COM.BR  
 ANO 17 SET 2003 Nº 115  
 SURF MAGAZINE  
 SURFISTA PRANCHA ONDA CHILE ROUPA DE BORRACHA LONGBOARD ANO 3 #15  
 SURFNEWS 38 ANO 6 numero 2 Bimestral Março - Abril 2003  
 SPRINGISSUE 2004  
 WWW.SURFINGWORLD.COM  
 water  
 SURFER > MARCH 2004  
 SURFER > MAY 2003

**THE SURFER** BI-MONTHLY  
 A John Severson Production  
 75c  
 VOL. 3 NO. 3 AUG. - SEPT.  
 THE INTERNATIONAL SURFING MAGAZINE



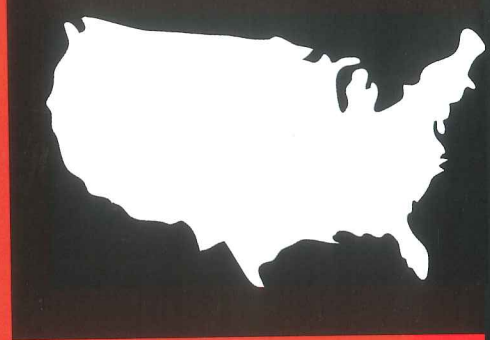
MORE OF MURPHY





# REVISTAS AMERICANAS

## UMA HISTÓRIA COM LASTRO



A PRODUÇÃO DE PUBLICAÇÕES ESPECIALIZADAS EM SURF NÃO PODERIA COMEÇAR EM OUTRO LUGAR A NÃO SER NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. ANTES MESMO DA PRIMEIRA *SURFER MAGAZINE*, ALGUMAS TENTATIVAS FORAM FEITAS, SENDO A MAIS NOTÁVEL DELAS O LIVRO *CALIFORNIA SURFRIDERS*, AINDA NOS ANOS 40. JÁ A GRANDE PEDRA FUNDAMENTAL, O PERIÓDICO QUE SE SUSTENTA VIVO E SÓLIDO ATÉ HOJE, *THE SURFER*, FOI LANÇADA EM 1960.

EM SEGUIDA, OUTRAS REVISTAS APARECERAM: *SURFING ILLUSTRATED*, QUE DUROU DE 62 A 67; *PETERSEN'S SURFING MAGAZINE* (63-64); *SURF GUIDE* (63-65). EM 1964, SURTIU A *INTERNATIONAL SURFING*, MAIS TARDE APENAS *SURFING*, QUE COMPLETOU 40 ANOS EM 2004.

*SURFER* E *SURFING* LUTARAM COMO TITãs PELO MERCADO NORTE-AMERICANO E MUNDIAL. UMA DELAS MENSALIZAVA, A OUTRA FAZIA O MESMO LOGO EM SEGUIDA. AS DESCOBERTAS DE NOVOS PICOS ERAM TROFÉUS NA CAPA DE CADA PUBLICAÇÃO. OS FOTÓGRAFOS BRIGAVAM PELOS MELHORES ÂNGULOS, OS JORNALISTAS PARA TRAZER AS HISTÓRIAS MAIS CRIATIVAS. O CAPITALISMO COMPETITIVO ATUANDO EM SEU MAIS ALTO GRAU, LEVANDO A UMA EXCELÊNCIA CADA VEZ MAIOR.

VÁRIAS REVISTAS TENTARAM A SORTE AO LONGO DOS ANOS NO MERCADO DOS EUA; A MAIORIA JÁ SUCUMBIU. UMA QUE LUTA FORTE CONTRA AS DUAS GIGANTES É A *TRANSWORLD SURF*, SEGUINDO UMA RECEITA SIMILAR. EXISTE TAMBÉM A PUBLICAÇÃO *EASTERN SURF*, DA COSTA LESTE, MAS A GRANDE TACADA VEIO NO INÍCIO DA DÉCADA DE 90, QUANDO STEVE PEZMAN, QUE FOI O PUBLISHER DA *SURFER* POR DUAS DÉCADAS (70 E 80), RESOLVEU LANÇAR A PUBLICAÇÃO DOS SEUS SONHOS. ESCOLHEU O NOME *THE SURFER'S JOURNAL*, MIRANDO O PRODUTO NUM PÚBLICO MAIS MADURO, MESCLANDO MATÉRIAS

HISTÓRICAS COM FOTOS ATUAIS, PORTFÓLIOS DOS MAIORES FOTÓGRAFOS DO MEIO, PERFIS DE SURFISTAS COM ATÉ 40 PÁGINAS. COM APENAS SEIS ANUNCIANTES POR EDIÇÃO E UMA QUALIDADE QUE SE ASSEMELHA À DE UM LIVRO, RAPIDAMENTE FOI ANGARIANDO UMA MASSA DE ASSINANTES EXPRESSIVA PARA SUSTENTAR O ALTO CUSTO DA PUBLICAÇÃO. HOJE SÃO LANÇADOS CINCO EXEMPLARES POR ANO.

NO RASTRO DO *TSJ* VEIO A REVISTA *WATER*, TAMBÉM COM FORMATO LUXUOSO E MATÉRIAS LONGAS. A REVISTA *LONGBOARD* É OUTRA PUBLICAÇÃO DE GRANDE QUALIDADE QUE ESTÁ SÓLIDA NO MERCADO, COMPLETANDO UMA DÉCADA. AS REVISTAS FEMININAS TAMBÉM GERARAM O SEU NICHU. TANTO A *SURFER* QUANTO A *SURFING* PRODUZIAM PERIODICAMENTE REVISTAS MAIS FINAS, MIRADAS NO PÚBLICO FEMININO, QUE VINHAM ENCARTADAS JUNTO COM ALGUMAS EDIÇÕES MENSAIS. COM A RECENTE INCORPORAÇÃO DAS DUAS REVISTAS PELO MESMO GRUPO EDITORIAL, A PRIMEDIA, A REVISTA *SG (SURFING GIRL)* GANHOU VIDA PRÓPRIA.

O MERCADO DOS EUA É UM TERMÔMETRO PARA O RESTO DO MUNDO. ESSA CARACTERÍSTICA DE SEGMENTAÇÃO E A BUSCA DE PUBLICAÇÕES DE QUALIDADE SUPERIOR FORMARAM UM CAMINHO QUE TRANSCENDEU FRONTEIRAS. *THE SURFER'S JOURNAL* FOI PUBLICADA EM OUTRAS LÍNGUAS E EDIÇÕES MAIS SOFISTICADAS COMEÇARAM A SER PRODUZIDAS NO JAPÃO, NA INGLATERRA E MESMO NO BRASIL. O PROJETO DA *ALMA SURF* DEMONSTRA ESSA PREOCUPAÇÃO. UM CASO À PARTE É O MERCADO AUSTRALIANO, COM PUBLICAÇÕES QUE TÊM UMA IDENTIDADE PRÓPRIA.



Puro Estilo Australiano.



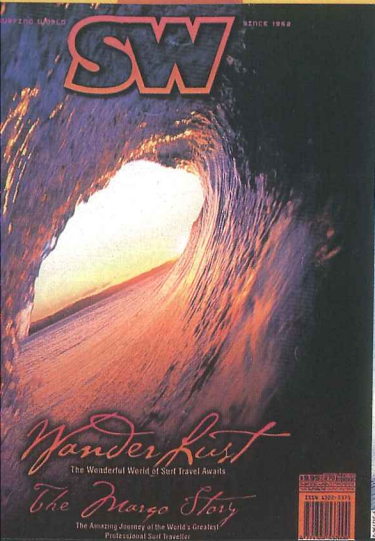
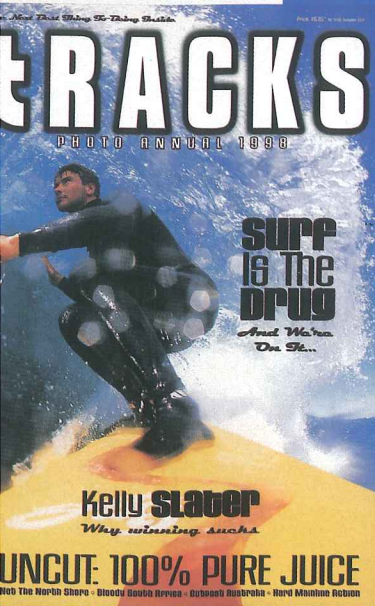
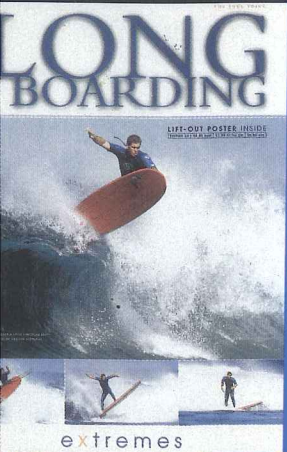
Australia Down South © XTREME Sports Ltd  
All rights reserved. (11) 3337-5001



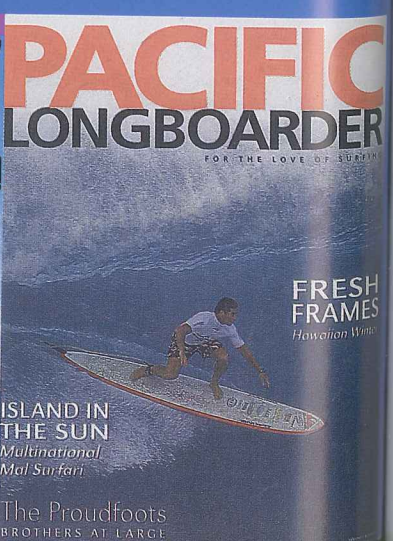
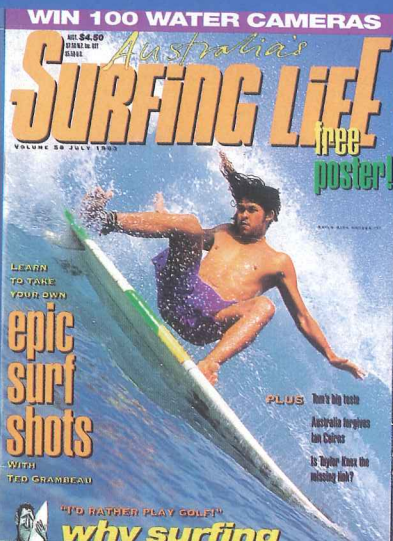
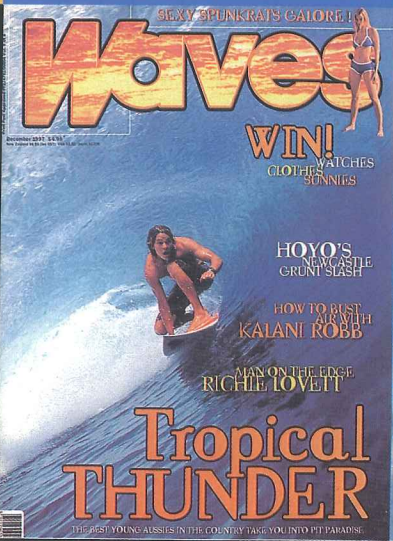


# revistas AUSTRALIANAS

## HUMOR E IRREVERÊNCIA



O segundo país a lançar uma revista especializada em surf foi a Austrália. A *Australian Surfing World (SW)* existe até hoje, tendo mudado de mãos em algumas ocasiões. O foco maior dessa publicação sempre foi o aspecto gráfico, um quesito em que deram aula, quebrando chão novo, inclusive publicando livros especiais, de alta qualidade. A primeira *Australian Surfing World* foi lançada no final de 62. No início dos anos 70, surgiu na Austrália um veículo com uma identidade diferente, o jornal *Tracks*, que no início era totalmente confeccionado em papel jornal e num formato maior, em tamanho de jornal mesmo. Com o passar do tempo, a capa começou a sair em papel couchê colorido e a qualidade de impressão foi melhorando. O *Tracks* sempre foi um veículo descontraído, com uma boa dose de humor e tiradas criativas, formando uma verdadeira escola de "jornalismo surf", sarcástico e pejorativo, com uma identidade tipicamente australiana. Hoje a publicação de maior sucesso no país, a *ASL (Australia's Surfing Life)*, além de trabalhar com fotos magníficas, pois tem em seu staff alguns dos melhores fotógrafos de surf do mundo, usa e abusa do humor.



### Um fenômeno dentro do fenômeno

No início as revistas mostravam não somente o surf como também outros esportes com prancha, produzindo até mesmo matérias com colchões infláveis descendo as ondas – como foi publicado na antiga *Surfer*. Também foi assim com a *Visual Esportivo*, que cobria quatro tipos de esporte: surf, skate, voo livre e windsurf. A *Fluir* também iniciou abordando mais que o surf. E até mesmo a pioneira *Brasil Surf* teve essa visão de desmembrar os outros esportes, lançando a *Brasil Skate* separada.

No entanto, hoje o mercado comporta revistas específicas para cada modalidade dos board sports: longboard, bodyboard, skate, entre outros, sem falar na segmentação por faixa etária e por sexo. E é importante salientar o impacto que essas publicações causam em seus leitores. Nas publicações de surf, influenciamos gerações, atraímos cada vez mais e mais adeptos ao esporte e tentamos mostrar, a cada edição, que o esporte é muito mais que uma modalidade esportiva, mas um estilo de vida.

Com a ajuda das publicações, o surf seduziu a sociedade com seu jeito leve, natural e apaixonado de levar a vida. Além de esporte, forma de arte, lifestyle... o surf também assumiu caráter religioso para alguns praticantes, que viam o esporte como algo sobrenatural, mitológico, mágico... Frases, lendas e depoimentos de ícones marcaram épocas e contagiaram gerações por meio das revistas de surf.

### Pai de todos os boardsports

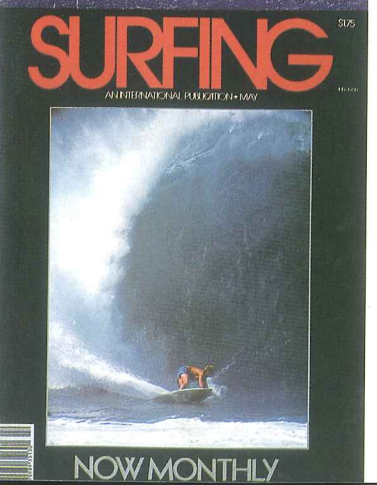
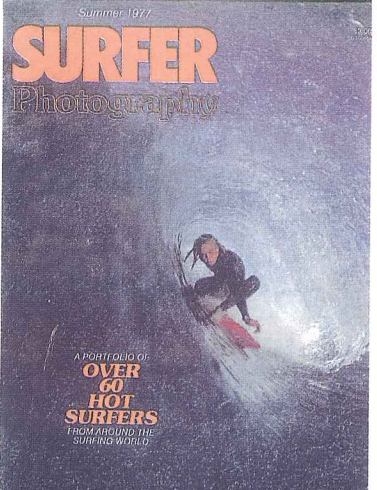
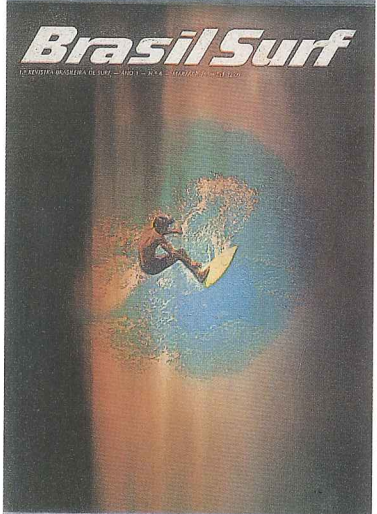
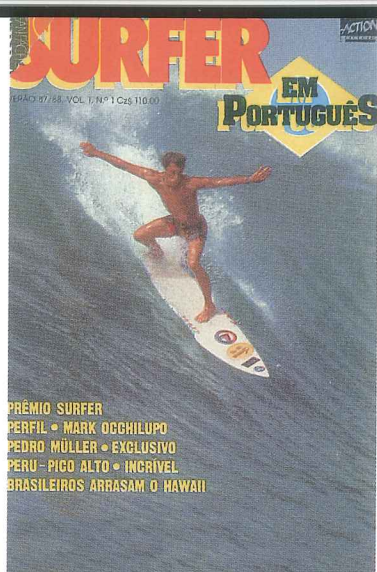
Talvez, um dia, alguém consiga resumir a influência do surf na sociedade. O impacto total ainda não foi assimilado, até porque o milênio dos board sports está apenas começando, e o surf foi o embrião, a célula fonte de todos eles.

E a linhagem disso? Vem dos reis havaianos, dos nobres da Polinésia. Espalhado pelo planeta por meio do emblemático Duke, o surf tomou vida como esporte no mundo todo. Não contentes com o marasmo dos dias de flat, surfistas californianos colocaram rodas em pranchinhas e foram surfar no asfalto. Nascia o skate, mas o fio condutor seguia o mesmo: uma prancha.

A partir das pranchas, os board sports criaram variações: skates em pisos e corrimões, snowboard, sandboard, skisurf com pára-quedas, sem falar nas opções aquáticas: sailboard, wakeboard, kitesurf, foilboard... em sua maioria incrivelmente radicais.

Sendo assim, podemos dizer que as pranchas de surf são o principal elemento dessa nova febre que virou preferência da juventude. E as marcas originárias do surf, as grandes multinacionais, já enxergaram isso e também abriram seu leque, patrocinando e se valendo da imagem de outros esportes para o seu marketing, investindo assim em atletas, eventos e nas publicações especializadas. Considerada objeto de desejo da atualidade – mesmo não substituindo o primeiro e mais popular brinquedo da humanidade, a bola –, a prancha vem sendo cada vez mais solicitada. Mas enquanto a bola tem uma história milenar, a prancha multiplicou seu uso, manipulada pela engenhosidade humana, apenas nas últimas décadas. A bola nunca perderá seu lugar, mas tem uma forte concorrente pela frente.





## Getting personal

Abordando o tema de uma forma pessoal, consigo ilustrar um pouco melhor o fenômeno das revistas de surf e me expressar de maneira mais eficiente. Antes de começar a surfar, comprar e colecionar revistas, o que me arrastou para ser um adepto do esporte foi assistir ao filme *Endless Summer*, no final dos anos 60. A partir daí comecei uma cruzada para conseguir uma prancha. Na loja em que finalmente minha Glaspac MK III foi comprada, Fiber Glass Center, na Avenida Santo Amaro, em São Paulo, ao lado de barcos, mesas, bandejas (tudo de fibra de vidro), havia uma pequena pilha de revistas *Surfer* à venda. Até hoje tenho, guardada, a primeira que comprei (novembro de 68).

Mal sabia eu que aquilo se tornaria uma obsessão. Aos 12 anos, voltava sempre lá na loja para procurar a próxima, mas elas demoravam dois meses para sair. Depois descobri que no Aeroporto de Congonhas também poderiam ser encontradas. E, melhor ainda, lá vendiam também a *Surfing*. Minha coleção de *Surfing* iniciou em 71. Em 75, surgiu a *Brasil Surf*. A expectativa era enorme, dois meses era tempo demais. Sedento por novas fotos, informações e matérias, passava nas bancas várias vezes, procurando e perguntando quando iria chegar a próxima edição.

Eram poucos os amigos que pegavam onda na época. Algumas legendas eram decoradas, os títulos de matérias eram muito criativos, muitas vezes fazendo trocadilhos com nomes de filmes de Hollywood. Os anos se passaram, o acesso às revistas ficou infinitamente mais fácil, mas a expectativa continua a mesma. Será que já saiu a edição nova? Se surge uma revista numa roda de surfistas, todo mundo quer dar uma olhada, ver quem está naquela foto irada, saber onde fica aquela onda perfeita. Pura compulsão...

## Ciclo produtivo

Mal imaginava eu que essa minha obsessão se transformaria em trabalho. Na década de 80 escrevi uma carta para a *Fluir*, depois um texto, e logo fui convidado para trabalhar lá. Meu acervo de revistas, talvez o mais completo do Brasil, era um ativo importante. Depois de quatro anos, fui para a *Hardcore*, em 90, e hoje trabalho como free lancer. Faz quase duas décadas que mergulhei no mercado editorial.

Para um editor, o prazer de ver cada novo produto indo para as bancas é similar ao de um pequeno filho que nasce. Cada detalhe é planejado com muito carinho. Quem vê uma revista pronta não imagina todo o processo trabalhoso até a sua finalização.

Tudo começa com a definição da pauta: que matérias estarão naquela próxima edição, quem irá escrever cada matéria, que fotos irão ilustrá-las, como será a diagramação... E tudo isso tem que ficar pronto antes do deadline (prazo final). Para chegar na banca tal dia, todo o ciclo deve ser calculado em função do prazo da gráfica, retrocedendo e avaliando o tempo que o departamento de arte leva para montar cada página, calculando quando os textos (revisados) e as fotos (editadas) devem estar disponíveis. O editor é responsável por coordenar todos esses prazos, editar matérias, organizar textos e fotos, e ainda decidir o que realmente vai caber ou não naquela edição. Ah, sem falar no departamento comercial, que deve sempre estar em sintonia com o editorial.

Basicamente as revistas de surf se sustentam em retrancas: viagens/ surfistas/ competições. No entanto, algumas publicações, como a *Alma Surf* e *The Surfer's Journal*, possuem uma linha editorial que dá mais atenção ao comportamento gerado pelo surf do que ao esporte propriamente como competição. Já outras revistas e jornais locais têm como base a divulgação de rankings. A dose de notícias também varia, bem como as colunas de opinião.

**EVOKE EYEWEAR** presents **THE UNDERGROUND SCHOOL**  
starring **BINHO NUNES \* TECO PADARATZ \* DIGO MENEZES \* LUISA MORAES \* SEPULTURA**

**★ EVOKE YOURSELF ★**

model **PONCHERELLO**  
EXPERIENCE, TRADITION and HIGH TECHNOLOGY  
WORKING HARD to BRING YOU an ORIGINAL STYLE

**EVOKE EYEWEAR**

surf@evolve.com.br \* www.evolve.com.br

MADE IN ITALY



"Mesmo nesse mundo  
**crowdeado**, o surfista  
 ainda pode procurar e encontrar o  
**dia perfeito**, a  
**onda perfeita**, e  
 ficar sozinho com o  
**surf** e  
 seus **pensamentos**."

— esta frase dita por John Severson na primeira *Surfer*, hoje, quase 50 anos após, ainda é válida, só ficou um pouco mais  
 cil se colocar neste tipo de situação.

**EVOKE EYEWEAR**  
 EYEWEAR

surfactory@evoke.com.br \* www.evoke.com.br

**EVOKE EYEWEAR** presents **THE UNDERGROUND SCHOOL**  
 starring **TECO PADARATZ** \* **BINHO NUNES** \* **DIGO MENEZES** \* **LUISA MORAES** \* **SEPULTURA**

**★ EVOKE YOURSELF ★**

model **THE BOX**  
 EXPERIENCE, TRADITION and HIGH TECHNOLOGY  
 WORKING HARD to BRING YOU an ORIGINAL STYLE

ORIGINAL MADE IN ITALY





# revistas BRASIL

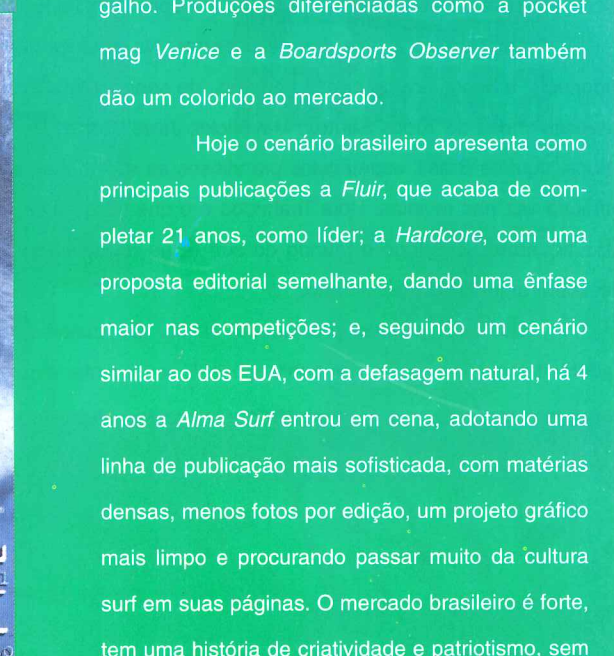
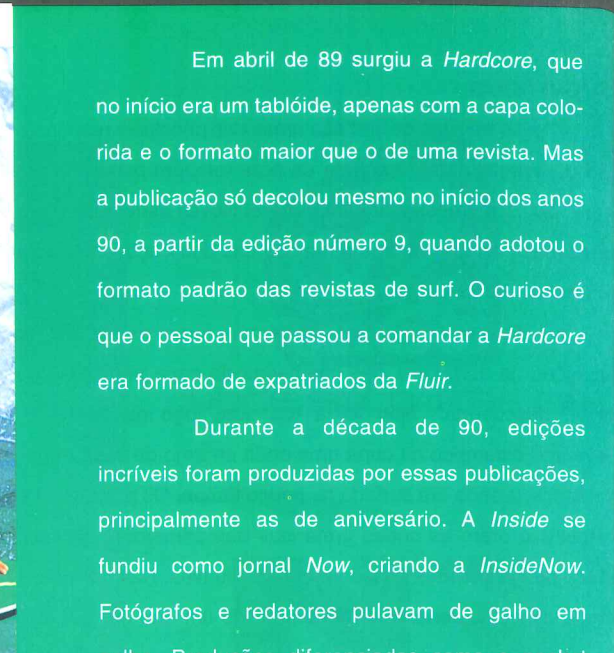
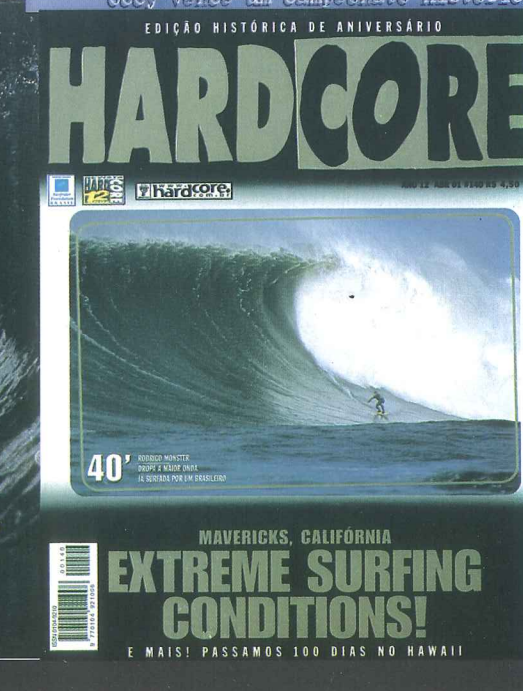
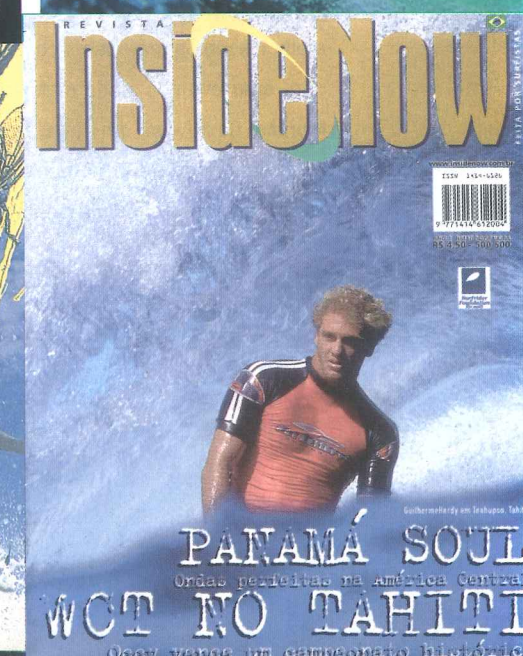
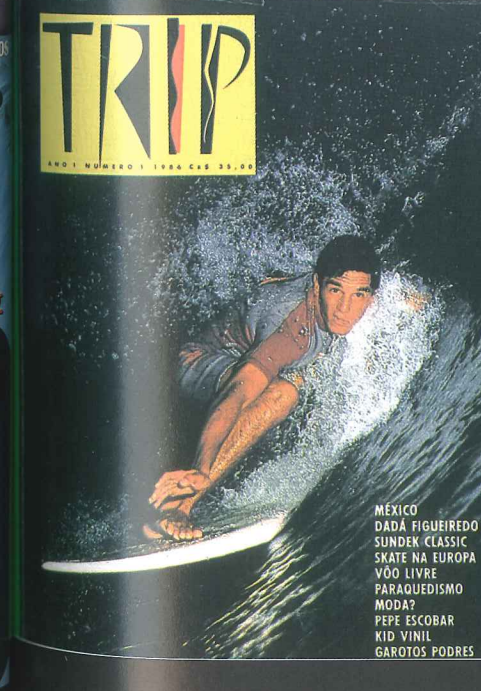
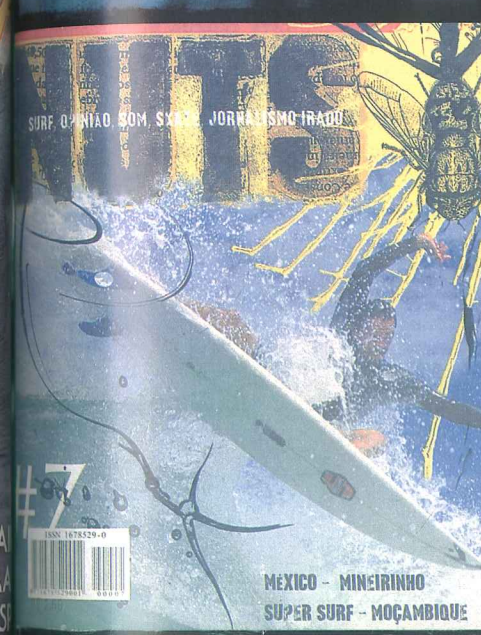
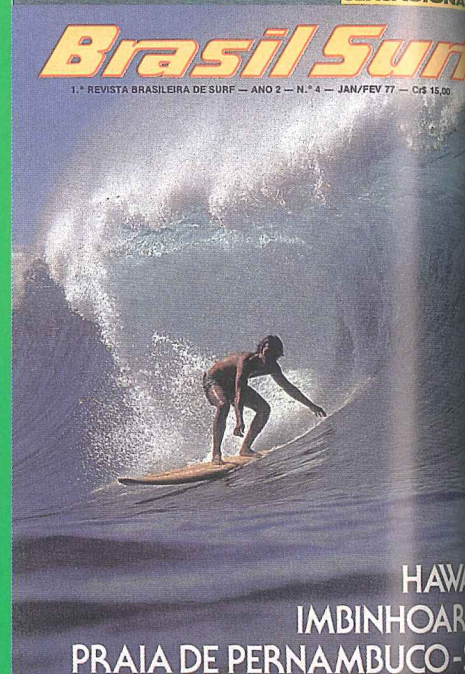
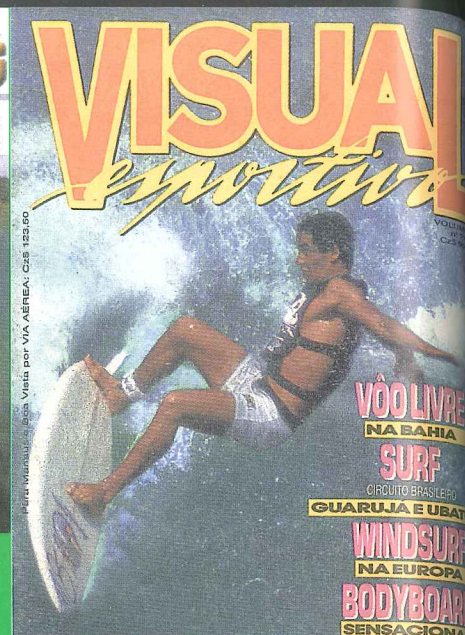
## POTÊNCIA EDITORIAL

Nos anos 70, as revistas internacionais ainda nem haviam mensalizado sua periodicidade, e entramos no mercado com a *Brasil Surf*. Como as revistas gringas, no início era mais fina, com muitas páginas em preto-e-branco. Aos poucos, foi engrossando, se colorindo e melhorando em qualidade. A *Brasil Surf* durou de 75 a 78; foram 19 edições bimestrais.

Houve uma lacuna de dois anos sem revistas produzidas em nosso país, que só foi coberta pelo lançamento da *Visual Esportivo*. A primeira foi lançada em setembro/outubro de 1980, com a capa dividida em quatro quadrantes de igual peso (surf, vôo livre, skate e windsurf). Depois de alguns anos, surgiu a *Visual Surf*. As duas publicações tinham periodicidade aleatória e continuaram paralelas, só parando de ser produzidas na virada da década de 90.

Em 83, o pujante estado de São Paulo já tinha entrado em cena. Em outubro daquele ano havia nascido a *Fluir*. Pela primeira vez no Brasil, o construtivo fenômeno da concorrência faria as publicações melhorarem de qualidade. Durante a década de 80, a *Fluir* foi dando saltos de qualidade. As primeiras edições engrossavam a cada novo número bimestral. A *Visual* noticiava em seu editorial tiragens astronômicas. A briga por anunciantes era pesada. O mercado de surfwear, mais forte em São Paulo, ajudou muito o crescimento da *Fluir*.

No meio da década de 80, surgiram outras concorrentes. O estado de Santa Catarina veio com a *Inside*; já em São Paulo surgiria a *Trip*, uma revista que apresentava o surf como carro chefe, mas trazia uma proposta mais comportamental. No final dos anos 80, começou a ser publicada a "Surfer em português", que trazia algumas matérias traduzidas da original e outras produzidas aqui. Entre o final dos anos 80 e início dos anos 90, praticamente todos os estados litorâneos do Brasil tinham uma publicação de surf, às vezes apenas um jornal. Mas também surgiram produtos de qualidade, como a *Costa Sul* e a *Quiver* do Rio Grande do Sul, e a *Expresso*, da Bahia, apenas para citar algumas. No Rio de Janeiro, o jornal *Staff*, que depois se transformou no *Now*, também foi um produto de grande sucesso.



Em abril de 89 surgiu a *Hardcore*, que no início era um tablóide, apenas com a capa colorida e o formato maior que o de uma revista. Mas a publicação só decolou mesmo no início dos anos 90, a partir da edição número 9, quando adotou o formato padrão das revistas de surf. O curioso é que o pessoal que passou a comandar a *Hardcore* era formado de expatriados da *Fluir*.

Durante a década de 90, edições incríveis foram produzidas por essas publicações, principalmente as de aniversário. A *Inside* se fundiu como jornal *Now*, criando a *InsideNow*. Fotógrafos e redatores pulavam de galho em galho. Produções diferenciadas como a pocket mag *Venice* e a *Boardsports Observer* também dão um colorido ao mercado.

Hoje o cenário brasileiro apresenta como principais publicações a *Fluir*, que acaba de completar 21 anos, como líder; a *Hardcore*, com uma proposta editorial semelhante, dando uma ênfase maior nas competições; e, seguindo um cenário similar ao dos EUA, com a defasagem natural, há 4 anos a *Alma Surf* entrou em cena, adotando uma linha de publicação mais sofisticada, com matérias densas, menos fotos por edição, um projeto gráfico mais limpo e procurando passar muito da cultura surf em suas páginas. O mercado brasileiro é forte, tem uma história de criatividade e patriotismo, sem ter a miopia para o surf como uma manifestação global, que é fortemente sentida em algumas das publicações de outros países.



## Supernova

As revistas de surf são umas das principais responsáveis pela criação de estrelas. Mas a estrela da hora também pode mudar ao sabor dos fatos. Quem merece valor sempre terá. Novas estrelas, se não surgem, são fabricadas pelas revistas, e a maioria das publicações periódicas se alimentam delas. Sempre elas.

As matérias de viagens sempre foram os maiores apelos das publicações de surf. Uma das chamadas de capa preferidas dos editores é: "Nova descoberta". Não foi à toa que, logo na primeira *Surfer*, John Severson estampou na capa uma onda enorme de José Angel em Waimea. Na época, a onda era surfada há pouco tempo. Os point breaks da Califórnia e Austrália eram as ondas preferidas das primeiras publicações, ainda na época dos pranchões pesados e linhas suaves. Na década de 70, o Hawaii tomou conta do cenário, e me lembro de um ano em que a *Surfing* trouxe matérias sobre o Hawaii nas seis edições (na época era bimestral).

Depois veio a fase das descobertas. Na América Central, África, Indonésia, a busca era de ondas perfeitas, de sonho. Mais tarde vieram as imensas ondas de Todos Santos, Mavericks, Jaws, Cortes Bank e ilha dos Lobos, aqui no Brasil, espetáculos grandiosos ao serem desvendados pela primeira vez nas revistas. Hoje Teahupoo é o que há de mais espetacular. Mas aguarde... que logo o mundo do surf (e as revistas vão estar lá) vai descobrir algo ainda mais insano.

Qualquer esporte precisa de ídolos. Os maiores sempre têm cadeira cativa nas páginas das publicações. E se for pintar alguma lacuna, é

um trabalho dos editores caçar o novo Tom Curren, o novo Kelly Slater, o novo Fábio Gouveia. As revistas vivem de ídolos; na verdade, é uma troca, já que um precisa do outro. E o poder da imprensa é impressionante, ela pode criar ou derrubar mitos. Por vezes, surfistas medianos fazem um trabalho de "meio de campo" tão bom com fotógrafos e editores, que conseguem muito mais espaço do que teriam lastreados apenas por seu dom natural, ou por seus resultados em competições. Outros gênios do surf, mesmo que não procurem a luz dos holofotes, são perseguidos pela mídia. Sua presença é um fato consumado a cada edição. Procure uma publicação que não tenha nenhuma foto de Kelly Slater hoje em dia. É difícil.

Uma outra forma de conseguir espaço nas publicações é realizar grandes eventos que sejam notícia. No topo da pirâmide, é óbvio, está o Circuito Mundial da ASP. A receita é simples, direto na veia: os melhores surfistas do mundo, nas melhores ondas. Pronto! Cada nova etapa é um happening, e quem quiser saber para onde está caminhando o surf de alta performance é melhor acompanhar isso. A cabeça do ser humano está sempre maquinando para criar eventos ainda mais espetaculares. Um exemplo clássico é a Copa Mundial de Tow-In, em Jaws, hoje indiscutivelmente o evento mais espetacular do mundo do surf, fomentando a carreira de uma outra estirpe de mitos dentro do esporte, os big-riders.



VOCÊ ENCONTRA NA

**N** SURF SHOP  
**natiluca**



SHOPPING INTERLAGOS  
LJ - 84 - 5611 3356

SHOPPING METRÔ TATUAPÉ  
LJ - 321 - 6192 9416

SHOPPING BOA VISTA  
LJ - 245/246 - 5547 6264

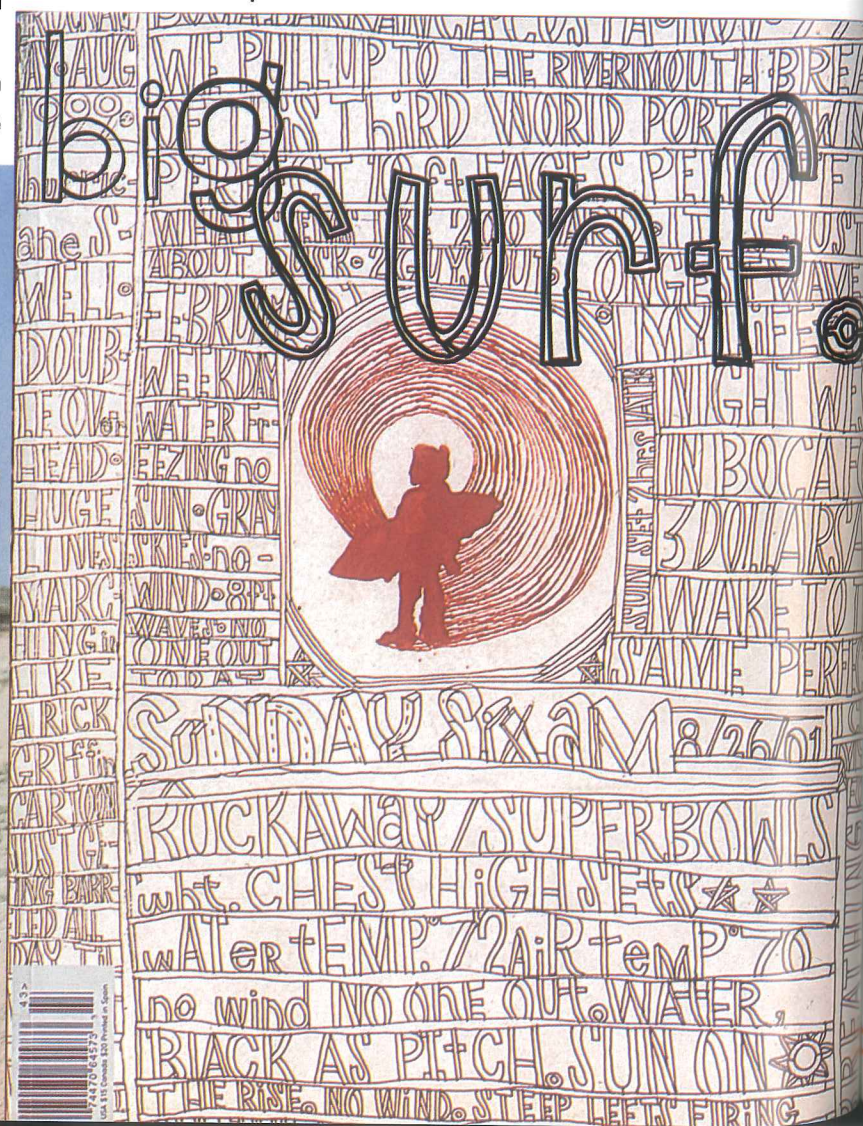
SHOPPING SP MARKET  
LJ - 24 - 5681 5915

GALERIA BORBA GATO  
LJ - 41 - 5546 5886

GALERIA BORBA GATO  
LJ - 02 - 5681 3002

**NATILUCA**  
A SURF SHOP DO BRASIL

PART 1: CAMERA ON THE SUMMER SURF  
OCTOBER 1984 FIFTY CENTS  
**SURF**  
The Surf Enthusiast's Magazine  
GUIDE





## Lendas do jornalismo

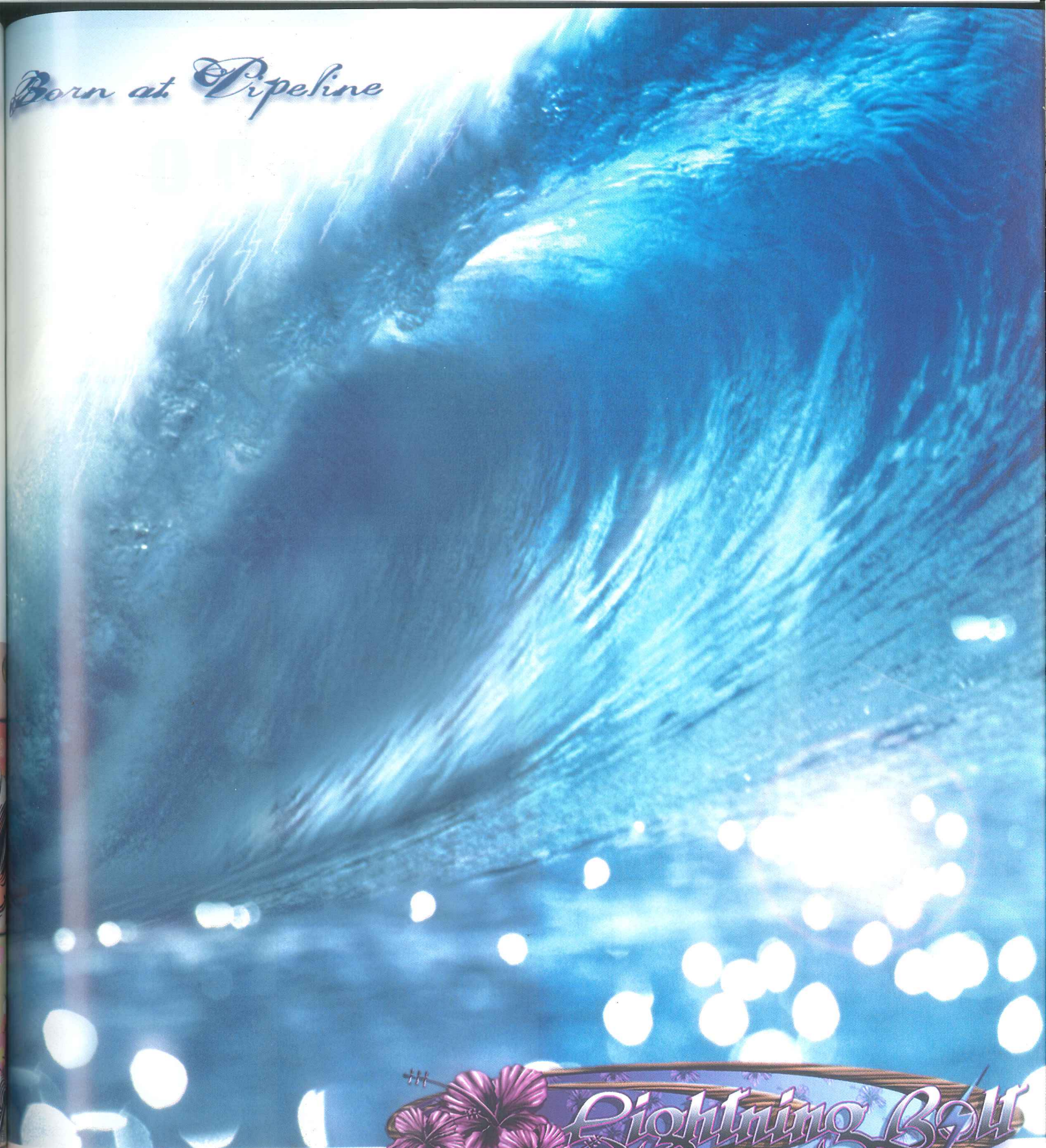
Para registrar essas façanhas, entra em cena o talento natural das estrelas que trabalham para retratar e construir esses mitos. E na imprensa do surf os maiores astros são os fotógrafos. Uma revista de surf é basicamente visual. Não que os textos não sejam importantes, ou que o trabalho dos editores de arte não tenha um papel fundamental. Mas a espinha dorsal de uma publicação de surf são as imagens. As ondas, os momentos de ação, cenas do nosso estilo de vida. Os fotógrafos são especialistas, grandiosos ao captar momentos de ação; sabem congelar line-ups em seu estado mais poético, captar cenários de ondas perfeitas com uma linguagem pessoal muito especial, sem falar naqueles gigantes que enfrentam ondas com suas caixas estanques e os pulmões em dia. Mas os verdadeiros gênios são aqueles que têm versatilidade para captar não somente as ondas, mas uma imagem que valorize a essência do grande surfista, um momento na beira de praia ou um retrato inesperado.

A categoria dos repórteres poderia ser analisada da mesma forma. Há os que fazem uma bela cobertura de evento, noticiam com precisão o que acontece, outros que ao viajar se inspiram para fazer um texto que tem a capacidade de deslocar a imaginação do leitor para aquele pico mágico, e outros que entrevistam, ou, melhor ainda, sabem traçar o perfil de um atleta do surf de forma fiel, criativa e digna. Existem também os jornalistas completos, que além de tudo mergulham nas ondas junto com as estrelas de cada artigo que escrevem.

Fotografias e histórias na mão! Para finalizar, o papel do artista que irá mesclar as fotos e os textos é fundamental, pois é de seu computador que sairão as tão desejadas páginas de revistas. A composição de uma página, o tamanho e a forma como as fotos são jogadas, podem levantar ou "assassinar" uma matéria. Palavras, fotos e grafismos em sintonia, cada revista é um reflexo de seu publisher, dos editores e de seus colaboradores. O resultado final, a linha editorial, é um reflexo das pessoas envolvidas na sua criação. O material humano que faz um produto do naipe de uma revista de surf é sua própria identidade. O publisher deve cercar-se de editores competentes, que por sua vez montarão suas equipes, trazendo o material que será publicado. Quem tem o poder de aglutinar tudo isso, dar a linha editorial da revista, deve ter uma visão ampla e a mente aberta para sempre trazer algo fresco para seus leitores.



*Born at Pipeline*



*Lightning Bolt*

www.lightningbolt.com.br

Tel.: (0xx11) 38495089 / Fax 38424212



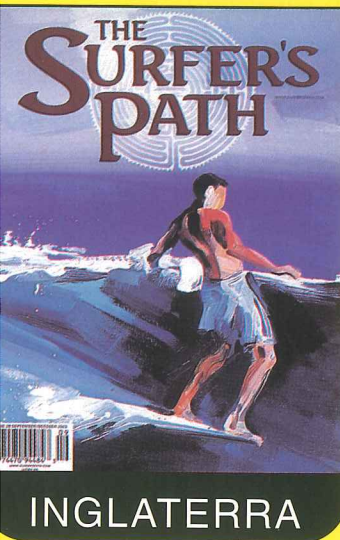


# revistas No MUNDO

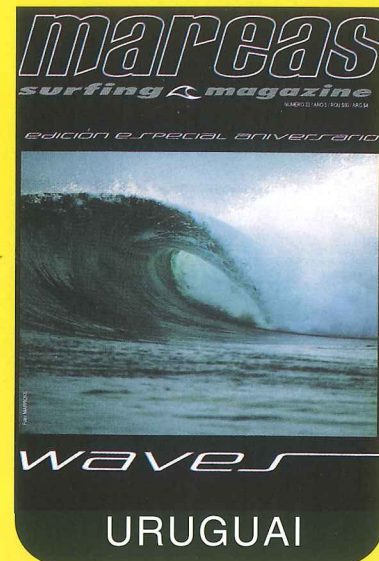
## AFOGADOS EM PAPEL – Invasão mundial

Mais de 30 países diferentes já produziram ou produzem revistas de surf ou "cross sports magazines" que incluem surf em seu cardápio. A Europa hoje é um dos grandes pólos. Inglaterra, Espanha, França produzem mais de uma publicação de alta qualidade. A revista *Surf Portugal*, vendida nas bancas aqui no Brasil, é um produto de boa aceitação e textos interessantes. A francesa *Surf Session* é uma das mais antigas do Velho Mundo.

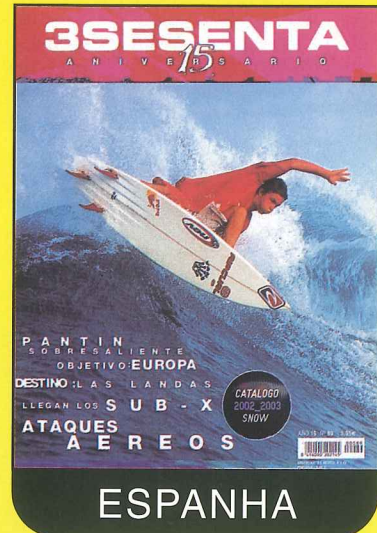
Na Espanha, os destaques são a *35esenta* e a *Surfer Rule*. O Reino Unido, além de produzir magazines de alta qualidade como *The Surfer's Path*, também é um grande produtor de livros.



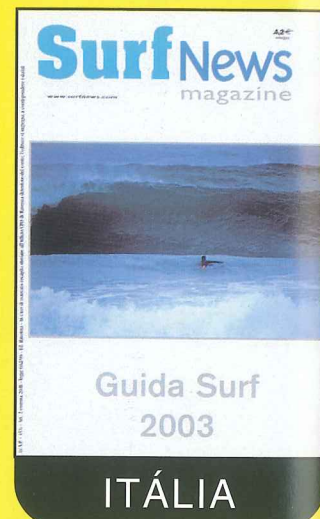
INGLATERRA



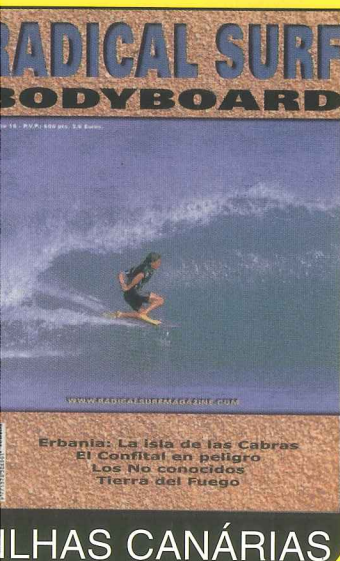
URUGUAI



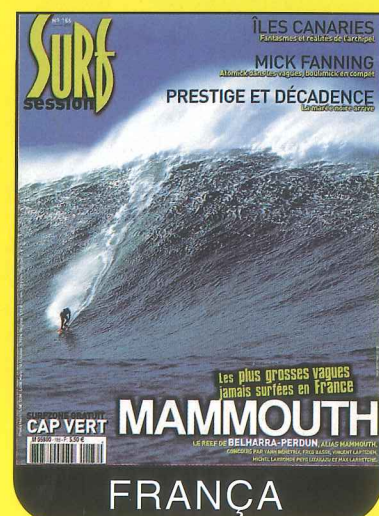
ESPANHA



ITÁLIA



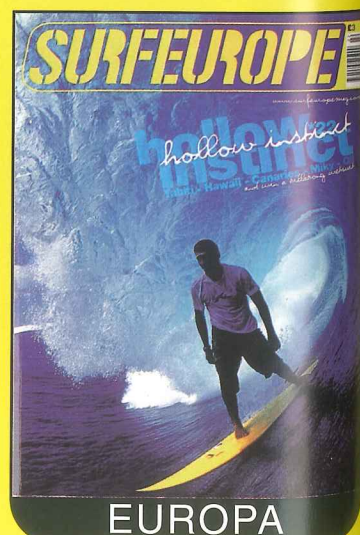
ILHAS CANÁRIAS



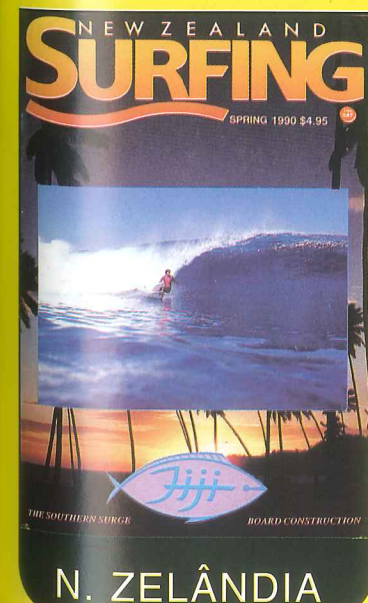
FRANÇA



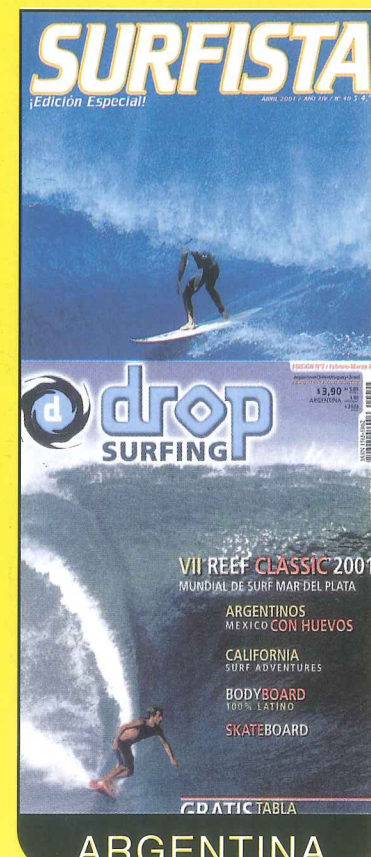
PORTUGAL



EUROPA



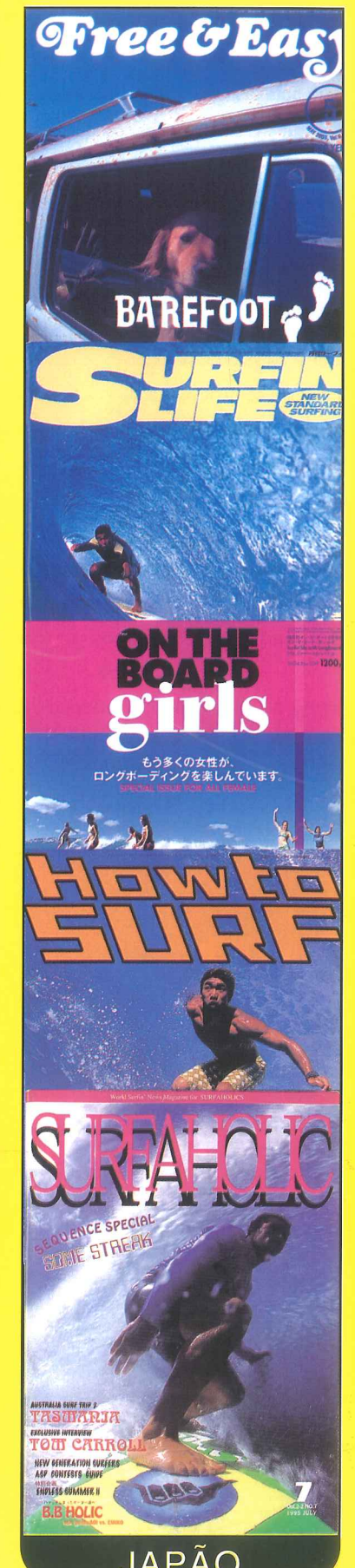
N. ZELÂNDIA



ARGENTINA



HAWAI



JAPÃO

Outro mercado interessante é o do Japão, com quase 30 títulos lançados. As líderes tomaram emprestado os nomes das principais publicações australianas: *Surfing World Japan* e *Surfin' Life*, esta última parte de um conglomerado editorial responsável pela publicação de 14 diferentes títulos de alto nível: *Surfer Girls*, *On the Board* (de pranchão), *Hi-Wind*, *Snow Style*, *Flipper Bodyboarding*, *Diving Photography*, *Wakeboarder*, *Kiteboarding*, *Golftry* e outras. Uma das publicações japonesas, a extinta *Surfaholic*, chegou a ter um editor nipo-brasileiro (Ricardo Gibo).

Na América Latina, países como Argentina, Chile, Uruguai, Venezuela, México, Costa Rica e Porto Rico já tiveram ou têm seus veículos, mas o de maior longevidade é a revista *Tablista*, do Peru. A África do Sul entrou cedo nesse negócio, ainda na década de 60, mas a mais famosa daquele país é a *Zig-Zag*, com mais de duas décadas de vida. As ilhas francesas do Taiti e Reunião, as espanholas Canárias, a Nova Zelândia e a Indonésia têm suas crias, bem como o Canadá, Israel e até a Rússia.

De acordo com levantamento efetuado pelo australiano Al Hunt, são mais de 500 as publicações já editadas no mundo, desde o gibizinho *Maneco*, produzido no Brasil, ao glorioso *The Surfer's Journal*. Se contarmos as iniciativas realizadas no Hawaii e no restante dos EUA (mainland), seriam 140 títulos só nos Estados Unidos.



## Via de três mãos

É aí que entra em cena a concorrência, um dos aspectos mais sádios do mundo capitalista. Tomando como base o mercado norte-americano e a incansável busca de superação entre a pioneira *Surfer* e a *Surfing*, batalhas campais foram literalmente travadas visando produzir sempre uma edição melhor para os leitores. Hoje o negócio se abriu, com outras publicações mordendo fatias do mercado, mas a turma da redação está sempre comparando, esperando chegar revista do concorrente para botá-las lado a lado. Isso ocorre na Austrália, na Europa e aqui mesmo no Brasil, onde temos um dos mercados editoriais mais fortes do planeta.

E o cliente a ser conquistado não é apenas o leitor, mas também os anunciantes. Estes, sim, sempre tiveram um papel instrumental no embasamento das publicações de surf. Investindo nelas, elogiando, criticando, exigindo, oferecendo contrapartida, participando ativamente do desenvolvimento das surf mags. Enfim, esses anunciantes sabem da importância das revistas como sustentáculo de seu mercado e zelam para que não haja um desequilíbrio muito grande entre elas, distribuindo seus investimentos. Na verdade, todos andam de mãos dadas: os astros surfistas, os investidores anunciantes e as revistas. Pois todos se alimentam do mercado e crescem juntos.

## Viva a diversidade

Apreciar uma publicação de surf é como degustar um bom prato. Existe uma receita padrão, uma fórmula básica, mas cada editor joga o seu tempero especial, e os leitores se identificam com os de sua preferência, os anunciantes também. Gosto não se discute. Dessa diversidade, dessa vontade de produzir sempre melhor, não só dentro do surf, mas em todas as esferas da evolução humana, vai se desenvolvendo uma espiral virtuosa, buscando-se cada vez mais a excelência. O que foi feito no passado é uma referência, um parâmetro para buscarmos superação, usando nossa criatividade, desbravando novos ângulos fotográficos, de escrita e de composição estética e gráfica.

Em meio a tudo isso fica fácil enxergar o perene sucesso das revistas de surf. Não só por sua evolução em si e pela evolução do próprio surf, que continua nos desafiando a derrubar novas barreiras, mas pela nossa própria natureza de surfistas. Por nossa compulsão incontrolável por querer mais e mais surf. Porque após cada onda surfada queremos voltar para o fundo e pegar outra. Somos literalmente insaciáveis. Se contarmos, num bom dia de surf no qual passamos horas e horas na água, quanto tempo realmente passamos surfando, de pé sobre a prancha... apenas segundos, talvez minutos (poucos). Mas nosso coração ainda quer consumir surf, mais surf. E onde vamos procurar isso quando o mar não está ao nosso alcance? Nas revistas!

Mas o pior de tudo é que, por mais maravilhosas que estejam as fotos, por mais bem escritas e sinceras que sejam as legendas, por mais elaborado que esteja o projeto gráfico, aquilo tudo é apenas um aperitivo, porque o que queremos mesmo é... surfar. E ficaremos presos nesse círculo vicioso... por toda a vida!



## THE COLLECTOR

Al Hunt, famoso aqui no Brasil como gerente do Circuito Mundial, é indiscutivelmente considerado o maior colecionador de revistas de surf do mundo. Quem conheceu Al em sua fase peso-pesado mal imagina que ele era um garoto magrinho e que surfava muito bem. Hunt começou a surfar em Sydney, aos 14 anos, em 1964. Competiu em alguns eventos, viajou como free surfer, depois virou juiz. Ao gerenciar o Tour da ASP começou a colecionar revistas de todo o mundo. Contatado em 2004 para fornecer dados para esta matéria, Al nos passou as seguintes curiosidades:

- conhece 522 publicações diferentes;
- 124 ainda estão em produção;
- possui 9.870 revistas (ou pelo menos a capa delas em arquivo digital);
- conhece outras 939 que ainda quer conseguir;
- os EUA vêm em primeiro lugar, com mais de 100 publicações catalogadas; o Brasil possui 90, na frente da Austrália, com 84;
- a revista preferida de sua coleção é o número 1 da *South African Surfer*, de 1965, que traz um zulu na capa, coçando a cabeça e olhando para um surfista;
- outro exemplar curioso é a extinta norte-americana *Surf Guide*, que numa edição de 1964 apresenta na capa uma menina de fraldas andando na praia com uma prancha; essa garotinha é Karen Gallagher, que casou com o brasileiro Pacote; ambos cuidavam da Sunset Beach Surf Shop, ao lado do Kammies Market, no North Shore; Karen foi surfista profissional do circuito feminino;
- um dos lugares em que Al Hunt sente mais dificuldade para garimpar revistas é o Brasil, principalmente devido à grande quantidade de pequenos jornais e revistas que nascem e desaparecem com muita facilidade.

  
international







**Hotgirls**

[www.hotgirls.com.br](http://www.hotgirls.com.br)





o c l u b e d a

# Wahini

**Cinco surfistas perdidas à beira da lagoa na ilha da magia, cochichando nos ouvidos, com roupa de casa, sem pranchas nem parafina nas mãos... e os meninos para atrapalhar.**

Elas são melhores do que muitos marmanjos dentro d'água, mais profissionais que muitos campeões na areia, e sabem exatamente o que uma verdadeira wahini deve fazer no outside... Além do feeling, da técnica e da boa performance, essas meninas mostram que sensualidade, carisma e bom humor são apenas algumas das características que fazem do surf feminino um esporte cada vez mais atraente.

Por Juliana Moraes  
Ensaio Ado Henrichs/Revista Trip





Competidoras normalmente são fotografadas nas baterias de surf, no pódio, ou para marcas de surfwear em anúncios de revistas. No entanto, mais do que atletas profissionais, elas querem ser admiradas como meninas normais, sejam adolescentes ou adultas, que gostam de aprender coisas novas, e que têm o surf como trabalho e estilo de vida em comum. E foi para mostrar o descontraído backstage dessa vida de praia que a Lui Lui convidou Andrea Lopes, Jacqueline Silva, Juliana Guimarães, Bruna Schmitz e Georgia Paschoal para uma desprentensiosa trip, com direito a muito surf, sol, chuva, pipocas, pôr-do-sol e inspiração.

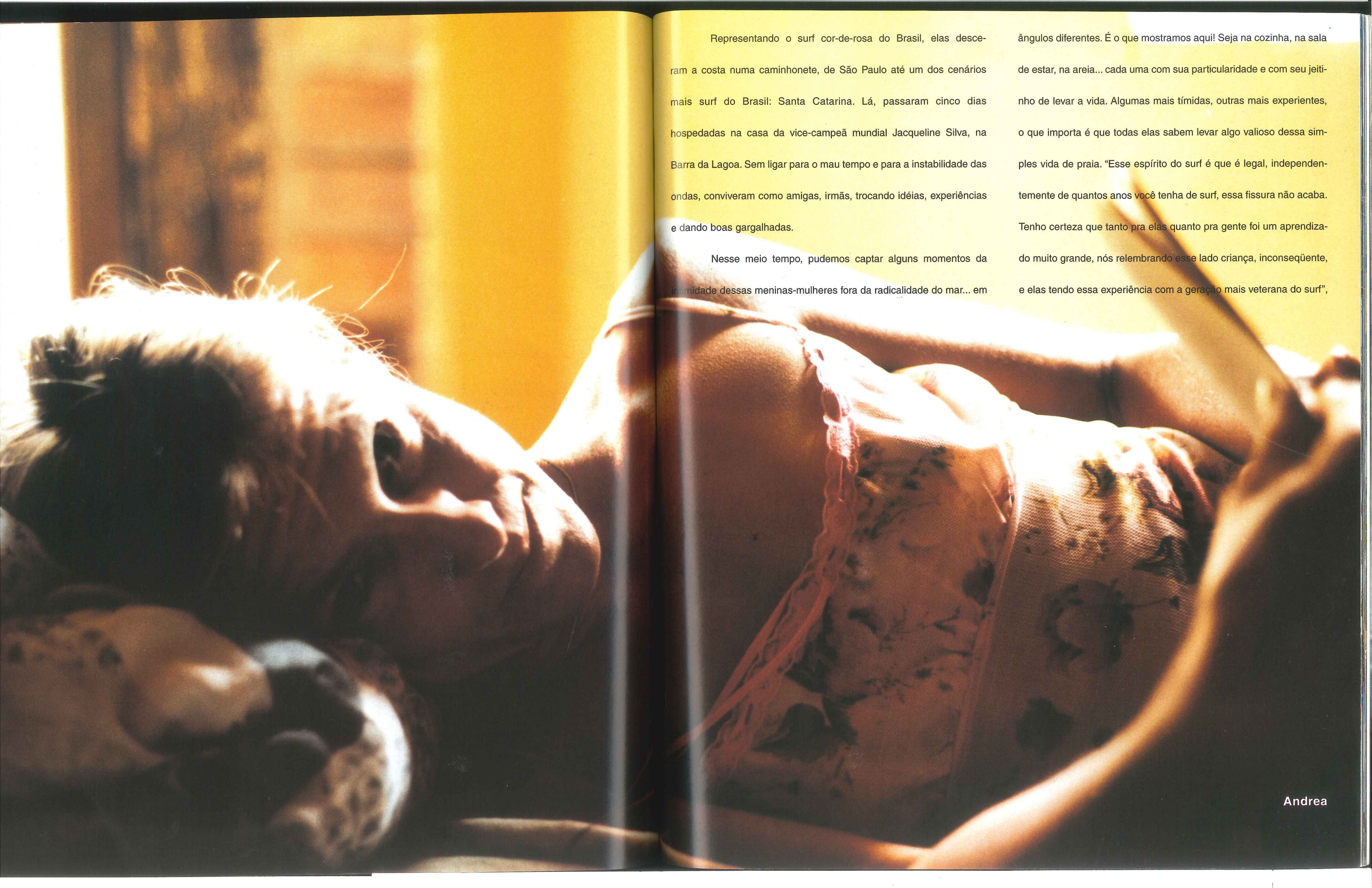
**Bruninha**



**Georgia**







Representando o surf cor-de-rosa do Brasil, elas desceram a costa numa caminhonete, de São Paulo até um dos cenários mais surf do Brasil: Santa Catarina. Lá, passaram cinco dias hospedadas na casa da vice-campeã mundial Jacqueline Silva, na Barra da Lagoa. Sem ligar para o mau tempo e para a instabilidade das ondas, conviveram como amigas, irmãs, trocando idéias, experiências e dando boas gargalhadas.

Nesse meio tempo, pudemos captar alguns momentos da intimidade dessas meninas-mulheres fora da radicalidade do mar... em

ângulos diferentes. É o que mostramos aqui! Seja na cozinha, na sala de estar, na areia... cada uma com sua particularidade e com seu jeito de levar a vida. Algumas mais tímidas, outras mais experientes, o que importa é que todas elas sabem levar algo valioso dessa simples vida de praia. "Esse espírito do surf é que é legal, independentemente de quantos anos você tenha de surf, essa fissura não acaba. Tenho certeza que tanto pra elas quanto pra gente foi um aprendizado muito grande, nós relembando esse lado criança, inconseqüente, e elas tendo essa experiência com a geração mais veterana do surf",



comenta Andrea Lopes, a integrante mais experiente do grupo, cuja idade variava de 14 a 30 anos.

Já a local, e dona da casa, aproveitou para ensinar disciplina para as mais novas. "Aprender, a gente sempre aprende; a Bruninha e Georgia ficavam mais conversando, mais brincando do que surfando. Eu disse: 'Ô, tem que conversar menos e surfar mais'", brincou Jacque Silva.

Jacque

Sem fotos de surf, este ensaio não pretende mostrar manobras nem rankings, mas a simplicidade e a beleza de nossas meninas do surf.

Ju Guimarães

Produção de Moda: Paula Lima  
Agradecimentos: Antiqueda, Billabong, Central Surf, Corpo e Arte, Miss Sirena, Rip Curl, Star Point e Wagon

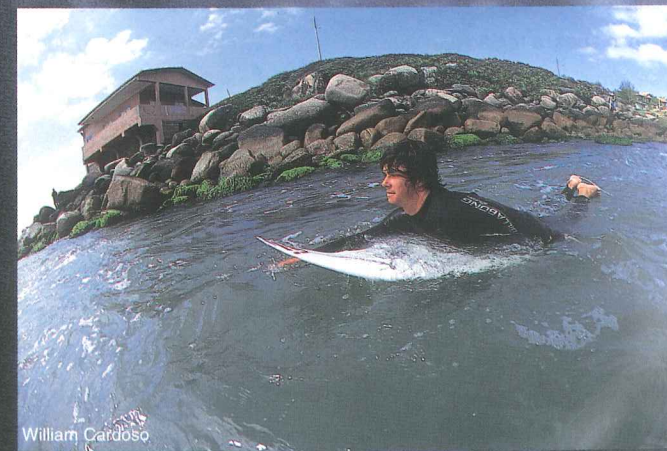


Texto Viviane Palladino  
Colaboração Aleko Stergiou e Levy Paiva

# f *redescobrimos* farol

O sul do Brasil esconde um farol que foi aceso em 1891 e nunca mais se apagou. Além de ser muito importante para a navegação, esse farol iluminou o cabo de Santa Marta, que hoje é um dos points mais visitados por surfistas. Dominada pelo vilarejo de pescadores e pelo turismo de verão, a região vem evoluindo aos poucos. Paulistas, cariocas, gaúchos e barrigas-verdes muitas vezes escolhem esse paraíso para passar as férias, embora a energia elétrica seja escassa e seja preciso atravessar uma balsa, que sai de Laguna, para chegar no local.

Grandes ondulações e as maiores correntes do litoral sul atingem o cabo, que é o primeiro "cotovelo" da costa, vindo do Sul. As boas ondas conhecidas por lá estão no Cardoso, a praia principal do farol e muito frequentada por big-riders para o treino de tow-in. Diz a lenda que já quebrou 4 metros ali, em boas condições de surf. Abençoando não só o Cardoso, o famoso vento sul bate terra em quase todas as praias, Grande, Prainha, Teresa, e qualquer ondulação funciona bem, de leste, sudeste e sul. Mas toda essa maravilha tem um preço: a água é congelante.



William Cardoso





Jeferson na toca do leão

Para esquentar, vale a pena apreciar a paisagem. A natureza é exuberante, mesclando as cores do verde típico do Sul às pedras basálticas nas montanhas, sem falar nas casas dos pescadores, que dão o clima rústico ao lugar. Além disso, o farol é um grande berçário de baleias francas no Brasil; é lá que elas dão à luz e criam os seus filhotes.

"Realmente, o farol é um paraíso, principalmente para surfistas de alma, porque lá não tem internet para checar condições; tudo volta a ser como antigamente, quando os surfistas buscavam as ondas por puro feeling. O lugar é tão abençoado que os ventos sempre são bons para a prática de surf", afirma o fotógrafo Aleko Stergiou, que já passou pela ilha mais de 10 vezes. Nos últimos cinco anos, a região tem sido cada vez mais divulgada, mas o que muitos não sabem é que o farol ainda esconde muitos segredos...

## A descoberta de novas ondas no farol

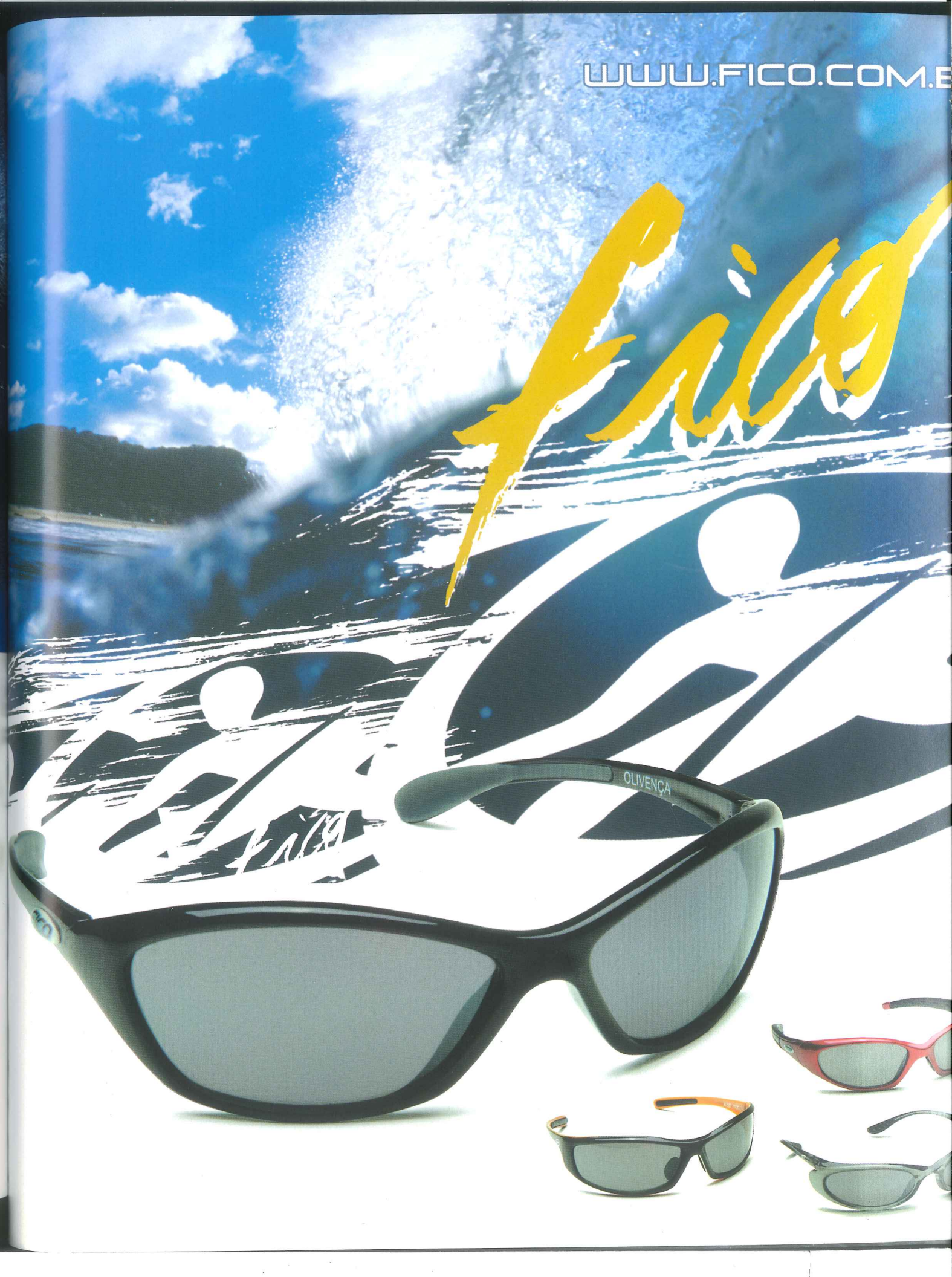
Após a etapa do Billabong Pro Junior 2004, que aconteceu na praia da Joaquina, em Florianópolis, na mágica ilha de Santa Catarina, os fotógrafos Levy Paiva e Aleko decidiram carregar a equipe da Billabong, formada pelo team manager Zé Paulo, e os atletas William Cardoso, Jeferson Silva e Ricardo Wedhauser (o Riquinho), para uma expedição por SC em busca de novas ondas. A viagem teria como missão mostrar aos atletas que surfista não vive somente de competições, mas da real alma surf, a busca infinita pela onda perfeita. E os fotógrafos, pela onda nunca antes fotografada.

Carregada de energia, porém cansada da viagem, a molecada foi desembarcar direto no Hotel Farol de Santa Marta, com vista para o farol e panorama quase de 360° para as praias. O ritmo era acelerado, como é em toda surf trip: acordar cedo, café da manhã reforçado, surf, banquete de peixes e frutos do mar no almoço, e fim de tarde nas ondas de novo. No primeiro dia, o swell bombava de sul/sudeste, e todos queriam seguir para o pico certo, Teresa. Ondas de 1 metro com séries constantes, e surf de gala. A praia é uma baía bem pequena, limitada por costões de pedra e casas de veraneio. Nela, uma direita muito longa quebrava em linhas paralelas às pedras, de forma lenta como o ritmo do lugar, proporcionando de cinco a seis manobras por onda.

O Zé Paulo, como bom chefe de equipe, foi o primeiro a cair na água. Riquinho, com o seu surf frenético, tratou de aplicar vários aéreos, Jeferson mandou cut backs rápidos e redondos e William desmontou as ondas com batidas retas e potentes, num surf de muita força e habilidade. À tarde, mais uma sessão na Teresa causou uma overdose de direitas em todos. As séries já passavam de 1 metro e o vento tava mais fraco, alinhando ainda mais as ondas.

Depois de alguns quilômetros surfados e outro banquete no jantar com muitas histórias de pescador, todos se recolheram aos seus quartos para um descanso merecido. O dia seguinte os acordaria com um bom susto. "Eu tava deitado vendo pela janela o gira-gira da luz do farol, adormeci, e ainda com essa imagem na cabeça acordei com alguém batendo na porta e gritando: 'Levy, acorda, já são 6 h da manhã e o mar subiu. Tem 2 metrões!'", lembra o fotógrafo.

A molecada ansiosa queria surfar a Teresa de novo, só que dessa vez,



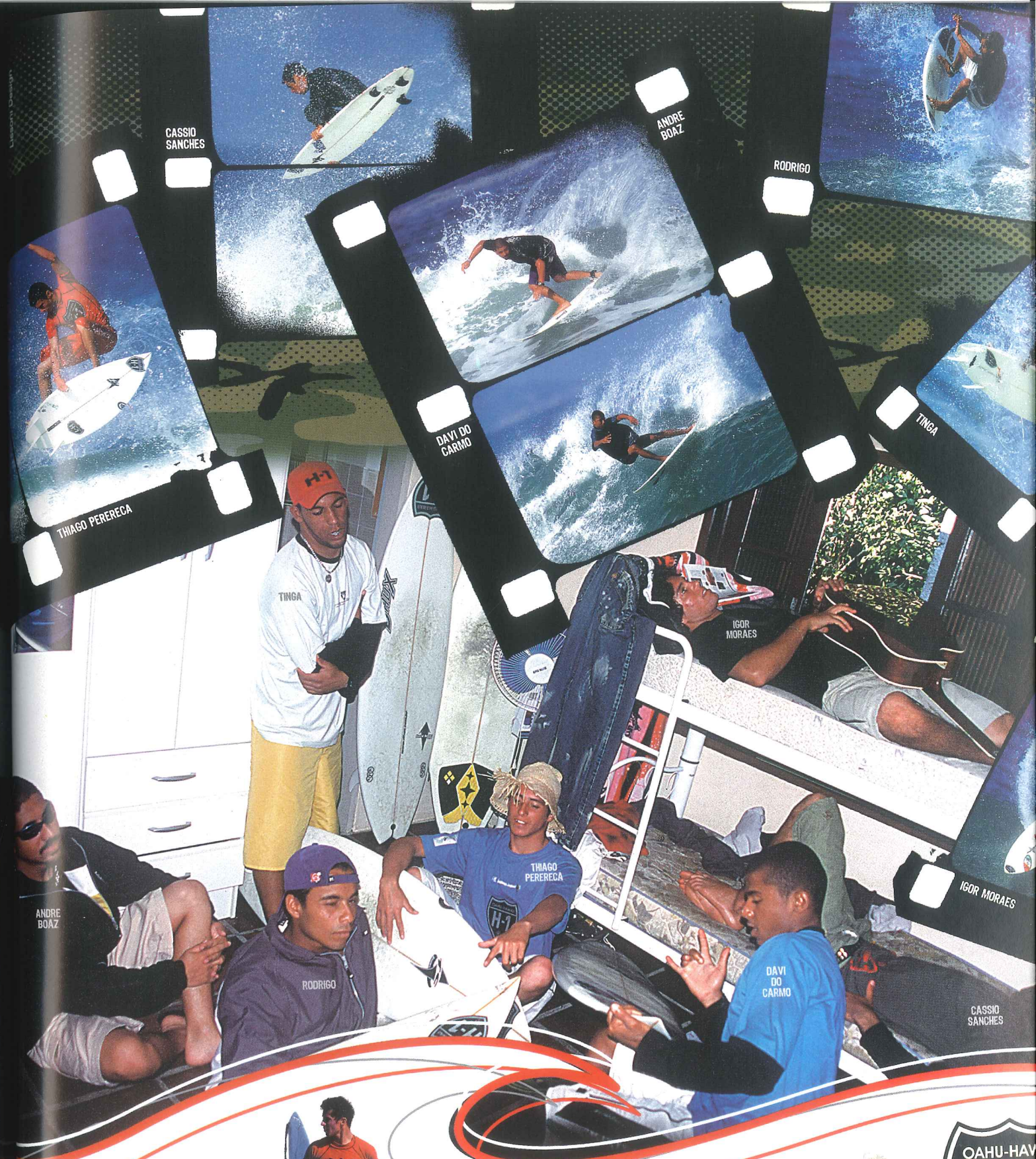




Riquinho tratou de dar vários aéreos



Jéferson Silva



**SURF TEAM**  
**04**   
revolution year  
[www.h1surf.com.br](http://www.h1surf.com.br)







"As linhas de séries com quatro ou cinco ondas nos davam a certeza de que toda a dificuldade e grana investida na empreitada tinha valido a pena"



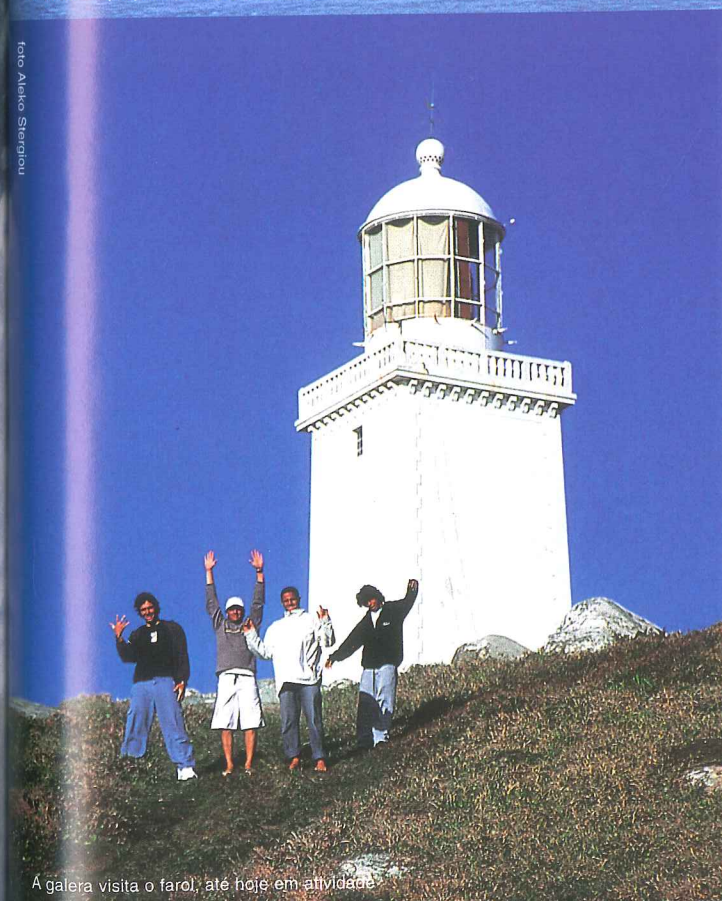


Jéferson Silva encantado com os tubos do Farol



William se prepara para jogar água para cima

foto Levy Paiva



A galera visita o farol, até hoje em atividade

bem maior. Mas a experiência falou mais alto, e veio de gente grande a idéia de explorar outras ondas da ilha. Montados todos na van, meio a contragosto dos que se apaixonaram pela Teresa, saíram em direção a uma nova aventura, quem sabe uma nova onda...

Sobe-e-desce nas estradas de terra, casinhas coloridas de pescador por todos os lados, a visão tentando buscar algum swell errante que tivesse entrado por outro lado da baía. À medida que o tempo passava, a adrenalina ia aumentando e a visão buscava pontos distantes de mar no horizonte. "Foi quando avistamos um véu de onda quebrando forte sobre a praia. Paramos o carro bem em frente ao pico. As linhas de séries com quatro ou cinco ondas nos davam a certeza de que toda a dificuldade e grana investida na empreitada tinha valido a pena", lembra o fotógrafo Levy.

Missão cumprida: novas ondas tinham sido encontradas. E a expedição da Billabong estava lá para conferir. William, Riquinho e Jéferson arrebentaram nas direitas fortes do outside e aproveitaram as esquerdas menores e tubulares que quebravam no inside. "O costão virou uma arquibancada, e o show desses três garotos gerou um fã-club de jovens locais que rodearam os surfistas, ao saírem da água", destaca Levy, que registrava tudo atentamente e, mais do que isso, guardava na história ondas nunca antes documentadas.

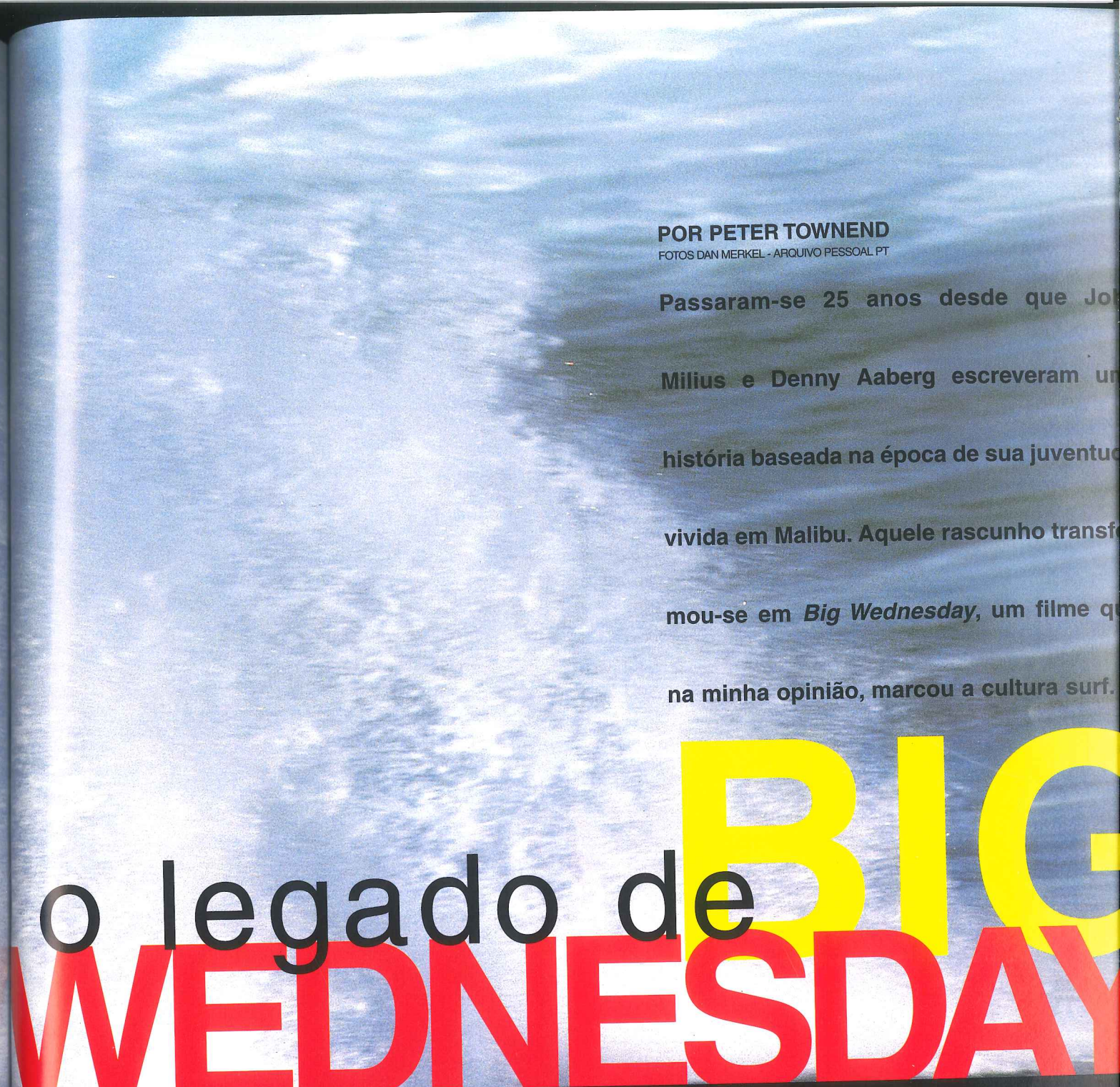
As fotos estão aí e falam por mil palavras. Curtam bastante, e preparem a sua expedição para o farol.

Quem sabe vocês a encontrem...





PT, dublê de Jack Barlow nas cenas de surfe, dropando Sunset, e, abaixo, cenas dos bastidores do filme



POR PETER TOWNEND  
FOTOS DAN MERKEL - ARQUIVO PESSOAL PT

Passaram-se 25 anos desde que John

Milius e Denny Aaberg escreveram um

história baseada na época de sua juventude

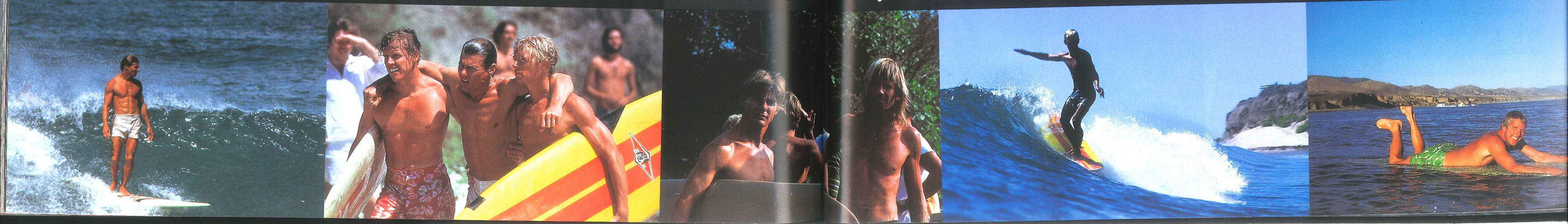
vivida em Malibu. Aquele rascunho transf

mou-se em *Big Wednesday*, um filme q

na minha opinião, marcou a cultura surf.

# o legado de **BIG WEDNESDAY**

“Chegará o dia em que o esperado acontecerá e, depois disso, nada será como antes”





Não estou dizendo isso porque tive a sorte de estar envolvido nessa produção, mas porque hoje a obra desfruta de um inacreditável status cultural.

Isso acontece porque a história contada no filme é real, escrita por surfistas de verdade, contando suas experiências de quando eram jovens, nos anos 60, e os três principais personagens desenvolvidos para o filme, Matt Johnson, Jack Barlow e Leroy, foram criados a partir de verdadeiros figurões daquela época, pessoas que poderiam estar em qualquer lugar do mundo, em qualquer surf city, ou em qualquer época.

Por exemplo, toda praia tem o seu Bear (personagem do filme, que é shaper e veterano). Se você cresceu em uma cidade litorânea, provavelmente lá havia um guru dos shaper, que muitas vezes exerceu o papel de pai da molecada, mentor das estrelas ascendentes, na vida real, talvez como Al Merrick (Channel Islands) e sua relação com Rincon/Santa Bárbara e Tommy Curren, ou o querido Joe Larkin em Coolangata (Kirra, hoje "Superbank"), que foi o Bear dos jovens Michael Peterson, Rabbit Bartholomew e PT nos anos em que formavam sua performance.

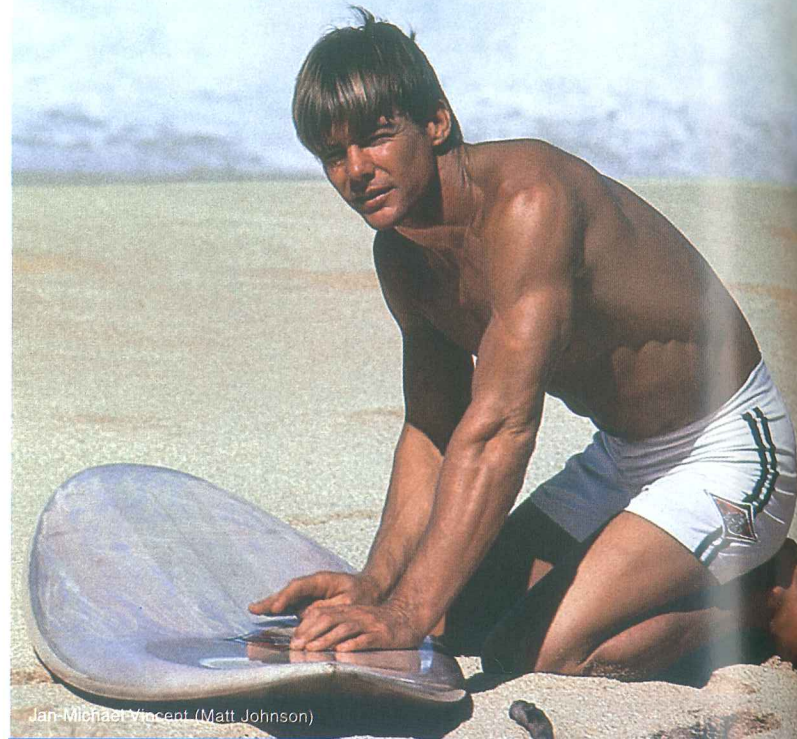
A verdadeira história de *Big Wednesday* está nos relacionamentos e amizades criados dentro da água, a partir da experiência do esporte. Desde a primeira onda, é essa investida que faz com que estejamos sempre em busca de uma próxima. Há uma cena no filme em que o meu personagem, Jack (PT dubla Jack Barlow nas cenas de surf), cai no mar pela última vez antes de ir para a Guerra do Vietnã, numa sessão sozinho para relaxar a cabeça, em que a pureza do individualismo de um surfista com o seu ambiente é captada como nenhum outro filme fez no nosso tempo. Porém, a cena da volta de Jack, após sobreviver à guerra, para a praia que freqüentava na sua juventude e a sessão com seus amigos faz referência a simplesmente tudo que a nossa cultura representa.

O surf nunca é tão bom quando estamos sozinho, dias dentro da água são verdadeiras reuniões da nossa tribo, e é aí que está o clímax do filme, o *grand finale*, na cena em que Bear, que virou catador de lixo, afirma: "It's just the lemon next to the pie..." ("É apenas o limão junto com a torta"). Naquele dia, conforme o swell vai crescendo, Matt, Jack e Leroy reúnem-se para a última sessão, aquela que todos esperamos, um dia como o que sonhávamos, e que testará nossas habilidades.

Esses traços da nossa cultura duram a vida toda, e as sessões de surf compartilhadas são contadas e recontadas em histórias para as próximas gerações. 25 anos depois, o filme *Blue Crush* é basicamente a versão feminina de *Big Wednesday*, as mesmas idéias, três amigas crescendo dentro do ambiente do surf, uma delas de Malibu e as outras, do North Shore havaiano. Mesmo sendo um filme bom, é difícil bater o original. A longevidade de *Big Wednesday* é estarrecedora.

Sei de pessoas capazes de recitar linhas de diálogos do filme, como quando o Bear diz: "É apenas o limão junto com a torta", frase que definitivamente sobreviveu às críticas, na época nada boas. O que também me faz lembrar das críticas musicais escritas sobre o Led Zepellin, que, quatro décadas depois, é aclamado como o inventor do hard rock.

O mesmo acontece com *Big Wednesday*. Se você nunca assistiu ao filme, ou não assiste há algum tempo, reveja, pois ele irá explicar suas crenças e reafirmar como é bom ser surfista e viver uma cultura como esta.



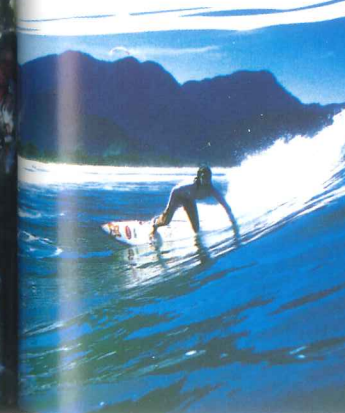
Jan-Michael Vincent (Matt Johnson)



George Greenough - master cameraman



Cena do casamento de Matt



Miss Sirena  
enjoy  
Your Freedom of  
style



Andrea

www.missirena.com



# THE MOONSHINE FESTIVAL FILM+MUSIC ART+PHOTOGRAPHY OCTOBER 9-10 2004 LAGUNA BEACH, CA

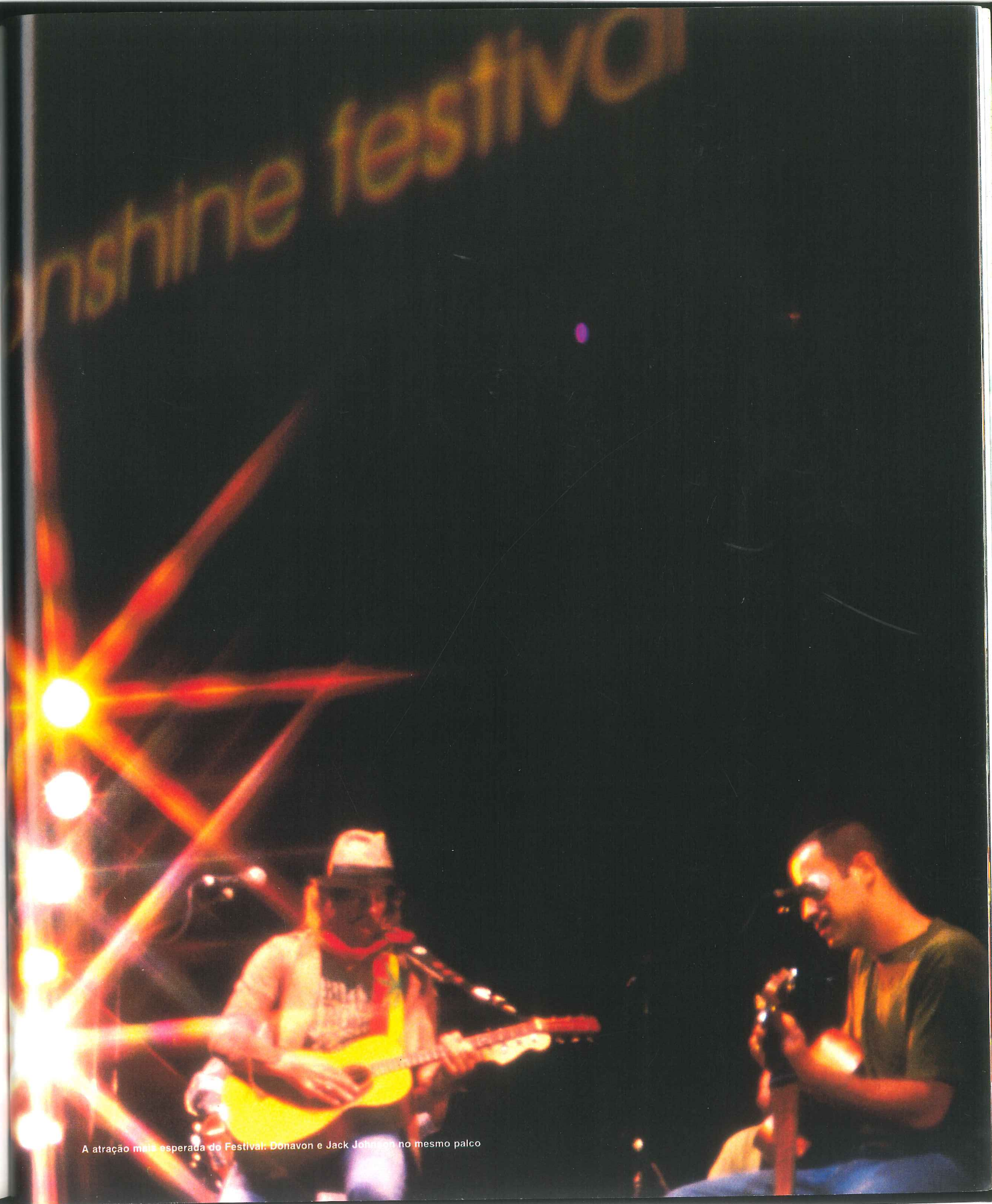
Fotos e texto **Juliana Morais**

Mais do que um evento de surf, o Moonshine Festival é um movimento alternativo que mistura arte moderna, fotografia, música, cinema e as mais diversas expressões inspiradas na cultura de praia.

Em sua segunda edição, o festival aconteceu na principal arena de arte de Laguna Beach e reuniu nomes como Jack Johnson, Donavon Frankenreiter, The Malloys, Andy Davis, Koji Toyoda, James Campbell e muitos outros que movimentaram o epicentro da cultura surf californiana em prol da beneficência.

Reunindo cerca de 5 mil pessoas em um final de semana clássico, o Moonshine provou que o oceano está cada vez mais perto das artes e da criatividade, inspirando novos estilos, comportamentos e personalidades.

É obvio dizermos que nos últimos anos o surf vem se destacando como um movimento artístico. Eventos, festivais, mostras e exposições ao redor do mundo vêm expondo suas mais diversas influências, culturas e visões por meio da arte. Liderados por surfistas em sua maioria, esses eventos vêm provando que a areia pode migrar para os grandes museus, anfiteatros e espaços culturais, tomando formato próprio dentro da área do entretenimento. Assim como a I Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf, o Moonshine não nasceu somente para divulgar o esporte, mas para mostrar ao público que o surf inspira, cria e ensina um estilo de vida.



A atração mais esperada do Festival: Donavon e Jack Johnson no mesmo palco





Anfiteatro de Laguna Beach, onde rolaram os principais shows

Idealizado pelo surfista Will Pennartz, proprietário da primeira galeria de surf arte (**The Surf Gallery**) em Laguna, e pelo filmmaker e diretor da produtora The Moonshine Conspiracy, Chris Malloy, **The Moonshine Festival** nasceu no mar, da idéia de reunir seus trabalhos, amigos e artistas em um só evento. Sua primeira edição, realizada em outubro do ano passado, foi intimista, reunindo cerca de 500 pessoas, com apenas alguns músicos e artistas locais de Laguna como expositores. Devido ao sucesso da edição, que vendeu todos os ingressos em apenas algumas horas, a dupla resolveu repetir o movimento, mas desta vez abrindo as portas ao grande público e abraçando a causa mais nobre de todas: a da beneficência. Pela total independência, os surfistas abriram mão de grandes patrocínios e bancaram o evento com o dinheiro do bolso. "Foi uma opção nossa. Mas temos certeza de que começamos um grande movimento e que estamos ajudando muita gente próxima que precisa de ajuda", fala Will, sobre as fundações beneficiadas, entre elas a Fight to Walk, de seu amigo Kevin Kroushinsky, que recentemente ficou paraplégico em Salt Creek, pico de surf de Orange County. Além dessa, outras entidades, como a Surfing Heritage Foundation, a Kokua, do Hawaii, e a Tuberous Sclerosis Alliance, receberam o lucro da venda dos ingressos.

#### Experimentalismo e criatividade no surf

Realizado este ano em outubro, o evento foi transferido para um local maior e muito mais especial, o Pageant of Masters. Um espaço clássico, entre as montanhas, que recebe os principais eventos artísticos de Laguna. Os ingressos, vendidos somente pela internet, se esgotaram rapidamente para o sábado, noite em que o grande chamariz Jack Johnson daria o ar da graça. Mas a programação do evento contou com muitas outras atrações para o final de semana. No saguão principal, música ao vivo, exposições de fotografia, de arte contemporânea, leilões de pranchas esportivas e relíquias, lançamentos de livros, DVDs, e venda de produtos culturais. Com o intuito de divulgar novas expressões de arte, o espaço foi reservado em sua maioria para artistas experimentais e fotógrafos, que não têm espaço nas grandes galerias. Nomes como Jeff Canham, David Kimball, Michael Leon, Alex Knost, Scott Soens (diretor de *Hallowed Ground*), Patrick Trefz e a fotógrafa que assina este texto puderam vender suas obras ao grande público. Isso, sem mencionar nomes clássicos como John Severson, Wolfgang Bloch, Jason Murray, Koji Toyoda e David Lloyd, que também tiveram seu lugar na mostra.

Quanto aos filmes, o tratamento foi o mesmo: nobre. Exibidos em película, na grande arena, os lançamentos foram a sensação dos finais de tarde.

*Sprout*, do fotógrafo, filmmaker e artista plástico Thomas Campbell, mostrou as inúmeras possibilidades que incluem bom roteiro, criação e tecnologia. Mesclando diferentes ângulos de imagens de ondas, fotografia, animação gráfica e uma criativa edição, Thomas provou que filmes de surf podem ser muito mais divertidos e ricos do que os hardcore surf movies. Outro título que mereceu destaque foi *Broke Down Melody*, de Emmet e Chris Malloy (mesmos diretores de *Shelter*, *Thicker than Water* e *September Sessions*), que, além de mostrar os lugares mais perfeitos do mundo, ainda dá uma aula de surf, body surfing e respeito pelas ondas, reunindo ícones do surf como Gerry Lopez, Jack Johnson, Kelly Slater, Rob Machado, Tom Curren, Dan Malloy e outros. Depoimentos inéditos, imagens de tirar o fôlego e uma trilha sonora alucinante. Ambos serão lançados em 2005 no Brasil.

#### Show mágicos em noites estreladas

Na programação noturna as atrações ficaram por conta dos músicos. Os estilos, que variaram entre folk, mellow rock, voz e violão, encaixaram-se perfeitamente no clima do festival, que reuniu boa música, público alternativo, arte moderna e noites estreladas de final de verão. Sábado se apresentaram Tommy Guerrero, White Buffalo, Ray Barbee, Culver City Dub Collective, Donavon Frankenreiter e Jack Johnson, que antes de subir ao palco nos recebeu no backstage para uma expression session, com músicas de seu novo álbum – que seria gravado no outro dia em Oahu. De sandálias e acompanhado de um banquinho e de seu violão, o havaiano tocou suas famosas baladinhas, levando o público ao delírio. Não satisfeito em tocar deliciosamente por uma hora, voltou para o bis trazendo seu amigo Donavon, para mais uma seqüência memorável. "Faço muitos shows, mas este foi especial... eu estava inspirado, cercado de amigos, bons músicos e tocando por uma causa", falou Jack, que também comentou sobre sua vontade de tocar no Brasil em breve.

Na última noite, músicos como o japonês Mac & Masaru, o inglês Neil Halstead do Mojave 3, Matt Costa, Mt. Egypt, Tristan Prettyman e James Mercer, da banda The Shins, levaram o público mais alternativo para a arena, que foi encerrada por Will Oldham e Dan Malloy, com o velho e tradicional som folk da Irlanda. "Assistindo a tudo aquilo, os músicos, as artes e as pessoas naquele lugar maravilhoso, percebi que meu sonho tinha se tornado realidade. O festival saiu exatamente como eu imaginava, e creio que foi inesquecível para muita gente", falou Chris Malloy, em estado de graça.

Já na private party do evento (para 200 pessoas), quem apareceu para um show intimista foi G-Love (da banda G-Love and Special Sauce), que com seu funk & blues fechou com chave de ouro o final de semana abençoado. E sobre o futuro do festival, a dupla de realizadores já tem planos. Pretende levar o sucesso para alguns destinos do mundo... e, para a nossa sorte, o Brasil é um dos países que encabeça a lista.

# TRIP

Sri Rameswar Puri, naga-baba indiano e praticamente um editor convidado, recebe seu exemplar de assinante das mãos de Arthur Veríssimo

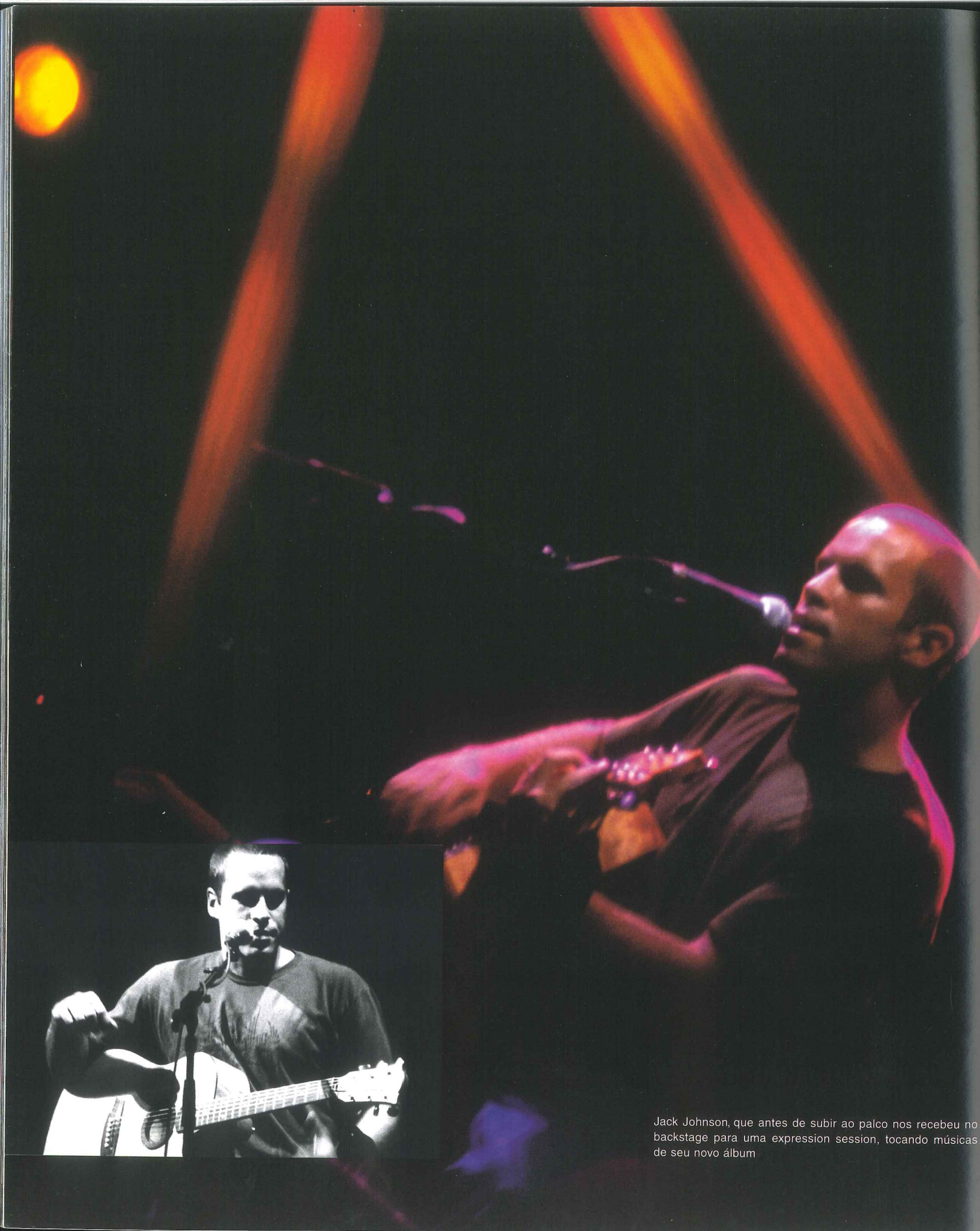


Assine *TRIP*  
pelo tel.: 3038.1480  
das 9h às 20h.

Editora

[www.trip.com.br](http://www.trip.com.br)





Jack Johnson, que antes de subir ao palco nos recebeu no backstage para uma expression session, tocando músicas de seu novo álbum

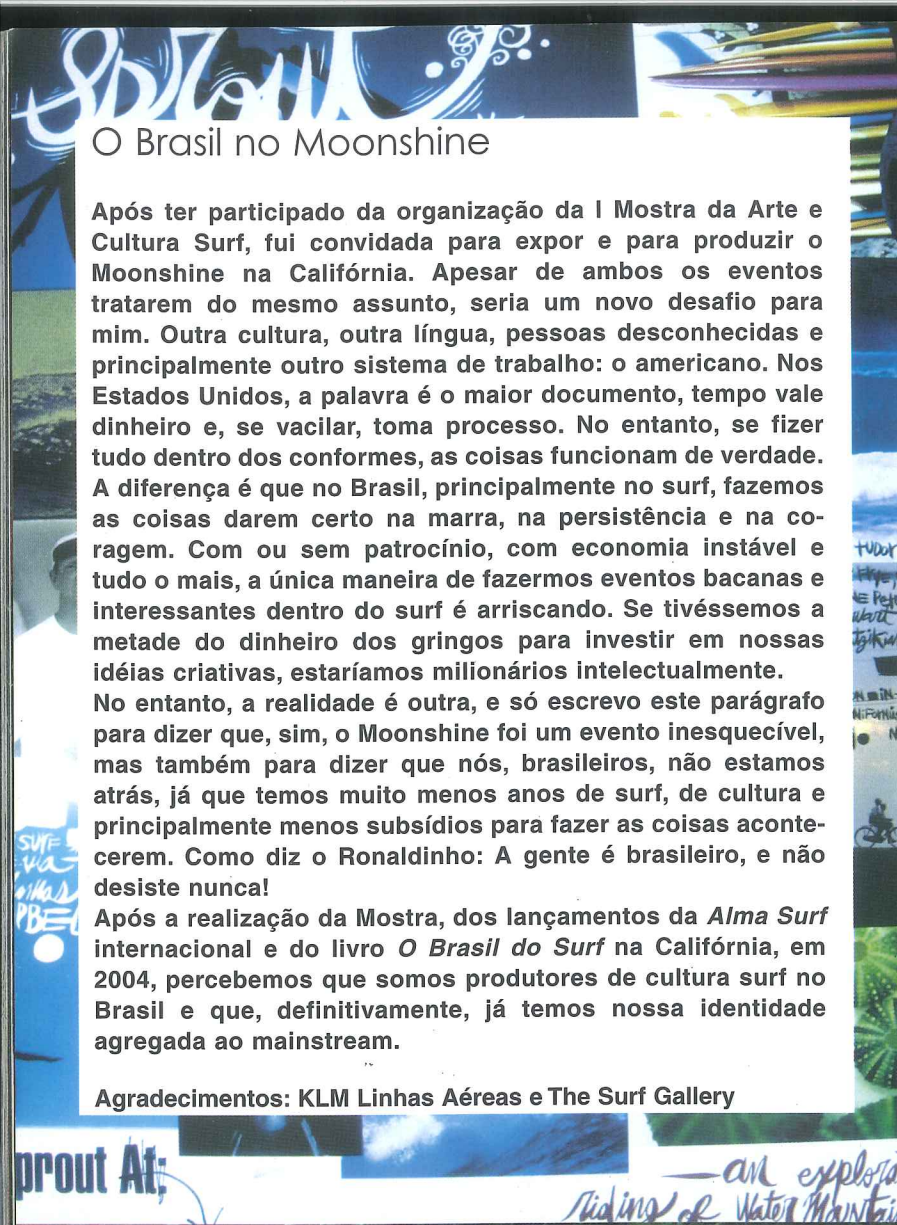
Fit You better

# Litoral Brasil



[www.litoralbrasil.com](http://www.litoralbrasil.com)



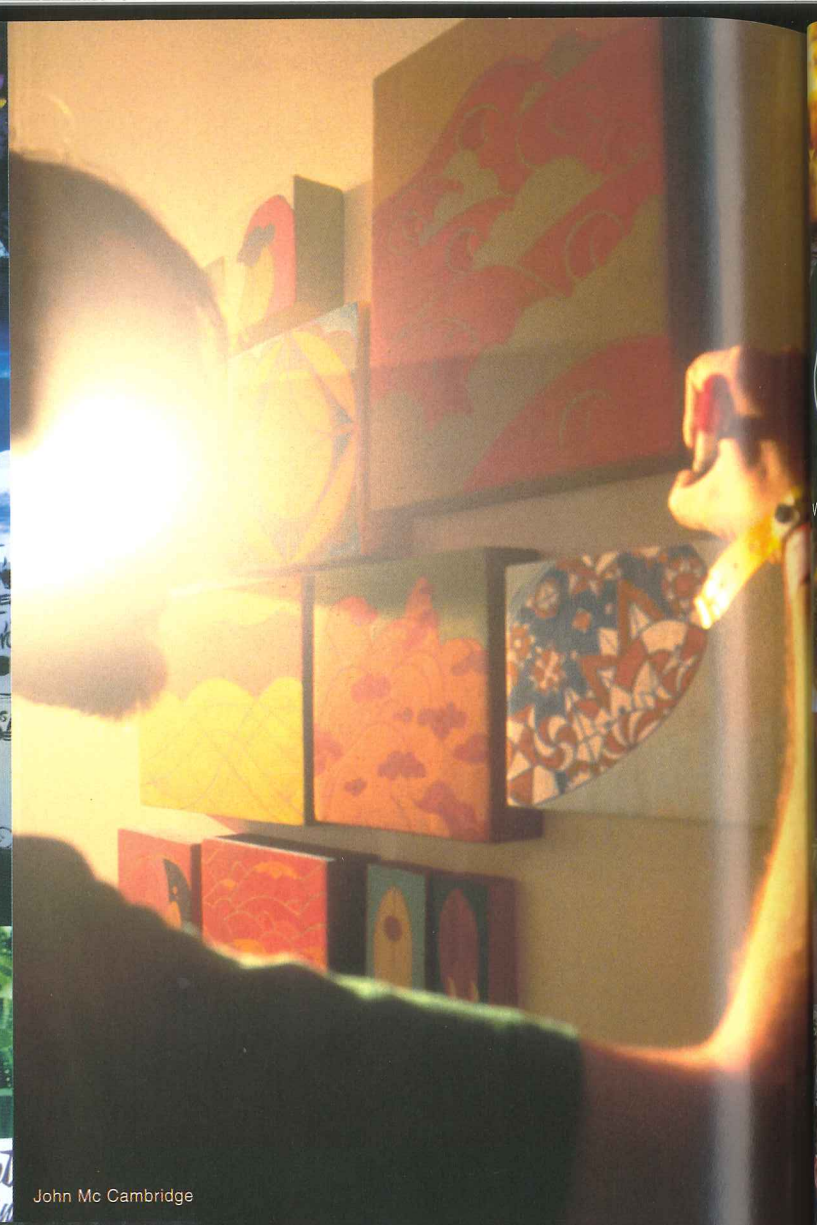


# O Brasil no Moonshine

Após ter participado da organização da I Mostra da Arte e Cultura Surf, fui convidada para expor e para produzir o Moonshine na Califórnia. Apesar de ambos os eventos tratarem do mesmo assunto, seria um novo desafio para mim. Outra cultura, outra língua, pessoas desconhecidas e principalmente outro sistema de trabalho: o americano. Nos Estados Unidos, a palavra é o maior documento, tempo vale dinheiro e, se vacilar, toma processo. No entanto, se fizer tudo dentro dos conformes, as coisas funcionam de verdade. A diferença é que no Brasil, principalmente no surf, fazemos as coisas darem certo na marra, na persistência e na coragem. Com ou sem patrocínio, com economia instável e tudo o mais, a única maneira de fazermos eventos bacanas e interessantes dentro do surf é arriscando. Se tivéssemos a metade do dinheiro dos gringos para investir em nossas idéias criativas, estaríamos milionários intelectualmente. No entanto, a realidade é outra, e só escrevo este parágrafo para dizer que, sim, o Moonshine foi um evento inesquecível, mas também para dizer que nós, brasileiros, não estamos atrás, já que temos muito menos anos de surf, de cultura e principalmente menos subsídios para fazer as coisas acontecerem. Como diz o Ronaldinho: A gente é brasileiro, e não desiste nunca!

Após a realização da Mostra, dos lançamentos da *Alma Surf* internacional e do livro *O Brasil do Surf* na Califórnia, em 2004, percebemos que somos produtores de cultura surf no Brasil e que, definitivamente, já temos nossa identidade agregada ao mainstream.

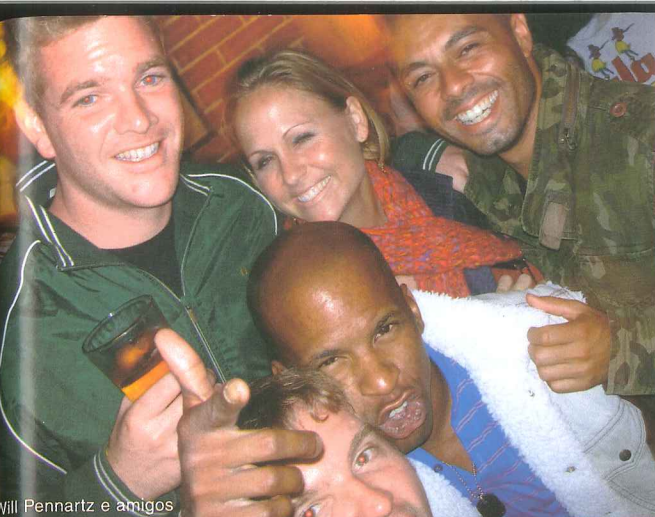
Agradecimentos: KLM Linhas Aéreas e The Surf Gallery



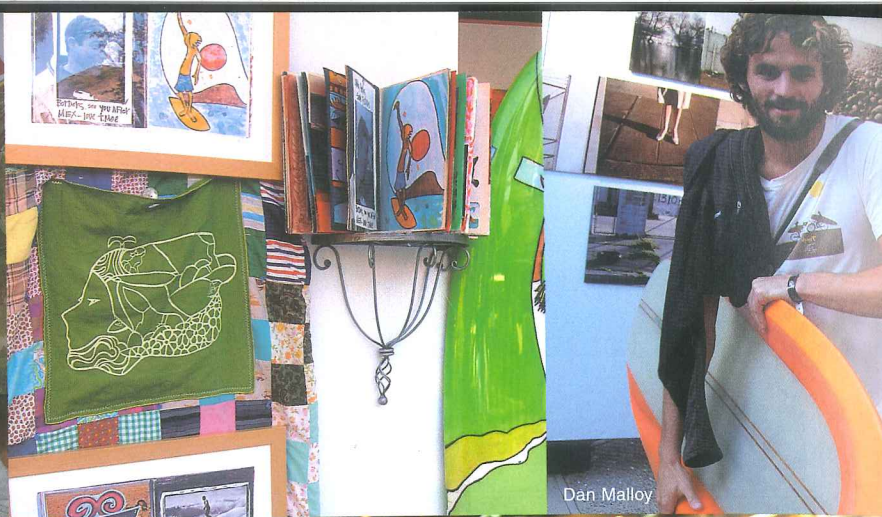
John Mc Cambridge



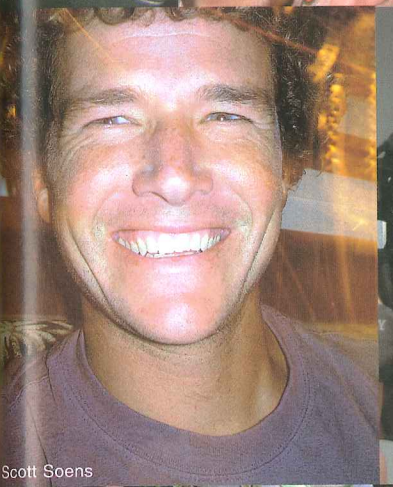
G-Love



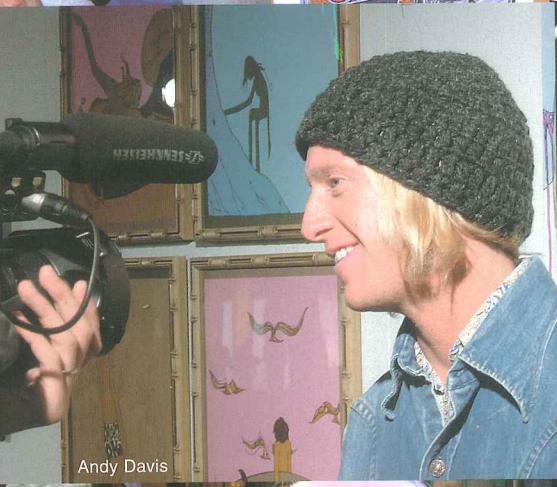
Will Pennartz e amigos



Dan Malloy



Scott Soens



Andy Davis



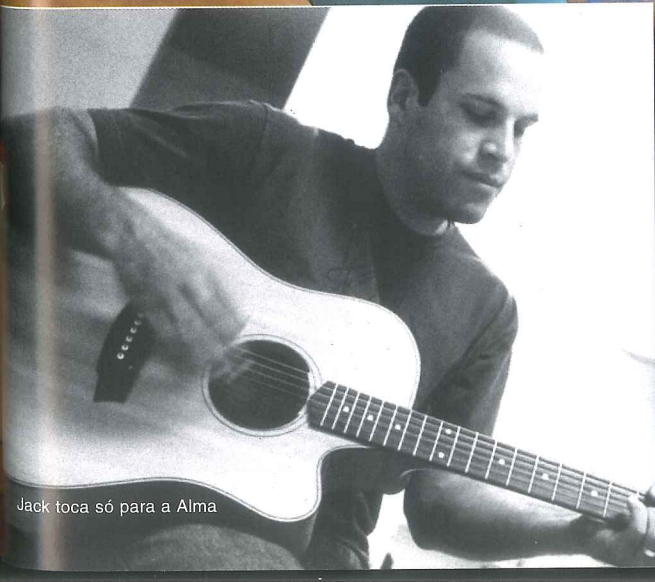
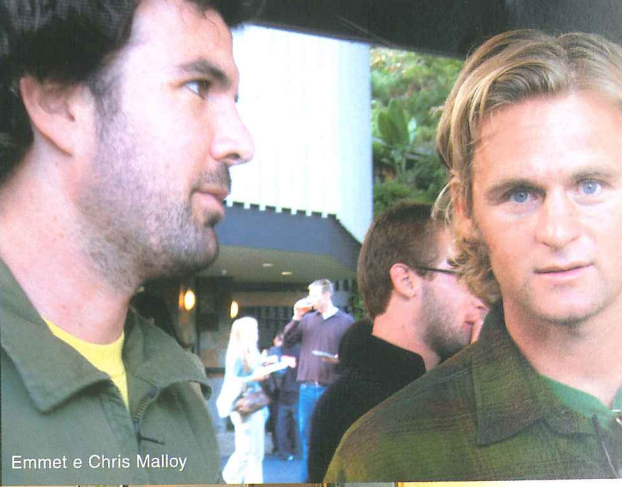
Wolfgang, Ju Morais e Romeu Andreatta



Mike Salisbury, Steve Pezman e, ao fundo, Maria Andreatta



Emmet e Chris Malloy



Jack toca só para a Alma







# COOL TRIP 2004 O CLÁSSICO E O NOVO

Por Andrés Pinilla

A primeira vez que ouvi, ainda moleque, o nome de uma estação de esqui foi de amigos que haviam ido esqui em Bariloche. O nome do lugar não significou muito pra mim até 92, quando fiz minha estréia nas montanhas, na então desconhecida Mammoth Mountain, com meu amigo de fé e irmão camarada Leo Clark. Em busca de novas aventuras, fomos conferir Valle Nevado no inverno de 1995. Dessa vez, Isabel, irmã dele, que na época era iniciante (e hoje é uma das principais snowboarders brasileiras), nos acompanhou. Nessa mesma temporada, conhecemos o Oskar Metsavaht, até hoje parceiro de todas as trips e que viria a ser o primeiro brasileiro a surfar as montanhas do Alasca.

Esses pensamentos habitavam minha cabeça desde que definimos que a Cool Trip Osklen desse ano seria para Bariloche. Talvez pela sensação de algum fator estar conspirando para juntar tantas pessoas e elementos que fizeram e fazem parte do universo da neve, era como se fosse um prenúncio de que seria uma viagem a ser lembrada. Memórias clássicas ocupariam nossas mentes enquanto novos momentos seriam eternizados. Desenhar nossas marcas nas montanhas e lembrar muito do que passamos ao longo de várias temporadas.

Eu, enfim, conheceria Bariloche, marcando o start da parceria firmada com a galera da College Tur, que simplesmente comanda o pico. Serginho, parceiro de várias aventuras, após 13 anos sem andar de snow, voltaria a surfar na neve. E assim fui, viajando para o aeroporto internacional do Rio, embarcando em mais uma Cool Trip.

Nossa trip começou na Argentina, em Bariloche, durante uma semana de energias altamente positivas na companhia dos amigos, e se encerrou no Chile, com a descoberta de um novo pico, documentado e relatado pelo Serginho num diário de bordo, que capta nossa emoção dessa experiência. Um presente do destino. Daqueles que fazem você acreditar que Deus existe, é brasileiro e se amarra na sua.

Foram duas semanas fazendo a cabeça nos Andes com muita alegria, amizade, emoção, curtidão e, logicamente, uma overdose de snowboard. Quinze dias em que o clássico e o novo confirmaram meu pressentimento e coroaram nossa viagem numa Cool Trip inesquecível.

7h00 da manhã de domingo é um horário ingrato. Foi nessa hora que cheguei ao aeroporto, me arrastando de sono. O grupo já somava aproximadamente 70 integrantes, e, quando os encontrei no aeroporto, o sono deu lugar ao alto-astral, aquela sensação única de satisfação que antecede uma snow trip. O vôo até Buenos Aires é rápido, e a galera tava bem animada e desperta, ansiosa pela chegada, onde o nosso staff estaria nos aguardando. O caminho para Bariloche beirava o Nahuel Huapi, um lago gigantesco cercado de montanhas nevadas. "Um visual incrível dando as boas-vindas ao nosso grupo", lembra Serginho.

Devidamente instalados, hora de preparar as pranchas pra acordar cedo e matar a fissura de quase um ano sem andar de snow. Diferentemente dos outros resorts sul-americanos, formados por complexos de hotéis isolados, Bariloche é uma cidade, agitada, repleta de lojas, bons restaurantes e inúmeras fábricas de chocolate. Além de ter uma night intensa nos pubs e clubs lotados de adolescentes, que vêm em inúmeras excursões e garantem a festa na cidade.



Vista do topo de Corral



Chegada em Corral



Andrés



O vulcão Villarica, em Pucón, Chile





Vista do vulcão Villarica



Ecotrack



Carabineiro



Serginho - grab

Na manhã seguinte, depois de um café da manhã sarado, partimos para a montanha. Hora de dropar Cerro Catedral, o pico de Bariloche. Missões habituais de um primeiro dia: pegar os passes, alugar equipamentos, mostrar os principais pontos de encontro... pronto, a galera se espalhava montanha afora. Cada um atrás de sua aventura individual.

Bariloche, que já foi o principal centro de esqui do continente, investiu pesado nos últimos anos em infra-estrutura e serviços para modernizar e recuperar o prestígio de antes. Cerro Catedral, a montanha, é grande e com pistas amplas e de todos os níveis. Não importa o tamanho ou a diversidade de nível do grupo, há opções para todos. Além disso, o parque expandiu a área esquiável, proporcionando facilidades de moradia e benefícios aos atletas profissionais numa parceria com a elite argentina dos esportes de neve. Assim, a região voltou a ser palco das mais conceituadas competições, concentrando atletas de alto nível técnico.

Nas snow trips, normalmente, o fim do dia é o momento de encontro da galera. No primeiro dia, fomos direto para o Mute, um pub na base da montanha onde a galera foi recepcionada pelo multifunções Pablo Divita, pro rider, instrutor de snow e saxofonista, que se apresentava com sua banda no local, e pelo Marco. Dois dos mais respeitados cidadãos locais, que facilitaram nossa estadia em todos os aspectos possíveis. "They got the funk", como diz a letra de um dos hits da sua banda.

Em todas as Cool Trips fazemos matérias sobre o esporte e sobre o resort que nos recepciona. Dessa vez, o *Esporte Espetacular* nos acompanhou com uma incansável equipe para produzir uma série de reportagens. Eu e Leo contribuimos com algumas imagens de ação, mas para isso foi essencial a presença do Pablo e do Marco. Nada melhor do que ter uma galera local ao seu lado para explorar o resort, mostrar as melhores pistas e compilar todas as informações e histórias que serviriam de pauta.

A semana em Bariloche seguiu essa maravilhosa rotina, com cada grupo vivendo as suas aventuras na montanha, para se reunir no final do dia, dividir experiências, mostrar imagens, contar histórias e celebrar. Com direito a muito vinho e Quilmes, a cervia local, e sempre ao som de Pablito & cia.

Desde a saída no Brasil, eu e o Serginho já havíamos combinado de estender a nossa viagem, mas sem um destino definido. Após uma semana na Argentina, decidimos então seguir para Pucón, no sul do Chile, e conhecer mais um point de snow. O Vince, nosso amigo californiano, também resolveu nos acompanhar. Como sempre, o Marco fez as conexões necessárias e, em 1 dia, agilizamos a trip de ônibus, rumo a San Martín de Los Andes e depois Pucón, onde o nosso amigo Gui, parceiro das Cool Trips de Chillán, nos esperava.

"O ônibus em que estamos agora é totalmente rastafári, e pelos meus cálculos deve ser de 1985. Trata-se de um microônibus, que parece ter motor de trator. Mas pelo timing e preço da passagem (22 pesos), realmente não poderíamos esperar muito mais", registrou Serginho no seu diário de bordo. Chegamos a San Martín de Los Andes às 2h00 da manhã. Deixamos as malas no hotel do amigo Marco e partimos para uma noite no Club Experience, típico barzinho de montanha, para darmos uma relaxada antes de seguirmos para a rodoviária. Chegamos no terminal de madrugada, e por sorte compramos os últimos três tickets disponíveis para Pucón.

Durante a viagem, tivemos que parar duas vezes, uma no controle de doenças e outra na alfândega, onde fomos revistados minuciosamente e preconceitosamente pelos agentes chilenos, que por muito pouco não nos grampearam ali mesmo. Meu passaporte estava vencido e minha carteira de identidade, literalmente se desfazendo. Mas felizmente acabamos sendo liberados e pudemos seguir em frente. Chegamos a Pucón pela manhã. A cidade é o





Andrés Pinilla

centro turístico de esportes radicais da América do Sul, onde é possível praticar ski, snowboard, rafting, mountain bike, rapel, tirolesa e muitos outros esportes que elevam a adrenalina ao topo do vulcão. O snow em Pucón é feito no Villarica, um vulcão em atividade cuja altitude no topo é de cerca de 3.000 metros.

Após um jantar regado a vinho e paella, acordamos cedo no dia seguinte para andar de snowboard. Mas ventava muito, e os lifts estavam fechados. Fomos então fazer um rafting. O pessoal da Politur ([www.politur.com](http://www.politur.com)), uma das empresas que oferecem esse serviço, veio nos buscar no hotel, e partimos em direção à ação. Tivemos uma aula de meia hora antes de entrarmos no rio. Segurança em primeiro lugar. Fizemos um rafting de nível 3.5. Para referência, o nível 6 normalmente não se faz, pois põe a vida em perigo. A descida durou cerca de uma hora, e passamos por quatro rápidos, que são as partes onde precisamos estar atentos e remar através de ondas para manter o bote no trajeto ideal. A adrenalina rola solta, e a equipe precisa estar atenta aos comandos do guia, remando com sincronia e muita energia. Na chegada, guardamos o bote e os equipamentos e brindamos com pisco, bebida nacional do Chile, que aquece até a alma.

Depois de nossa aventura, eu e Serginho fomos almoçar num pequeno restaurante onde encontramos Cláudio, um dos guias da Politur. Falamos que estávamos à procura de neve powder (fofa) e ele nos falou sobre um resort recém-inaugurado, onde trabalhava um grande amigo dele, e que ficava a três horas de carro dali. Segundo ele, lá nevava muito, mas o lugar era praticamente desconhecido. Logicamente, ficamos amarradões com a notícia e fomos nos informar melhor na internet e pôr pilha na galera.

Com os lifts ainda fechados devido ao forte vento, partimos em direção a Corralco, o novo centro de esqui que Cláudio indicou. Alugamos um coche (automóvel) e partimos munidos de mapas e muita disposição. Já estávamos havia três dias sem andar de snow e não víamos a hora de chegar nessa montanha ainda desconhecida. Então, pisamos fundo, viajando a 140 km/h. Mas alguns carabinieri (policiais) atrasaram a nossa viagem. Os policiais fazem parte do exército e deixam qualquer estrangeiro aterrizado como se ainda estivesse na época da ditadura. Após o sufoco, seguimos por uma estrada de natureza exuberante, com muitas fazendas de gado, paisagens bucólicas e lagos. Esse visual nos ajudou a manter a calma e curtir a trip.

## CORRALCO – um secret spot

Chegamos ao centro de Corralco junto com Gui, Vitor e Gordi, todos fissurados para andar. A montanha tem uma quantidade de neve incrível. A concessão do espaço é nova, o resort ainda está em desenvolvimento. Existem apenas dois lifts e um hotel com 10 quartos, um verdadeiro snow camp embrionário localizado na província de Malalcahuello, uma reserva nacional preservada.

Depois de altas descidas, com muitas paredes de neve fofa, tínhamos a certeza de ter descoberto um "secret spot de powder". O sorriso na cara de cada um de nós expressava melhor que qualquer palavra o que estávamos sentindo após traçarmos curvas virgens na montanha toda.

Tudo parecia estar a nosso favor. Assim que paramos, ainda extasiados, encontramos o Álvaro, que era o contato indicado em Pucón, e ele nos apresentou a Don Raúl, gerente-geral de Corralco, que nos acolheu prontamente em troca de produzirmos material de foto e vídeo para o resort. Ficamos, então, hospedados por alguns dias no charmoso hotel de Corralco com a equipe reunida, munidos de pranchas e câmeras. Para a nossa alegria, Raúl tinha nos deixado dois snowcats (tratores que fazem a manutenção das pistas) disponíveis e um ecotrack (outro trator, de menor porte). Verdadeiros monstros de locomoção na neve, os cats conseguem atingir pontos de alta inclinação e altitude, devido à potência dos motores e ao sistema de tração desenhado especialmente para a neve. Assim, podíamos escolher qualquer pico que quiséssemos.

Era inacreditável. Acordávamos cedo e partíamos nos cats em busca de novas descidas alucinantes. "É impossível descrever a sensação de surfar as montanhas com neve virgem, é algo incrível, único...", lembra Serginho. Paredes de neve into-

cada onde podíamos desenhar as linhas que quiséssemos. Descemos picos paradisíacos, documentando cada curva e local inexplorados. Parecia um sonho se transformando em realidade.

Após fazer a cabeça nas sessions diárias de powder, voltávamos para o hotel, onde Don Raúl nos esperava para mais um final de tarde típico: pisco sour, aquecimento a lenha e boas histórias para contar. Depois, revisávamos o material produzido, para poder reviver nosso dia e ainda melhorar alguns pontos para a próxima sessão. Fizemos uma entrevista com Don Raúl, em que ele pôde contar mais sobre sua história na neve e nos negócios: como ele chegou até Corralco e que direção pretendia dar a esse novo centro de esqui: administrar e explorar a montanha de forma sempre consciente, com muito respeito à natureza local e às pessoas que moram no povoado de Malalcahuello.

Depois de dias épicos em Corralco, partimos de volta a Pucón. Todos estavam com a cabeça feita, o corpo cansado e a mente ainda pensando nos momentos que passamos durante esses dias maravilhosos. Chegamos famintos e cansados, porém extasiados com nossa experiência. Comemos e voltamos ao hotel, para planejar a volta ao Rio de Janeiro.

De Pucón para Bariloche, onde chegamos a tempo de dar uma última volta pela cidade e jantar no El Nuevo Gaucho antes de subir ao Cerro. Na casa do Pablo, tomamos vinho e várias latas de Quilmes enquanto contávamos nossas aventuras em Corralco. Passamos a noite na casa do Marco, a pessoa que mais nos ajudou naquela cidade. No dia seguinte, embarcávamos para Buenos Aires e, em seguida, Rio de Janeiro, de volta à vida real. Mas agora com um tesouro de valor incalculável nas mãos: as memórias de uma experiência única na descoberta de Corralco, um lugar novo que tem tudo para se tornar um clássico.

“Depois de altas descidas na neve fofa, tínhamos a certeza de ter descoberto um secret spot de powder”

“É impossível descrever a sensação de surfar as montanhas com neve virgem.”

Gui - grab

Fotos Pura Comunicação  
Colaboração Comparsas Comunicação  
Apoio Osklen Cool Trips, Evoke Eyewear e Corralco

Andrés - carving



# SURFCÓSMICO

P O R T A I U

Os dias, os minutos, o tempo, não param. O novo milênio já começou há cinco anos e as previsões pessimistas que ouvi naquela época (1999), que eram de aumento da violência, da fome, das doenças, da sede e do aquecimento global, estão se confirmando. As tecnologias avançadas, como o computador e o celular, são as poucas vantagens desta nova era.

O terrorismo está pesado. O mundo sempre viveu em guerra, porém o que está acontecendo após os atentados de 11 de setembro é sinistro e sem fim. O fanatismo e a divisão radical – islâmicos x ocidentais – está gerando um clima tenso, principalmente para quem deseja viajar mundo afora.

Geograficamente e para um surfista em busca de boas ondas, o nosso planeta é maravilhoso. Porém, hoje estamos sujeitos a explodir dentro de um avião, num aeroporto ou numa night em Bali, a troco de terrorismo. Qualquer lugar está exposto a ataques de revide deles. Digo revide porque infelizmente a política do atual imperador da América [sr. George W. Bush] está incendiando ainda mais o ódio dos “maníacos” por Alá do Oriente Médio. Infelizmente o mundo em que vivemos está tenso, o surf está crowd e o clima está cada vez mais alterado. Sem falar do outro perigo iminente que ronda a Terra: os supervírus, ultra-resistentes aos antibióticos, que andam matando muitos com direito a sofrimento.

Estamos vivendo quase ou senão no limite populacional somado ao caos socioeconômico, mas para quem tem a felicidade de extrair o prazer das ondas, a Terra pode ser considerada um paraíso cósmico. Fazer o quê? Surfar e dar risadas enquanto pudermos, pois temos sorte de viver no Brasil. Apesar de algumas coisas, este país ainda é um lugar tranquilo. Temos de nos orgulhar de não termos participado da “Coalizão dos Infelizes”.

Outra válvula de escape boa seria viajar... Para onde? Na imaginação... participar de uma mudança radical. Fechando os olhos, imaginei um planeta idêntico à Terra. A viagem seria formada por 300 homens e 300 mulheres. Todos físico-psico-intelectualmente acima da média terrestre. Surfistas com formação acadêmica, e idade entre 19 a 45 anos. Neste grupo também estariam médicos, advogados, jornalistas, engenheiros, cientistas, farmacêuticos, biólogos, ecólogos, fazendeiros, e pessoas eficientes sem diploma, para formar um grupo “de resposta” e dar início a uma colonização extraterrestre. Eles estariam se mudando de foguete para outro planeta, chamado Terra 2. Munidos de equipamentos com tecnologia básica.

Pranchas, eletrodomésticos, carros e outros elementos materiais funcionariam com a energia solar. Uma nova civilização humana, num planeta virgem e longe da ganância e da destruição dos gigantes e poderosos.

E lá fomos nós. O visual da chegada foi demais. Planícies e montanhas totalmente intactas. Tudo igualzinho à Terra. Todas as plantas, peixes e animais do nosso planeta são os únicos felizardos habitantes desse paraíso. Tubarões não existem. A praia é branca, de areia fininha e perto da água dourada.

A paisagem, verde-clarinha e forte, um pouquinho de amarelo, com aquele cheiro de orvalho na vegetação. O céu, azul-turquesa e lilás, e a tarde

nascendo num arco-íris bem atrás do pico batizado de Outerspaceport.

As ondas perto de onde a nave pousou são azuis, cristalinas, longas e perfeitas, enroscando para os dois lados e quebrando na bancada perfeita de corais. Jeffrey's Bay de água quente para a direita e Desert Point para a esquerda, de 5 a 8 pés, com terral fraco, e sem crowd.

A lei é se organizar, surfar e procriar... Seiscentos seres humanos têm a responsabilidade de dar início a uma nova civilização. Imagino que talvez essa nova raça, the surfers, conseguisse produzir um planeta que nem exista na imaginação. Acho que a viagem começou, e a continuação fica por conta dos neurônios de cada um de vocês...

Aloha,

Taiu

FOTO NILTON BARBOSA

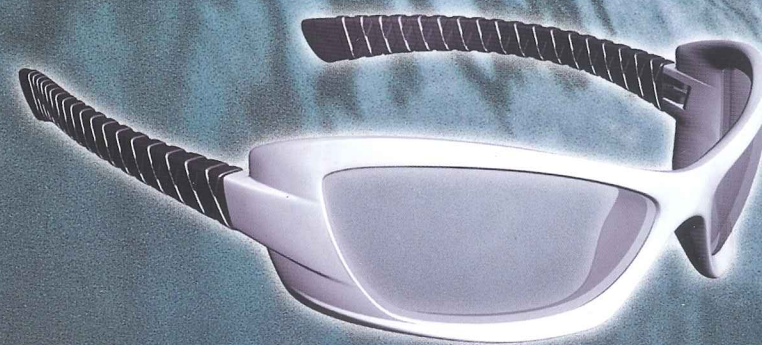


# SPY

www.spy.com.br  
spyvend@spy.com.br

## A DIFERENÇA ESTÁ NA CARA

SPY

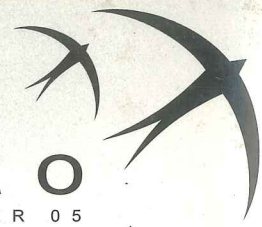


LANÇAMENTO - 040 - Modelo Bogu



Atleta Felipe Freitas  
Foto Eduardo Moody





vento  
OSKLEN SUMMER 05



**Osklen**